56330001 - Ed. 59 - Ano VI - N.º 05 - Cr$ 9 000,00

INÉDITOS!! TUDO QUE VOCÊ NÃO PÔDE VER NO CINEMA EM VÍDEO!!

SET

EXEMPLAR DE ASSINANTE
VENDA PROIBIDA

EDITORA AZUL

CINEMA & VÍDEO

MAIS PÁGINAS
MAIS FILMES
MAIS VÍDEOS

SEXO: COMO SE FAZ

DESEJOS com **RICHARD GERE, KIM BASINGER** e *INSTINTO SELVAGEM* investem fundo na sacanagem ⊕ cenas em que Hollywood atentou seriamente contra a MORAL e os BONS COSTUMES

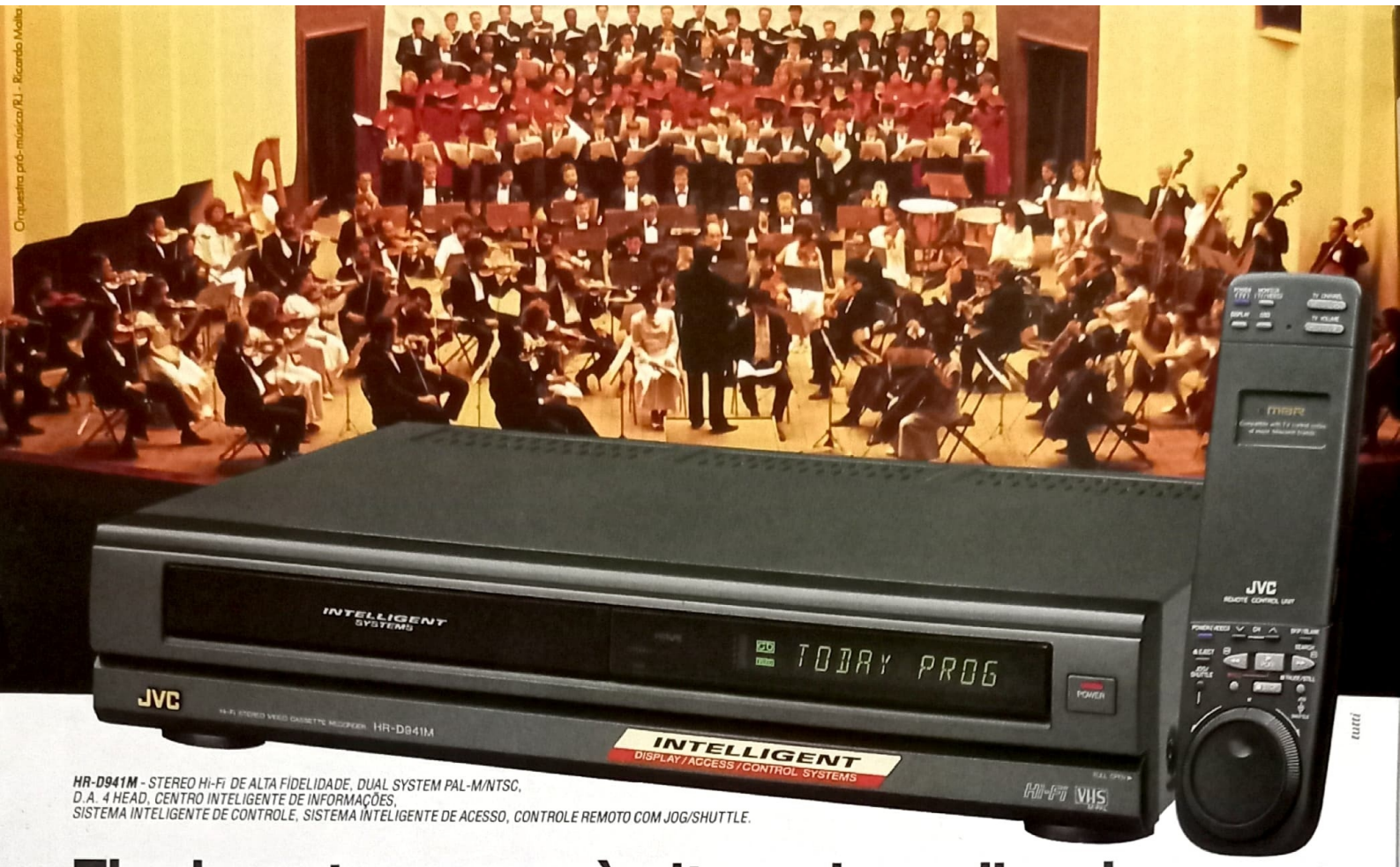
TE CUIDA SCHWARZENEGGER!

VAN DAMME SUPERSTAR

MEL GIBSON

PEGA, MATA E COME! acompanhe o novo James Bond nas filmagens de *MÁQUINA MORTÍFERA 3*

equipamento **A MAGIA DO CD-ROM**



HR-D941M - STEREO Hi-Fi DE ALTA FIDELIDADE, DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, D.A. 4 HEAD, CENTRO INTELIGENTE DE INFORMAÇÕES, SISTEMA INTELIGENTE DE CONTROLE, SISTEMA INTELIGENTE DE ACESSO, CONTROLE REMOTO COM JOG/SHUTTLE.

tutti

Finalmente, o som à altura da melhor imagem.

GR-AX10U - ILUMINADOR EMBUTIDO, ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS COM MACRO - A PARTIR DE 1,5 cm, DIGITAL SUPERIMPOSE COM 8 CORES, 1 LUX DE SENSIBILIDADE, AUTO TRACKING DIGITAL.

GR-315UM - ZOOM 8X MOTORIZADO EM 2 VELOCIDADES, AUTO FOCUS DE ALCANCE TOTAL, 2 LUX DE SENSIBILIDADE, TRACKING DIGITAL AUTOMÁTICO, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.

GR-SX90U - SUPER VHS E SOM STEREO Hi-Fi, ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS COM MACRO AUTOMÁTICO - A PARTIR DE 1,5 cm, 400 LINHAS DE RESOLUÇÃO HORIZONTAL, DIGITAL SUPERIMPOSE COM 8 CORES.

GR-AX15UM - ZOOM 8X MOTORIZADO, AUTO FOCUS - A PARTIR DE 1,5 cm, 1 LUX DE SENSIBILIDADE, TRACKING DIGITAL AUTOMÁTICO, LIMPADOR AUTOMÁTICO DE CABEÇAS.

O inventor do VHS não se conformaria somente com a melhor imagem. Porisso, a JVC lança agora, o videocassete HR-D941M Stereo Hi-Fi. Isso significa um som claro, potente e límpido, que deixa para trás o conceito de vídeo estéreo convencional.

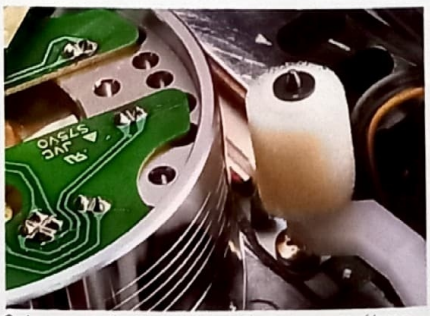
A imagem tem a garantia das 4 cabeças com Auto-Limpeza Automática e seleção automática de sistema DUAL SYSTEM PAL-M/NTSC, além da nova CENTRAL DE INTELIGÊNCIA: • Centro Inteligente de Informações: indica no display, as funções do vídeo • Sistema Inteligente de Controle: rastreamento digital automático para seleção do modo de reprodução mais adequado às condições da fita (Normal/Realçado/Cópia de Fita/Ponto Suave ou Ponto Normal) • Sistema Inteligente de Acesso: reprodução e gravação iniciadas 3 décimos de segundo após o comando, busca em altíssima velocidade, busca de índice, repetição total/trecho, retorno ou busca expressa.

O sofisticado Controle Remoto do HR-D941M, além de comandar todas as funções, dispõe do exclusivo controle giratório Jog/Shuttle para a localização precisa do ponto da fita desejado, movendo a imagem em velocidades variáveis (câmera lenta, rápida ou quadro-a-quadro).

Venha ver e ouvir o HR-D941M e toda a linha JVC (com 1 ano de garantia), no nosso show room.

Tudo, à altura de quem inventou o VHS, a JVC.

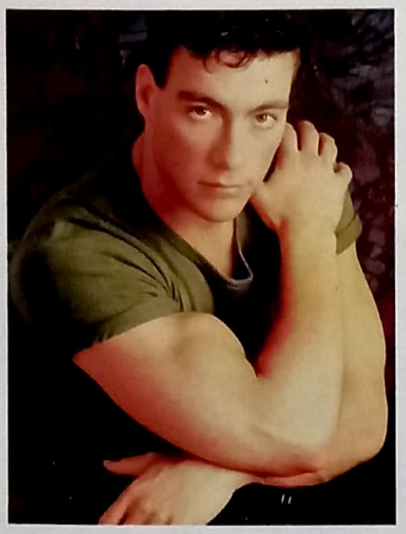
GARANTIA 1 UM ANO



Cada vez que a fita é colocada ou retirada nos novos vídeos e câmeras JVC, o sistema Auto-Limpeza das Cabeças é acionado.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA
TECNOVIDEO®
CENTRAL DE VENDAS:(011)815-9144

JVC®



"I...want...muuuuscleeees!", cantava Diana Ross. A chamada Vênus Platinada também gosta, e um belo par de bíceps pode servir de passaporte para o estrelato. Maaas... de Johnny "Tarzan" Weissmuller a Arnold "T-800 Classe 101" Schwarzenegger, todo rapaz parrudo e aspirante a ator um dia tem de encarar o foco das câmeras e mostrar que é do ramo."Esta é uma prova de fogo!", cantava Wanderléa. E Jean-Claude Van Damme está bem preparado. Ensaia seus primeiros passos na trilha seguida por seu colega austríaco, diversificando o repertório dramático para abranger romances, comédias e – um dia, quem sabe – um Prrrofundo Drama Sócio–Econômico–Psico–Analítico com Uma Mensagem, que parece ser pré-requisito para levar para casa aquela estatueta dourada, nua e (convenhamos) pouco musculosa.Tensão, contração, relaxamento. Músculo também é sexo, sexo também é músculo, e sexo é o que não falta nesta edição. O gancho do anzol que arrasta filas de espectadores para ver *Desejos* e o polêmico *Instinto Selvagem* (que, salve! salve!, chega ao Brasil com seis minutos a mais que a versão exibida nos cada vez mais puritanicamente pentelhos Estados Unidos da América).Bem, caso você não tenha notado, SET está mudando. Mas você ainda não viu nada. Mês que vem: super-hiper-multi-edição especial na data querida de nossos cinco anos de vida.

Columbia Tri-Star

04 TAKES

10 ÓSCAR' 92
A Academia mostra sua cara

14 CRISE EM HOLLYWOOD
Cheios de dívidas, os estúdios controlam seus tostões

18 JEAN-CLAUDE VAN DAMME
Bonito, baixo, louro-castanho e sensual

24 SEXO: COMO SE FAZ
Instinto Selvagem* e *Desejos* só de *hors -d'œuvre

32 BLADE RUNNER
O clássico dos anos 80 na versão integral

38 VIDEOLANÇAMENTOS

48 CARDÁPIO
Em vídeo, tudo que você não viu no cinema

52 AVANT-PREMIÈRE
***Twin Peaks* fora do alcance da Rede Globo**

54 EM FILMAGEM
***Máquina Mortífera 3*. O doidão Riggs ataca de novo**

57 NOVOS FILMES
A Mão que Balança o Berço* e *Tomates Verdes Fritos

60 MITO
Natalie Wood, bela jovem rebelde transviada sem causa

62 EQUIPAMENTOS
CD-ROM : sonho de consumo para o ano 2000

64 CARTAS

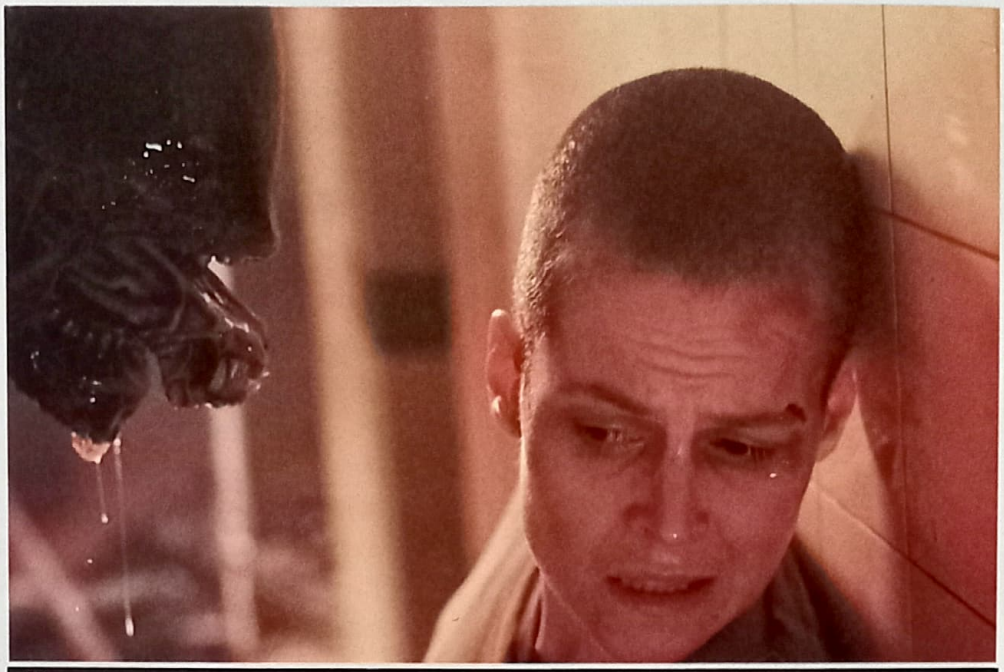
66 NOSTALGIA

NA CAPA
Jean-Claude Van Damme (Sipa - Press)
Máquina Mórtifera 3 (Warner)
Blade Runner (Warner)
Desejos (Warner)

ALIENS 3

A CARECA DE SIGOURNEY WEAVER

Mistérios rondam o final das filmagens de *Aliens 3*. Ninguém da produção e do cast quer falar sobre o filme. O que se sabe é que, de 35 milhões, o orçamento pulou para 47 milhões de dólares e que o filme é ultraviolento. Para fazer pela terceira vez o papel de Ripley, Sigourney raspou completamente a cabeça ("tudo bem", ela diz, "combina com as roupas de Giorgio Armani") e impôs três condições: não participar de mais nenhuma continuação, não usar revólveres e não repetir nenhuma das façanhas realizadas nas duas fitas anteriores. Desta vez, Ripley e a tripulação aterrissam numa mina abandonada onde há uma colônia de ex-presidiários extremamente hostis. Todos os envolvidos na realização do filme garantem que ele será um sucesso. Subentenda-se, então, *Aliens 4*.



Fox

Sigourney com o monstro. O novo visual cai muito bem com as roupas de Giorgio

A diretora Mary Lambert está preparando *Pet Sematary II*, para alegria de seus fãs.

Thomas Carter roda em Praga *Swing Kinds*, com Kenneth Branagh, Robert Sean Leonard e Christian Bale.

O ator John Turturro (*Barton Fink*) dirige e assina o roteiro de *Mac*, com Ellen Barkin e John Amos.

STALLONE

PREMIAÇÃO HONORÁRIA

Em 22 de fevereiro, Roman Polanski teve a honra de entregar a Sylvester Stallone uma estatueta que nenhum americano da Academia Cinematográfica jamais ousou: Sly recebeu um César especial, o prêmio francês equivalente ao Oscar, por sua carreira. Acredite, se quiser!

Mark Fellman

Danny Aiello e Sherilyn Fenn em *Ruby*

ASSASSINATO DE KENNEDY

AS ESPECULAÇÕES CONTINUAM

Parece que, finalmente, o assassinato de Kennedy saiu do armário de esqueletos da América e entrou para o cinema. Terminaram há pouco as filmagens de *Ruby*, filme escrito por um inglês – Stephen Davis – e dirigido por um escocês – John McKenzie – que, como o *JFK* de Oliver Stone, pretende, nas palavras do diretor, "especular sobre o que poderia ter acontecido em Dallas, em novembro de 63". A diferença, no caso, é o ângulo: *Ruby* centra-se na figura de Jack Ruby (Danny Aiello), o mafioso dono de cabaré que, por motivos nunca bem explicados, assassinou Lee Oswald. "Não sou um fanático por conspirações", diz Davis, um documentarista e teatrólogo que começou a se interessar pelo caso ao pesquisar a ligação CIA-KGB para um especial da BBC.

G. Degruirre/LFI

Stallone com a esposa Flavin

DREW BARRYMORE
MULHERÃO

A linda e loirinha garotinha Gertrie de *E.T. – O Extraterrestre* cresceu e reapareceu. Drew Barrymore, hoje com 17 anos, teve uma vida barra-pesada nestes onze anos desde sua estréia no cinema. Quando ela não estava filmando *Firestarter, Os Olhos do Gato* e *Irreconcilable Differences*, se deliciava com champanhe junto com a família, todos atores. Isso aos 9; aos 10 anos, fumava maconha; aos 12, sua atração era a cocaína; e para fechar o círculo, tentou suicídio aos 14. O próximo passo foram as clínicas de recuperação e o livro de memórias *Little Girl Lost*. Drew, no entanto, deu a famosa "volta por cima" e retorna à cena com *Poison Ivy*, de Katt Ruben. No filme, ela tem um caso com Tom Skerritt (que poderia ser seu avô) e quase o leva à loucura — a ele e toda a platéia masculina, pois aparece nua em pêlo. (Drew faz questão de não usar dublês.) Em 1992, estará em mais dois filmes, *Guncrazy* e *Sketch Artist*.

Liaison Gamma Sigla

ENLATADO FINO

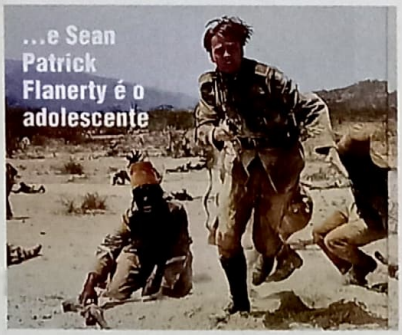
AS AVENTURAS DE INDIANA JONES NA TV

Corey Carrier é o Indy moleque...

Desde março Indiana Jones está de volta aos Estados Unidos, vinte anos mais moço e metendo-se numa aventura diferente a cada noite de quarta-feira. Trata-se da nova série de TV *The Young Indiana Jones Chronicles*, produzida pelo mesmo George Lucas. Nosso herói Harrison Ford cedeu o papel principal a dois atores: Corey Carrier (Indy moleque) e Sean Patrick Flanerty (Indy adolescente).

Nesta série de TV, que a Rede Globo veiculará ainda este ano, Indiana Jones viaja pelo mundo com seu pai e, ao lado dele, convive com personagens e eventos marcantes da história do século vinte. Durante as viagens, Indy esbarra em Pancho Villa, em plena Revolução Mexicana; aprende artes plásticas com um Picasso ainda jovem; em Paris, apaixona-se por Mata Hari; vai caçar com o presidente Theodore Roosevelt, e discute com Sigmund Freud.

Lucas, no entanto, não é o único gigante de Hollywood a se mudar temporariamente para a TV: depois de David Lynch, Oliver Stone prepara sua estréia na telinha, Barry Levinson (*Bugsy*) também. E Steven Spielberg, um dos primeiros a fazer a trajetória, com a série *Amazing Stories*, dos anos 80, retorna com um filme especialmente produzido para a rede ABC, *Class of '61*.



...e Sean Patrick Flanerty é o adolescente

Fotos Rede Globo

Columbia Tri Star

"Meu trabalho com efeitos especiais sempre foi feito com bonecos de borracha. Por isso, atores são, para mim, bonecos de borracha sofisticados. Eu sei que muita gente vai 'pegar no meu pé' por causa desta declaração"

James Cameron, diretor de *Exterminador do Futuro 2*

A.P.

O pai da robótica, Isaac Asimov, quando "jovem escritor"

Madonna e Willem Dafoe iniciaram em abril as filmagens de *Body of Evidence*. Uli Edel dirige e Dino de Laurentiis produz.

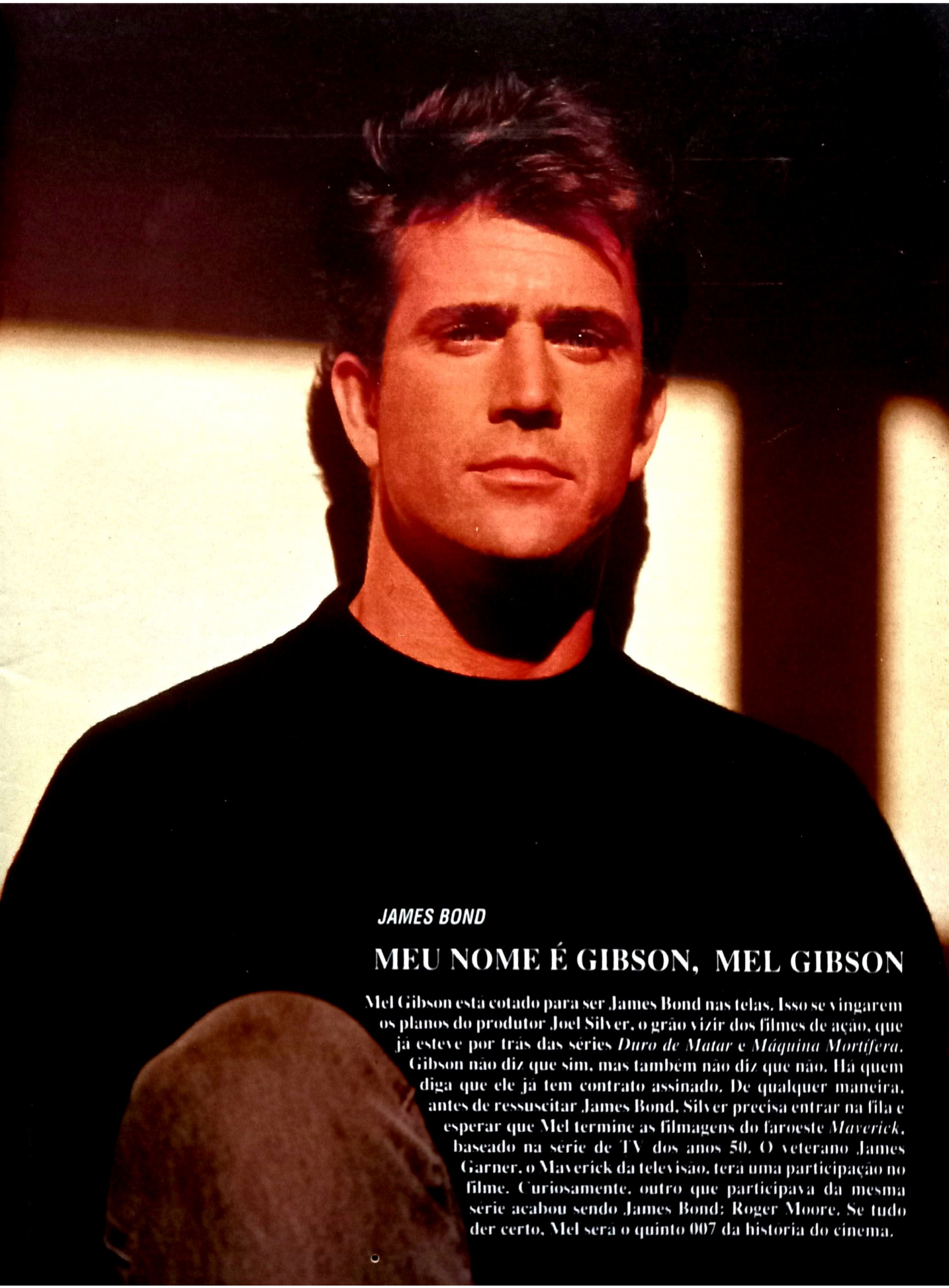
Barry Levinson, desencantado com os poucos Oscar de seu *Bugsy*, prepara mais um longa, *Toys*, protagonizado por Robin Williams.

Ray Liotta, Kurt Russel e Madeleine Stowe interpretam *Unlawful Entry*, de Jonathan Kaplan.

ISAAC ASIMOV

O FUTURO ACABOU

Aos 6 de abril de 1992 a literatura de ficção científica perdeu um de seus grandes autores: Isaac Asimov, que junto a Ray Bradbury e Arthur C. Clarke, formou a trindade do gênero. Asimov se destacou por introduzir os robôs na FC e por ter criado as leis da robótica. Ele começou a escrever histórias atrás do balcão da confeitaria de seu pai, no Brooklin, Nova York, aos 18 anos – Asimov nasceu em 2 de janeiro de 1920, em Petrovici, na antiga União Soviética. Seu primeiro romance com robôs, *Eu, Robô*, foi publicado em 1950 e suas obras mais conhecidas são a trilogia *Fundação* e *O Futuro Começou*. No total, escreveu quase 500 livros. Muitas das suas histórias foram filmadas ou serviram de inspiração para filmes, como *Viagem Fantástica* de Richard Fleisher, e o herói Lucky Star, de vários livros para adolescentes, inspirou Lucky Skywalker de *Guerra nas Estrelas*.



JAMES BOND

MEU NOME É GIBSON, MEL GIBSON

Mel Gibson está cotado para ser James Bond nas telas. Isso se vingarem os planos do produtor Joel Silver, o grão vizir dos filmes de ação, que já esteve por trás das séries *Duro de Matar* e *Máquina Mortífera*. Gibson não diz que sim, mas também não diz que não. Há quem diga que ele já tem contrato assinado. De qualquer maneira, antes de ressuscitar James Bond, Silver precisa entrar na fila e esperar que Mel termine as filmagens do faroeste *Maverick*, baseado na série de TV dos anos 50. O veterano James Garner, o Maverick da televisão, terá uma participação no filme. Curiosamente, outro que participava da mesma série acabou sendo James Bond: Roger Moore. Se tudo der certo, Mel será o quinto 007 da história do cinema.

Warner

Gere e Julia: o casal não quer saber de *Pretty Woman 2*

SEQUÊNCIA

NEM JULIA NEM GERE

Há coisas que não se explicam. Tanto Julia Roberts quanto Richard Gere recusaram ofertas milionárias para estrelar *Pretty Woman 2*. Sucesso mundo afora, a história de amor entre o executivo milionário e a prostituta parece que não terá o mesmo casal em sua sequência: eles não aceitaram o cachê de 6 milhões de dólares para reviver seus personagens.

Akira Kurosawa ingressa na comédia com *Madadayo*. O filme contará a vida do ensaísta, novelista e professor universitário Hiakken Uchida, falecido em 1971.

A diretora de *Um Anjo em Minha Mesa*, JaneCampion, dirige Holly Hunter, Sam Neill e Harvey Keitel em *The Piano Lesson*.

VERSÃO ORIGINAL

DO JEITO QUE O DIRETOR GOSTA

A grande tendência do mercado norte-americano de vídeo são os lançamentos em laserdisc de novas versões de filmes conhecidos, com cenas adicionais e material suplementar que pode incluir entrevistas, documentários, storyboards e até a íntegra do script do filme. Essas versões trazem o chamado *director's cut*: o filme como montado inicialmente pelo diretor, antes que restrições de tempo ou determinações outras forçassem cortes aqui e ali.

Um dos lançamentos nessa linha é a nova versão, tanto em laserdisc quanto em vídeo, de *Atração Fatal*, de Adrian Lyne – o que foi para as telas era uma refilmagem determinada pelo estúdio, quando se concluiu que o personagem de Glenn Close deveria ser morta por Anne Archer, a mulher de Michael Douglas no filme. Nessa versão, o personagem de Glenn Close se suicida ouvindo *Madame Butterfly* no toca-discos. Outros recém-saídos são *Boyz N the Hood, Aliens, Pescador de Ilusões* e *A Guerra dos Roses*, todos com cenas adicionais e inéditas, que não haviam sido incluídas nas cópias lançadas no cinema e nos vídeos em circulação até agora.

UIP

Atrações mais fatais na versão de Lyne

Tira casaco!

Põe casaco!

Fotos Ivan Carneiro/Azul

DX

"Existe uma regra entre rapazes que são amigos, de que você não deve sair com uma ex-namorada de qualquer um deles. E certamente inclui não casar com ela"

Emílio Estevez sobre Rob Lowe casando-se com sua ex-namorada Sheryl Berkoff

OLHO VIVO

COCHILADA DOS ESTÚDIOS DISNEY

Celso Luís Dornellas, de Campinas, é fissurado em animação e pegou uma gafe legal no filme *Bernardo e Bianca* (Abril Vídeo): quando os dois pequenos heróis chegam na Aviação Albatroz, Bianca tira o casaco e depois vai até uma janela. É aí que os desenhistas cochilam: Bianca aparece de casaco, e no final da sequência ela está novamente sem casaco. Pois é, nem os técnicos do sofisticado estúdio são perfeitos.

SCHWARZENEGGER

AGORA ELE QUER SER BONZINHO

Schwarzie não dá ponto sem nó. Depois de recusar a oferta para estrelar uma nova versão de *O Conde de Monte Cristo*, ele embolsará de 13 a 15 milhões de dólares para ser Arno Slater, em *The Last Action Hero*. O tal Arno é um personagem idolatrado por um garoto de 15 anos que, como Mia Farrow em *A Rosa Púrpura do Cairo*, entra na tela e o ensina a ser mais gentil e menos violento.

Stills

Lawnmower Man

Look Filmes

BREVE, EM UM CINEMA PERTO DE VOCÊ

Lançamentos previstos para maio/junho

•***The Lawnmower Man*** **(Look Filmes). Baseado no conto homônimo de Stephen King, o filme vem causando sensação com seus efeitos visuais computadorizados. O *cyberspace*, ou "realidade virtual", é a estrela principal.**

•***A Bela e a Fera*** **(Warner). Primeira animação a concorrer como melhor filme na história do Oscar. Esta obra-prima retoma não apenas o clássico conto de fadas como também o melhor dos desenhos Disney.**

•***Batman – O Retorno*** **(Warner). Com Michelle Pfeiffer de Mulher Gato, Danny DeVito no papel do Pinguim, e Michael Keaton ainda encarnando o cavaleiro das trevas, conseguirá esta continuação superar o primeiro? Acompanhe na próxima bat-edição.**

•***Quanto Mais Idiota Melhor*** **(UIP). De Penelope Spheeris, *Wayne's World* é a aclamada recriação, em longa-metragem, do sketch semanal do programa humorístico de TV *Saturday Night Live*. Nele, dois metaleiros aloprados satirizam vários assuntos referentes à televisão.**

•***Noites na Terra*** **(Initial). Jim Jarmusch parece ter gostado da fórmula de filmar em epsódios. Depois de *Mystery Train*, volta com relatos de cinco taxistas de cinco capitais. No estilo de *Depois de Horas*, tudo acontece para eles em apenas uma noite.**

•***Bom dia, Bombaim*** **(Argo Films). *Pixote*, de Hector Babenco, ganhou versão indiana com este filme que conta a história do garoto Krishna, de 10 anos, expulso de casa pela mãe e obrigado a conviver com os tipos mais vis nos arredores de Bombaim. Vencedor de prêmios no Festival de Montreal, além da Câmera de Ouro e do Prêmio do Público em Cannes.**

OSCAR'92
Vitórias Precárias e Firulas Acadêmicas

"Com o desenrolar da cerimônia, o ar no Dorothy Chandler Pavillion vai-se deteriorando e se transformando em algo fétido, não muito diferente do ar em Tijuana. Levando-se em conta que uma boa parte da platéia compõe-se de indicados, é fácil imaginar que as vibrações dos perdedores se tornam mais fortes e mais profundas à medida que a cerimônia evolui. A cada categoria, existem mais e mais... vamos chamá-los 'não-vencedores' na multidão. É um milagre que ainda tenham ânimo para aplaudir."

***Julia Phillips, do livro* You'll Never Eat Lunch in This Town Again**

De todas as descrições que já li sobre a noite do Oscar, esta é, de longe, a mais fiel. Julia Phillips, uma produtora que era o nome mais quente da cidade na noite específica que descreve – 2 de abril de 1974 –, sabe do que está falando. Imediatamente após ter levado para casa o Oscar de melhor filme – *Golpe de Mestre* –, tornando-se, aos 30 anos recém-completos, a primeira mulher a jamais merecer tal honra, Phillips foi, em rápida sucessão, bajulada, iludida, enrolada, traída e afinal abandonada por alguns de seus melhores "amigos'' (inclusive Steven Spielberg, que a alijou sem cerimônia do projeto de *Contatos Imediatos do Teceiro Grau*). Três anos depois, Phillips estava na mais funda vala dos "intocáveis'' de Hollywood, fumando crack noite e dia, embriagando-se publicamente nos intervalos, mais um na multidão de mortos-vivos que A Indústria cospe fora mensalmente: alguém que já foi Alguém e agora é menos que ninguém, é "o que-poderia-ter-sido''.

A cada ano, a cada festança da Academia, algumas perguntas secretas ficam no ar – que, como Phillips descreveu, é cosmicamente irrespirável: quem realmente está ganhando? E quem realmente está perdendo? E o que tudo isto quer dizer?

Mundo afora, A Indústria – ou "Hollywood'', marca registrada de fantasia de um lugar que, fisicamente, não tem a menor importância – consegue, prodigiosamente, manter sua aura tenaz de glamur e brilho. É um feito espantoso – numa era em que os Estados Unidos não conseguem exportar mais nada, nem automóveis, nem geladeiras, nem idéias, A Indústria mantém-se como o derradeiro bastião do semidefunto império americano, a derradeira fonte de exportações seguras, garantidas e lucrativas. A força de seu rolo compressor pode ser medida em números, mas nunca como nos números da noite do Oscar: um bilhão de espectadores mundo afora, a imensa maioria dos quais não entendem, a rigor, patavina do que está se passando no palco de Los Angeles – nem as piadas dos apresentadores, nem os nomes da maioria dos vitoriosos (melhor desenho animado de curta-metragem? Melhor edição de efeitos sonoros?). Nem, sobretudo, o que realmente está acontecendo.

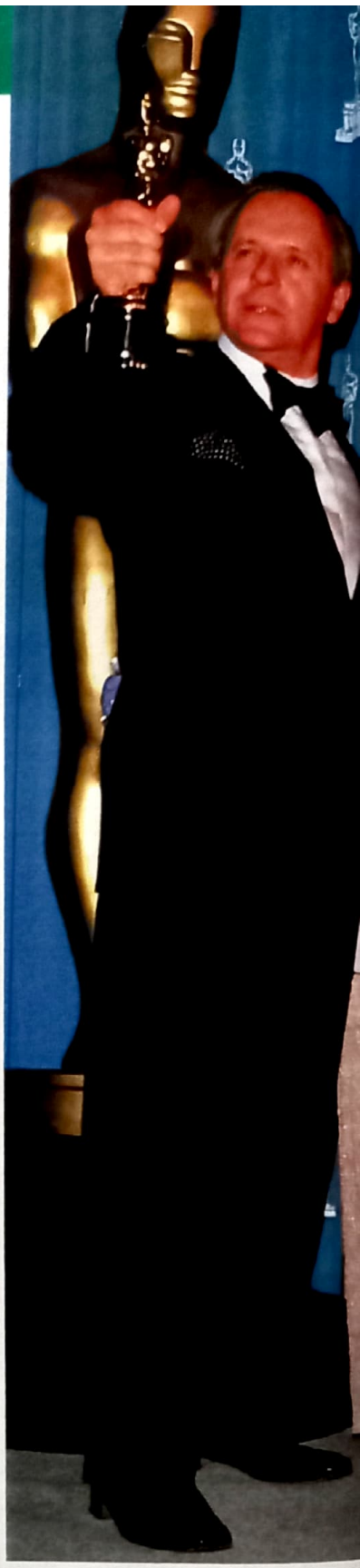
E o que está acontecendo é a suprema jogada numa partida jamais concluída – o jogo do poder, que é, em essência, o que A Indústria realmente é. É sempre possível desencavar argumentos estéticos, políticos e até sociais para as estatuetas que a Academia distribui todo ano. Alguns dos argumentos serão, até, corretos. Como, por exemplo, registrar que este ano o lento rejuvenescimento do corpo de 5 mil e tantos acadêmicos trouxe coisas impensáveis em anos anteriores, como a vitória esmagadora de um cineasta independente e nova-iorquino, Jonathan Demme, com um filme sombrio, uma heroína feminista e um vilão perturbador. Ou a vitória do script de uma estreante – *Thelma e Louise*. Ou ainda os ganhos substanciais de negros – as indicações de John Singleton –, da esquerda – as estatuetas para *JFK* e para o curta *Deadly Illusion* – e de um gênero cinematográfico até agora relegado ao gueto, o desenho animado – *A Bela e a Fera*.

Mas, na verdade, isso tudo são firulas acadêmicas. Ou melhor, passatempos da arquibancada, parecidos com palpite de loto ou escalações teóricas da seleção. Porque A Indústria é, na verdade, um jogo. Telefonemas se cruzam no meio da noite – em quem você vai votar? Com quem você está? Com quem ELE está? Cartas – algumas marcadas – trocam constantemente de mãos. Parceiros de hoje são oponentes de amanhã. Estar na mesa tem tanto a ver com talento quanto com fidelidades e infidelidades. Há elementos sutis e invisíveis determinando vitórias e derrotas – que, a longo prazo, podem não ser exatamente o que parecem. Kathy Bates não se tornou a musa das bilheterias porque ganhou o Oscar em 1991, assim como Bertolucci não está na melhor mesa do Morton's, às segundas-feiras, porque venceu em 1989.

Buscar projeções estéticas e políticas para as precárias vitórias do Oscar é um exercício fútil. A Academia não pode "mandar recados" para a Indústria porque a Academia É a Indústria – seus 5 mil e tantos membros são, no resto do ano, os mesmos executivos, produtores, diretores, atores e técnicos que fazem os filmes que a eles caberá escolher. Em síntese, venceu quem A Indústria achou que deveria ter vencido – quem jogou melhor, quem tinha os peões nas casas certas, na hora certa, quem foi PERCEBIDO por seus pares como tendo jogado melhor. Amanhã, nova rodada. A vida continua.

Veja o novo filme de Robert Altman, *The Player*, que você entenderá melhor. A gente se encontra segunda-feira no Morton's.

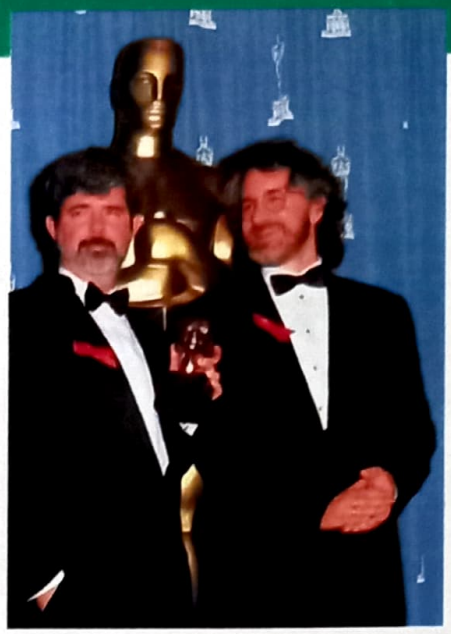
Ana Maria Bahiana, de Los Angeles



"Eu não sei se a Orion sobreviverá a mais uma vitória como esta!", ironizou o apresentador Billy Crystal. O mesmo estúdio que faturou uma montanha de estatuetas com *Dança com Lobos*, no ano anterior, repetiu o feito com *Silêncio dos Inocentes*... e continua à beira da falência (veja matéria nesta edição sobre a crise em Hollywood). Ninguém convence os fãs de *Thelma e Louise* de que, descontando o de Anthony Hopkins, todos os Oscars recebidos pelo filme de Jonathan Demme foram uma manobra política para levantar a bola da combalida Orion

Fotos Sygma

ELES MERECEM!



A entrega do prêmio especial Irving Thalberg a George Lucas, pelas mãos de Stephen Spielberg, seu parceiro de poucas e boas, ajudou a consolar um pouco os fãs de filmes de ação e aventura – eternamente rejeitados nas categorias principais, em favor de fitas com uma "mensagem".

Além do conjunto de sua obra (um banquete de adrenalina, diversão e arte), Lucas merece toda a admiração por aplicar seus megalucros na pesquisa e no desenvolvimento de tecnologia de ponta: a Industrial, Light & Magic, sem a qual o cinema – dos anos 80 para cá – perderia boa parte de sua... magia.

Assim, quando o *Exterminador do Futuro 2* recebe os Oscars de Efeitos Especiais e Efeitos Sonoros, George Lucas é indiretamente premiado em dobro.

E como disse a maior autoridade mundial em computação gráfica e supervisor de efeitos visuais da ILM – o bruxo Dennis Muren – após agradecer à Academia pelos prêmios conferidos ao *Exterminador 2*: "Já está na hora de James Cameron ganhar um destes!"

E o Scorsese, então?

J.A.L.

OS PREMIADOS

FILME: *O Silêncio dos Inocentes* • **DIRETOR**: Jonathan Demme (*O Silêncio dos Inocentes*) • **ATOR**: Anthony Hopkins (*O Silêncio dos Inocentes*) • **ATRIZ**: Jodie Foster (*O Silêncio dos Inocentes*) • **ATOR COADJUVANTE**: Jack Palance (*Amigos ...Sempre Amigos*) • **ATRIZ COADJUVANTE**: Mercedes Ruehl (*O Pescador de Ilusões*) • **FILME ESTRANGEIRO**: *Mediterraneo* (Itália) • **ROTEIRO ORIGINAL**: Callie Khouri (*Thelma e Louise*) • **ROTEIRO ADAPTADO**: Ted Tally (*O Silêncio dos Inocentes*) • **FOTOGRAFIA**: Robert Richardson *(JFK — A Pergunta que não Quer Calar)* • **FIGURINO**: Albert Woslky (*Bugsy*) • **MONTAGEM**: Joe Hutching e Pietro Scalia (*JFK — A Pergunta que não Quer Calar*) • **MAQUIAGEM**: Stan Winston e Jeff Dawn (*O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final*) • **DIREÇÃO DE ARTE**: Dennis Gassner e Nancy Haigh (*Bugsy*) • **TRILHA SONORA**: Alan Menken (*A Bela e a Fera*) • **CANÇÃO**: *Beauty and the Beast*, de Alan Menken e Howard Ashman (*A Bela e a Fera*) • **EFEITOS ESPECIAIS**: Dennis Muren, Stan Winston, Gent Warren e Robert Skotak (*O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final*) • **SOM**: Tom Johnson, Gary Rydstrom, Gary Summers e Lee Orloff (*O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final*) • **EFEITOS SONOROS**: Gary Rydstrom e Gloria S. Borders (*O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final*) • **DESENHO ANIMADO DE CURTA-METRAGEM**: *Manipulation* • **DOCUMENTÁRIO DE LONGA-METRAGEM**: *In the Shadows of the Stars* • **DOCUMENTÁRIO DE CURTA-METRAGEM**: *Deadly Deception: General Electric, Nuclear Weapons and our Environment* • **HONORÁRIOS**: Satyajit Ray e Hal Roach • **PRÊMIO IRVING G. THALBERG**: George Lucas • **PRÊMIO GORDON E. SAWYER**: Ray Harryhausen

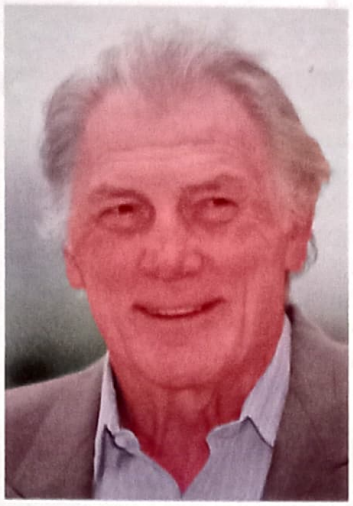
OS PIORES

Uma semana antes da entrega do Oscar, Hollywood estava às voltas com outra cerimônia de prêmios, muito mais divertida e bem menos honrosa para os ganhadores: a entrega dos troféus Raspberry of the Year, apelidados carinhosamente de Razzies. Trata-se de uma brincadeira – das mais bem organizadas – criada originalmente por divulgadores (anônimos, que ninguém é louco nem nada) para alfinetar a realeza do cinema. Enquanto o Oscar premia os Melhores do Ano, os Razzies são entregues aos Piores do Ano. Os grandes vencedores da última leva foram Bruce Willis (Pior Ator, por *Hudson Hawke*, filme que também levou os troféus de Pior Filme e Pior Direção), Sean Young (uma dobradinha "histórica", ela foi eleita Pior Atriz e Pior Coadjuvante pelo mesmo filme, *Um Beijo Antes de Morrer*, no qual faz duas irmãs gêmeas) e Vanilla Ice (Pior Estreante, pelo lamentável *Cool As Ice*).

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

JACK PALANCE

VILÃO DE MIL FACES



Jack Palance esteve em São Paulo no início de abril para promover o lançamento de *Amigos... Sempre Amigos*, que rendeu ao ator o primeiro Oscar de sua carreira, e concedeu uma entrevista coletiva no 150 Night Club, no Maksoud Plaza. Na imprensa paulista, ele foi acusado de mal humorado. Mas se suas respostas foram monossilábicas e de pouco efeito, parte se deve à falta de inspiração dos jornalistas para elaborar perguntas interessantes a esse filho de imigrantes ucranianos, nascido na Pennsilvanya a 18 de fevereiro de 1920. Para satisfazer a curiosidade da platéia, Palance contou um pouco de sua vida artística, que começou logo após a Segunda Guerra. Depois da Guerra, Palance entrou para a Broadway, onde chegou a substituir Anthony Quinn numa montagem da peça *Um Bonde Chamado Desejo*. Dos palcos foi para Hollywood pelas mãos do diretor Elia Kazan. "Não perdi nada ao trocar o teatro por Hollywood", revela, "e teria perdido se estivesse ainda num palco." Quatro anos após sua estréia no cinema, recebeu sua segunda indicação para o Oscar por *Os Brutos Também Amam*, de 1953, encarnando um antológico fascínora vestido de preto dos pés à cabeça. A partir daí, suas atuações se caracterizaram pela crueldade com que delineava os personagens: do clássico de Robert Aldrich *The Big Knife (1955)*, ao épico de Dino de Laurentiis *Barrabás* (1962), passando para o produtor inescrupuloso de *O Desprezo* de Jean-Luc Godard (1963), e ao sugador de jugulares na versão de Dan Curtis de *Drácula*, feita para a TV em 1973. Conhecido pelo grande público como o apresentador da famosa série *Acredite se Quiser*, Palance confessa não ter ganho tanto dinheiro com o programa como se pensava. Hoje goza sua reputação de grande ator em suas duas fazendas. Além de atuar, Palance gosta de pintar e confessa que suas obras são muito melhores do que as "pintadas" por seu personagem em *Bagdá Café*.

Wagner Almeida Silva

Robert Altman, à direita, dirige Tim Robins em *The Player*

CANNES

EUROPEUS X AMERICANOS

O 45º Festival Internacional do Filme de Cannes abriu no dia 7 último (e se realizará até dia 18) com um belo jantar à beira mar para seus 2.400 convidados. A maioria dos filmes, num total de 22, são dos Estados Unidos e França. Gilles Jacob, diretor do festival, fez questão de abrir essa 45ª edição com *Instinto Selvagem*. "Eu sei que o filme é provocativo", diz Jacob, "mas nós queremos exatamente isso." *El Viaje*, do argentino Fernando Solanas, que tem trilha sonora de Egberto Gismonti, é o único representante da América do Sul . Os espanhóis comparecem com *El Sol Membrillo*, de Victor Erice.O chileno Raul Ruiz, radicado em Paris, representa a França com *L'Oeil qui Ment*, filmado em Portugal e falado em francês. Ainda do lado europeu, estão presentes Emir Kusturica, com *Den Goda Viljan*, Bille August, com *Best Intentions*, James Ivory com *Howard's End*, e Gianni Amelio com *Il Ladro di Bambini*. Na tentativa de repetir a faceta dos três últimos anos e levar a Palma de Ouro para casa, os Estados Unidos levam um time da pesada: Jonathan Demme, com *Cousin Bobby*, Robert Altman, com *The Player*, David Lynch com *Twin Peaks: Fire Walk with Me* (veja Avant Première na pág. 58), e Sidney Lumet com *Close to Eden*. O júri (que tem os diretores Pedro Almodóvar e John Boorman entre outros) e Gérard Depardieu, seu presidente, têm a árdua tarefa de decidir se serão os americanos ou os europeus os vencedores do prêmio máximo.

Três momentos inesquecíveis: em *Attila*, à esquerda, em *The Big Knife*, abaixo, e em *Bagdá Café*

EM CARTAZ: O MUNDO!

Veja o que está chegando com o novo vídeo Panasonic:

- Reprodução de fitas em PAL-M, NTSC e PAL Europeu*
- Gravação também em NTSC, para edições com câmeras.
- Panasonic. Qualidade e prazer em vídeo.

*Reproduções em PAL Europeu são incompatíveis com alguns modelos de TV.

F66 BR

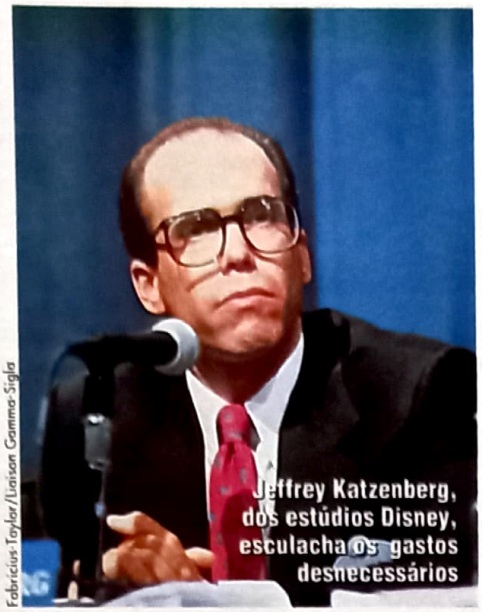
J48 BR

- Controle Remoto com Jog & Shuttle.
- Hi-Fi Stereo Sound System.

À venda na Zona Franca de Manaus

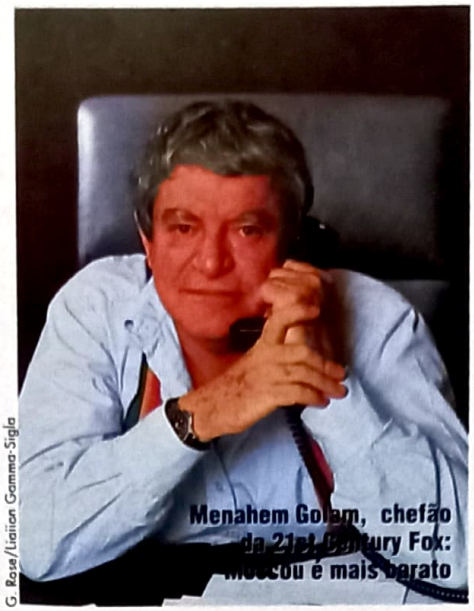
Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992



Fabrícius-Taylor/Liaison Gamma-Sigla

Jeffrey Katzenberg, dos estúdios Disney, esculacha os gastos desnecessários

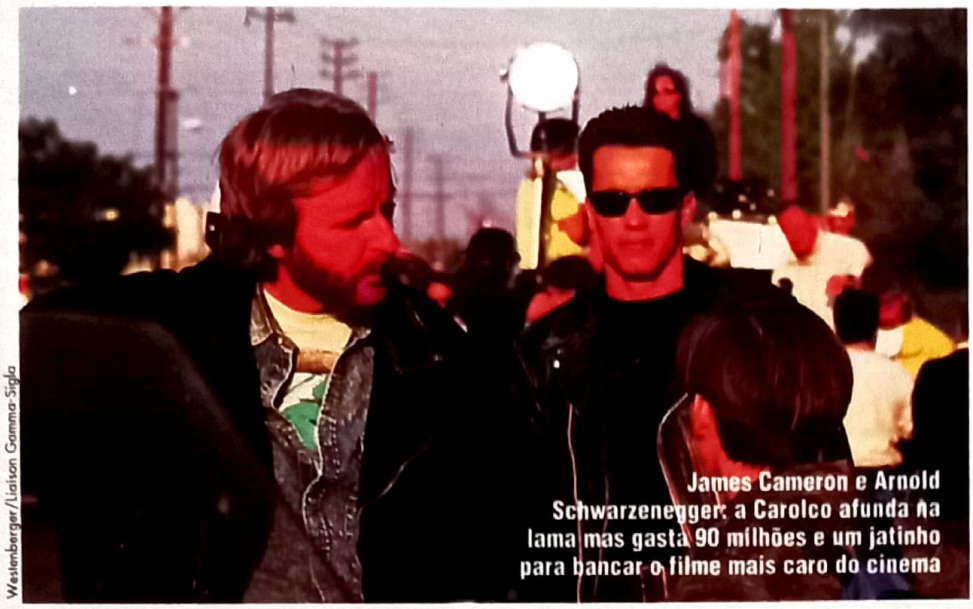


G. Rose/Liaison Gamma-Sigla

Menahem Golam, chefão da 21st Century Fox: Moscou é mais barato

O balanço final de 1991 registrou o terceiro melhor faturamento da história da indústria cinematográfica: um total de 485 bilhões de dólares. E tem gente falando em crise... Crise? Que crise?

A Crise Chega em HOLLY



James Cameron e Arnold Schwarzenegger: a Carolco afunda na lama mas gasta 90 milhões e um jatinho para bancar o filme mais caro do cinema

Westenberger/Liaison Gamma-Sigla

Ridley Scott dirigindo Michael Douglas em *Chuva Negra*. Hoje, seus projetos passam por censura financeira

Paramount

Quem esmiuçar as estatísticas e auscultar o coração da indústria, porém, verificará que a euforia de 1991 durou pouco e não contagiou o Ano-Novo. Pelo contrário, os bons ventos já passaram, sem data prevista para voltar. Apesar do bom faturamento em 1991, a venda de ingressos diminuiu 8% — a primeira vez que se vendeu menos de um bilhão de tickets/ano desde 1976. Estima-se que, devido aos altos preços dos ingressos — sete dólares, em média —, pelo menos seis milhões de pessoas desistem diariamente de ir ao cinema, preferindo gastar dois terços a menos na videolocadora. A indústria está deixando de ganhar, assim, algo superior a dois bilhões de dólares anuais.

O início de 1992 desmente que Hollywood seja à prova de recessões. O ano abriu sob o eco de uma quebradeira indicativa de maus presságios: o Leão da Metro passou para as mãos de seu maior credor, o banco Credit Lyonnais, enquanto a Orion declarou falência e há rumores de que poderá ser comprada pela New Line Cinema.

A Carolco, uma das produtoras que mais gastam em Hollywood — ao toque de 90 milhões de dólares, foi ela quem bancou o filme mais caro da História, *O Exterminador do Futuro 2* —, iniciou janeiro eliminando 25% de sua folha de pagamento (tinha 200 funcionários) e revisando todos os projetos em pré-produção que vinha desenvolvendo com pesos pesados como Oliver Stone, Adrian Lyne, James Cameron, Sylvester Stallone, Ridley Scott, Alan Pakula e Renny Harlin. Boa parte desses projetos será simplesmente cancelada. Stone, por exemplo, levou seus planos para o outro lado da cidade, para a

Warner

Fox

Mais esperto, Oliver Stone ofereceu seus projetos para apreciação da Warner Brothers. Por outro lado, os pesos pesados Renny Harlin, à direita, e Adrian Lyne, abaixo, dependem do caixa da quase falida Carolco

Inserl

Warner Brothers. Para sair do buraco cheio de dívidas em que se meteu, a produtora recebeu em janeiro último uma injeção nos ânimos: os sócios estrangeiros Pioneer, Canal + e Rizzoli garantiram sua participação injetando uma verba de emergência estimada em 73.8 milhões de dólares. Essa foi a forma encontrada para reduzir a dívida de 168 milhões com os bancos credores.

Numa reportagem quase apocalíptica publicada recentemente pelo *The Los Angeles Times*, um produtor não identificado estimava que a situação geral em Hollywood parecia muito com o que estava acontecendo nas siderúrgicas e nas fábricas de automóveis dos Estados Unidos. "Quem está perdendo o emprego agora", disse ele, "dificilmente retornará ao mercado."

A comparação procede. De 1987 a 1990, 118 mil empregos foram eliminados em Hollywood. Ainda não são conhecidos os números relativos a 1991. Aqui, porém, não são levados em conta as baixas nas alas artística e técnica que trabalham na base de free-lancer, calculadas em dezenas de milhares de profissionais. Diante da redução de oportunidades e de cachês substancialmente menores — na hora da decisão, as qualificações de artistas e técnicos contam menos que sua capacidade de aceitar ofertas salariais bem mais baixas que seus currículos pressupõem , já se fala de uma possível greve de atores. Estes, contudo, não estão sozinhos na mira da guilhotina. Executivos da área de produção — tradicionalmente os algozes na hierarquia do poder — começam todos os dias temendo encontrar em suas mesas um cartão vermelho vindo do departamento financeiro. As recentes mudanças bruscas nas cúpulas da Paramount e da Columbia/Tri-Star mostram que ninguém é poderoso o bastante para ficar imune ao passaralho de celulóide.

Mesmo que exista, de fato, uma diminuição do mercado de trabalho e a previsão de um faturamento provavelmente fraco, na hora de se preparar para o pior existem aque-les que pecam pelo exagero. Num acesso de histeria recessiva, a mes-ma Carolco (que não pensou duas vezes antes de gastar 14 milhões de dólares para comprar o jatinho que serviu de cachê para Arnold Schwarzenegger) emitiu um sigiloso memorando interno — logicamente circulado por *tout* Hollywood, logo transformado em piada do momento — determinando "cortes drásticos" no suprimento de açúcar e leite usados para acompanhar os cafezinhos de seu escritório. "Esse leite é para uso nos cafés, e não nos cereais matutinos", determinava o memorando. Igualmente "radical" foi a medida de "contenção de despesas" adotada pela Columbia, riscando do mapa os arranjos florais que enfeitavam o saguão de seus escritórios e cortando as bolachinhas salgadas da lista de produtos comprados habitualmente para as despensas das cozinhas freqüentadas pelos funcionários.

Ainda que não se deixe de usar uma ponta de cinismo na hora de comentar a recessão em Hollywood — "quer dizer, então, que as pessoas estão trocando o Rolls-Royce por um Jaguar?", espeta uma anedota atual —, o aperto é real. E é geral. Quem mais está sofrendo são os independentes. Menahem Golan, o chefão da 21st Century Films, decidiu transferir suas duas novas produções — *Mad Dog Coll* e *Hit the Dutchman*, curiosamente dois filmes sobre gangsters — para Moscou, em vez de gastar muito mais filmando nos Estados Unidos. Lá, segundo ele, um filme que custaria na América de 30 a 40 milhões de dólares sai dez vezes mais barato. Outras companhias, usando o mesmo raciocínio — filmar em seu país está cada vez mais caro —, correram para o vizinho Canadá de câmera e cuia.

Hoje, as 28 páginas do memorando pró-contenção em que Jeffrey Katzenberg — o segundo homem do império Disney — esculachava "o maremoto de gastos exagerados e competição desmiolada" em Hollywood viraram profecia. Quando vazou para a imprensa, em janeiro de 1991, o aviso feito por Jeffrey de que "a recessão será devastadora para a indústria" soou como mais uma manobra de um estúdio historicamente mão-fechada. Mas agora os detratores de Katzenberg estudam o memorando como se fosse o *vade-mecum* dos novos tempos.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

HOLLYWOOD

CAPRICHO

Editora Abril

SUPER BACANA

SABER SER BRASILEIRO

FICAR BONITA E GOSTOSA COM A MODA DA CHIQUITA BACANA E DESCOBRIR A RUA COM OS PIVETES

CONHECER MAIS O LEGIÃO URBANA

ENTENDER O QUE É SAUDADE

NAS BANCAS

VAN DAMME

Grande Dragão Belga

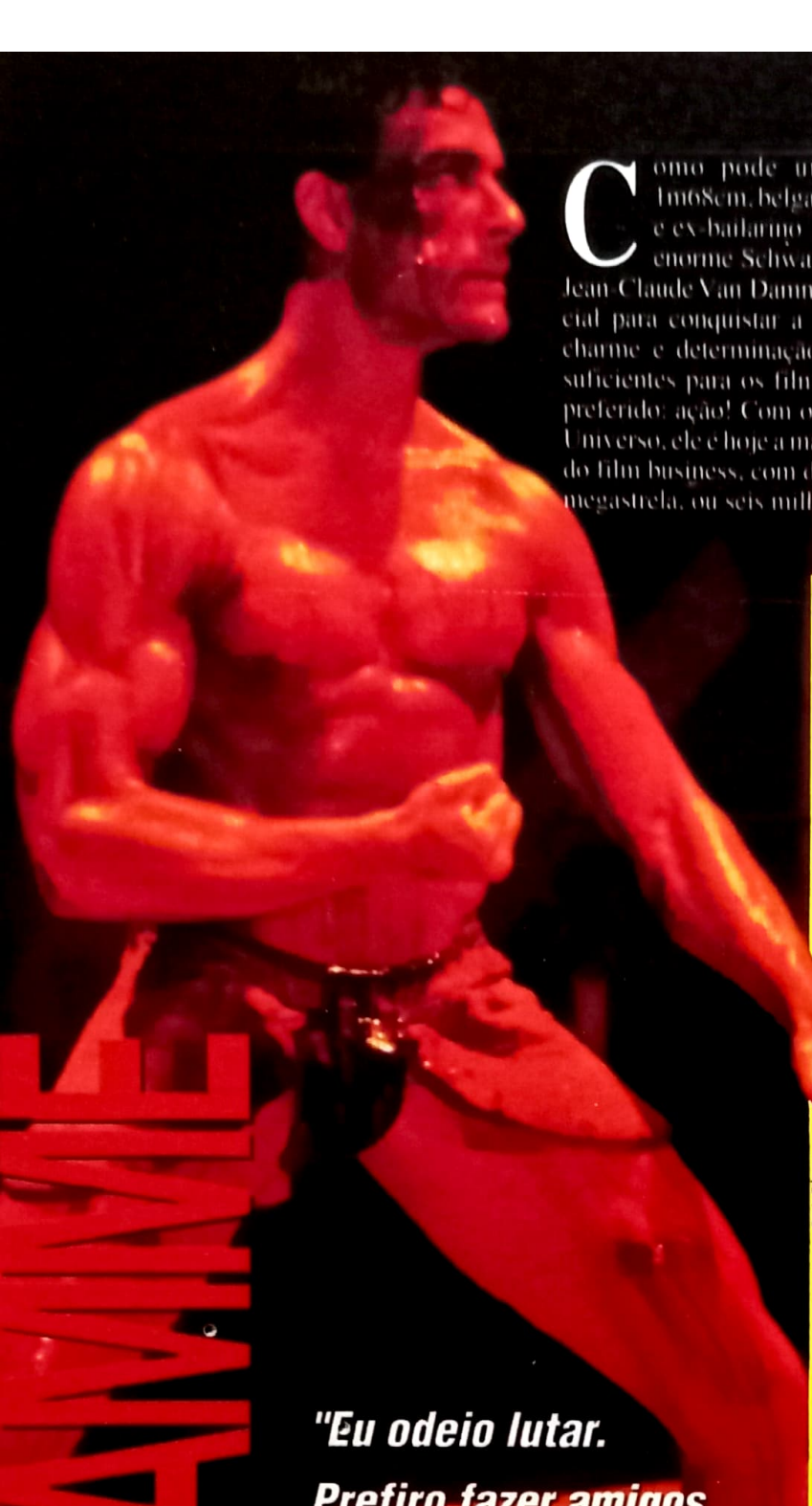
O robô biogenético de *Universal Soldiers*, e à direita como um dos gêmeos de *Duplo Impacto*

Os holofotes da meca do cinema se dirigem para um ator estrangeiro de rosto bonito e massa muscular impressionante. Ele mesmo, Jean-Claude Van Damme. Cotado como a sensação do momento, o eclético ator volta às telas numa ficção científica recheada de socos e pontapés. Schwarzenegger que se cuide!

VAN DAMME

Como pode um tampinha de 1m68cm, belga, lutador de karatê e ex-bailarino ser o sucessor do enorme Schwarzenegger? O que Jean-Claude Van Damme tem de tão especial para conquistar a América? Talvez charme e determinação, dons mais que suficientes para os filmes de seu gênero preferido: ação! Com o físico de um Mr. Universo, ele é hoje a mais nova promessa do film business, com direito a salário de megastrela, ou seis milhões de dólares.

Amante da pintura e da música clássica, Jean-Claude também já foi um "bom" bailarino. "Com dezoito anos tive que escolher entre a dança e o karatê porque uma companhia de balé francesa queria me contratar." Entre um e outro, ficou com o karatê porque queria mesmo era ser ator. Para se desenvolver na arte cinematográfica, Van Damme juntou as duas coisas e, embora não seja um exímio lutador, sua maleabilidade de dançarino permitiu que a coreografia das lutas ficasse plasticamente correta nas telas.



De cima para baixo: ***Duplo Impacto, Garantia de Morte e Leão Branco*** **Va**

"Eu odeio lutar. Prefiro fazer amigos. Sou humilde, por isso as pessoas nada têm contra mim. E quando era pequeno, adorava dividir meus brinquedos com outras crianças"

Em seu currículo constam alguns programas de televisão sobre defesa pessoal, um filme francês completamente desconhecido intitulado *Rue Barbar* e uma ponta em *Predador* (isso mesmo), embaixo da pesada roupa do alien. Na verdade, Van Damme quebrou o "maior pau" com o produtor Joel Silver, que o contratou como ator e o transformou num mero dublê. No final das contas, voltou para Los Angeles, o sujeito que tomou seu lugar quebrou a perna, Arnold Schwarzenegger ficou doente, as filmagens atrasaram um mês e o nome de Jean-Claude não consta dos créditos.

Músculos em Dobro

Em seu novo filme, *Universal Soldiers*, Van Damme contracena com Dolph Lundgren e encarna um soldado biogenético invencível

De uma altura equivalente a 10 andares, presos apenas por uma pífia corda, dois sujeitos despencam-se, de cabeça para baixo, pelo paredão da Represa Hoover, construída no oeste americano na época do New Deal. Uma vez lá embaixo, eles somem atrás de umas caixas e são substituídos por outros dois rapazes em uniformes militares que, por sua vez, desandam a distribuir socos e pontapés numa pequena multidão de tipos mal-encarados. De longe, é uma coisa quase assustadora. De perto, contudo, descobre-se que nenhum soco ou pontapé chega sequer perto de sua vítima em potencial. E, quando um rapaz louro de camiseta vermelha grita "corta", atacantes e atacados se põem a conversar animadamente enquanto moças apressadas retocam cuidadosamente os "cortes" e "hematomas".

O filme é *Universal Soldiers*, um drama de ação e aventura, estrelado pelos dois maiores nomes do escalão imediatamente inferior ao de Arnold Schwarzenegger, Jean-Claude Van Damme e Dolph Lundgren, com o qual a Carolco, até este ano o mais poderoso estúdio independente de Hollywood, pretende, ao mesmo tempo, safar-se de seus apuros financeiros e manter o território conquistado. Como os tempos, contudo, são outros, *Universal Soldiers* chegará às telas americanas, no mês de junho, com um orçamento até modesto para o gênero: "Não mais que 30 milhões de dólares", diz, em pessoa, o presidente da Carolco, Mario Kassar, "gastos basicamente em dublês, explosões e cenas de ação. Não temos budget para efeitos especiais, mas não me importo, porque, desta vez, é a história que manda, e a história é muito boa".

A história, na verdade, não era tão boa assim quando Roland Emmerich – sucesso na Europa com seu filme de ficção científica Estação 44 (lançado em vídeo pela América) – leu o script pela primeira vez. Nela, Dolph e Jean-Claude são soldados mortos em combate no Vietnã que acabam usados como protótipos de um novo tipo de guerreiro biologicamente modificado e semi-indestrutível. Sua nova programação mental, contudo, não consegue apagar memórias anteriores: Jean-Claude se rebela, Dolph é mandado para caçá-lo, e os dois ressuscitam antigos ódios mútuos. "Os 'universal soldiers' são soldados do futuro, biogenéticos e invencíveis", diz Van Damme. "O filme tem muita ação, muitas balas e explosões. E tem um conceito todo especial: os soldados não são como Robocop ou o Exterminador."

A cena da represa, contudo, pertence ao início do filme, quando ambos ainda estão funcionando perfeitamente e são enviados numa missão suicida para libertar um grupo de reféns aprisionados por terroristas; no final da tarde Lundgren liderará a carga de um grupo de seis "universal soldiers" ao longo do parapeito sul da represa. Quando o sol começa a descer sobre os anjos proletários de bronze da Represa Hoover, a festa se instala no set. A coordenadora dos contra-regras aparece com um bolo gigantesco, e todos vêm cantar parabéns para Van Damme, que faz aniversário. Todos, até Mario Kassar e um amigo enorme e musculoso que desceu da limusine branca junto com ele. Um amigo muito parecido com... Arnold Schwarzenegger? "Sim, sim, sou eu, sim", ele diz, bem-humorado. "Mario me chamou e eu achei que ia ser divertido. Gosto muito de Jean-Claude e de Dolph, e acho que este filme vai ser um sucesso." E Van Damme aproveita para devolver os elogios: "Eu admiro Arnold e ele é um exemplo para mim. Quando chegou a este país, também não falava inglês e tinha um sotaque forte. Mas tinha músculos e muita determinação. Arnold abriu o mercado e tornou os filmes de ação mais excitantes." E Schwarzenegger, será que está preocupado com a concorrência? Como resposta ele dá um megassorriso. "Tem lugar para todo mundo. Basta ver a quantidade de músculos neste set. Aqui tem tanta carne que mais parece um açougue!"

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

Damme e o grandalhão Lundgren como os irredutíveis soldados do futuro

Foi no Festival de Milão, em 1984, que conseguiu sua primeira oportunidade de encabeçar um cast. Jean-Claude Van Damme foi apresentado ao diretor/produtor Menahem Golan, da Cannon Films. "Você quer ser uma estrela?", Golan perguntou, "então te darei uma chance." A Cannon estava, na época, estudando o script de *O Grande Dragão Branco* e Golan estava à procura de um ator que fosse expert em artes marciais e que tivesse charme.

A própria história do cinema nos ensina que fazer o tipo machão é muito fácil: basta pegar uma metranca e sair matando quem ousar cruzar o seu caminho. No caso de Jean-Claude Van Damme não foi bem assim. Ele teve que pôr à prova suas habilidades, pois é um herói que encara o adversário de mãos vazias. Além disso, é um estrangeiro em Hollywood.

Da mesma forma que o público americano não entendeu o "inglês australiano" de Mel Gibson no primeiro *Mad Max* e o forte tom austríaco de Schwarzenegger, Van Damme tem problemas com seu sotaque. Por isso, normalmente seus personagens são "estrangeiros", como o

vilão russo em *Retroceder...*, o soldado francês de *Leão Branco*, ou o policial canadense de *Garantia de Morte*. Por ter morado na França e dominar o idioma daquele país, os estúdios sempre querem que ele faça um personagem franco-canadense. "Eles dizem que não querem passar a imagem de estúpidos", explica Van Damme, "mas a audiência não liga a mínima para isso".

Parece que Jean-Claude aprendeu direito as lições ensinadas por Chuck Norris, seu amigo pessoal. Desde *O Grande Dragão...* ele vem direcionando sua carreira no sentido de não ficar estigmatizado como "máquina mortífera". Preocupado em ser um ator de verdade, tem escolhido scripts que contam histórias, coreografado e dirigido as cenas de lutas e escrito roteiros.

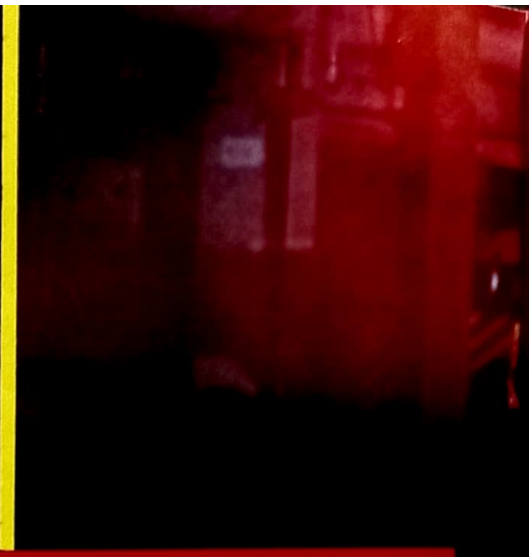
Cyborg foi seu primeiro passo na tentativa de diversificar o gênero e *Duplo Impacto*, a concretização. Neste filme, ele tem a difícil tarefa de encarnar gêmeos completamente diferentes. E consegue, ao passar convincentemente as diferenças psicológicas entre os dois rapazes. Outro elemento surpresa é a intensa (e primeira de sua carreira) cena de sexo em que Jean-Claude transmite desejo e paixão.

É lógico que Van Damme não tem, ainda, a pretensão de encarar um personagem shakesperiano, como o fez Mel Gibson em 1990, na versão de Franco Zeffirelli de *Hamlet*. Enquanto isso não acontece, ele continua se dividindo entre a porrada e o gênero ficção científica. Sua mais nova empreitada é *Universal Soldiers*, onde faz dobradinha com o grandalhão Dolph Lundgreen e que estreará nos cinemas americanos no segundo semestre deste ano e sem previsão de lançamento no Brasil.

Segundo a revista *Prevue*, seus próximos projetos são *Enter the New Dragon* (remake do clássico *Operação Dragão*, estrelado por Bruce Lee), *Lionheart 2* e a sequência de *O Grande Dragão Branco*.

por Deborah Peleias

SET



Quem é Jean-Claude Van Damme

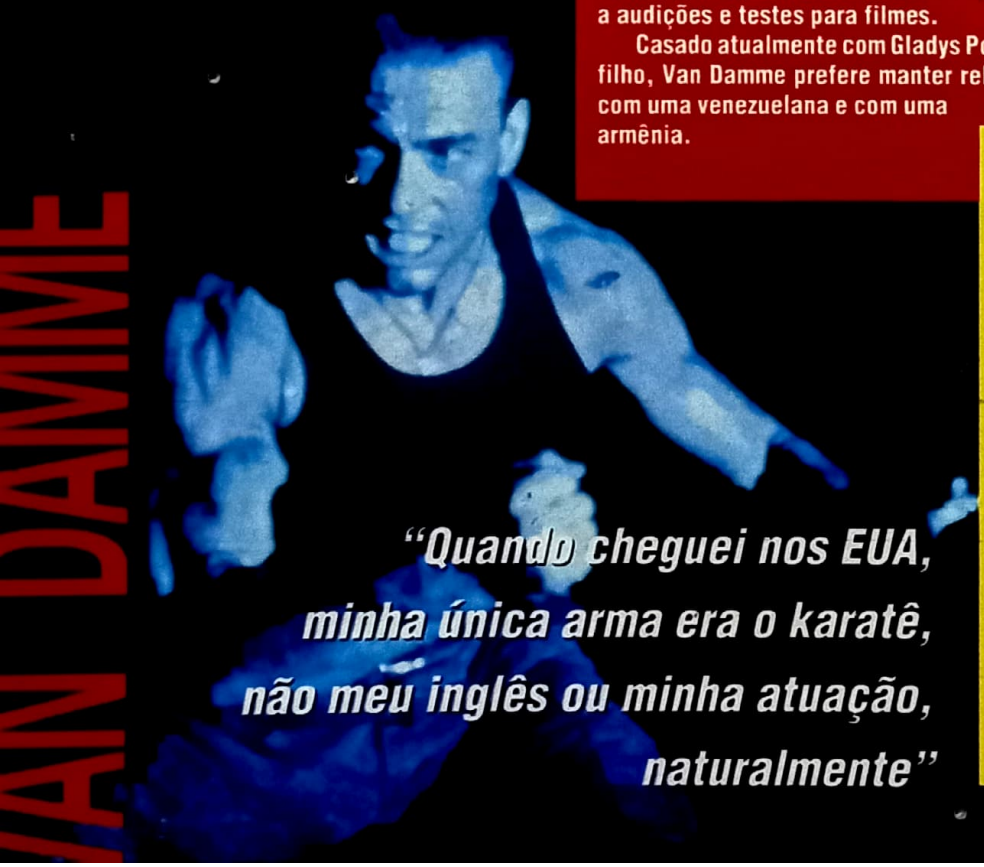
Nascido em Bruxelas em 1961, Van Damme começou a estudar artes marciais aos 11 anos porque era muito pequeno para sua idade e sempre apanhava dos garotos da vizinhança. Também se dedicou ao halterofilismo para crescer e ficar forte, embora não tenha ultrapassado a casa do 1m68cm.

Aos 16 anos, ganhou a faixa-preta de shotokan e dois anos depois venceu o European Pro Karate Association, na categoria peso-médio (atualmente pesa 96 kg). "Eu era muito rápido e preciso nos golpes e perdi talvez três lutas em 45 competições de Full Contact e Kick Boxing." Seu treinamento, nesta época, consistia em correr três horas por dia, fazer alongamento durante outras duas e andar de bicicleta.

Como seu forte nunca foi a estatura, Van Damme criou técnicas especiais para o combate: se o adversário for alto, luta à distância; se for baixo, luta próximo a ele. "Para ser bom", diz "você tem que inventar seu próprio estilo de luta e deixar que ele te forme." Além do título de campeão europeu de karatê, Van Damme possui a patada mais veloz, 116 km/h, e o golpe mais rápido, 3,12 s.

Para encarar o desafio nos Estados Unidos, onde chegou em 1983 com 500 dólares no bolso, Jean-Claude vendeu sua academia em Bruxelas, que rendia 15 mil dólares mensais. Mal falando inglês, se dedicou a pequenos bicos durante cinco anos: foi instrutor de defesa pessoal, colocador de carpete, motorista de limusine e leão-de-chácara. Enquanto isso, estudava inglês em escolas para estrangeiros e comparecia a audições e testes para filmes.

Casado atualmente com Gladys Portugues, também karateca e com quem tem um filho, Van Damme prefere manter relações conjugais internacionais: já foi casado com uma venezuelana e com uma armênia.



"Quando cheguei nos EUA, minha única arma era o karatê, não meu inglês ou minha atuação, naturalmente"

Com a terceira esposa, a também karateca, Gladys Portugues

Urros, Murros e Pontapés

VAN DAMME em VÍDEO

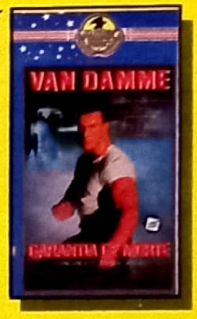
RETROCEDER NUNCA, RENDER-SE JAMAIS ★
(No Retreat, No Surrender, EUA, 1986) Direção: Corey Yuen. Com Kurt McKinney, J. W. Fails, Ron Pohnel. **América.**
Primeiro e pior filme de Van Damme, no qual suas falas se resumem em gritos de karatê. A luta final, e a mais emocionante, é covardia: o magricela McKinney bate o poderoso Ivan, o Russo, ou melhor Jean-Claude. Acredite, se quiser.

O GRANDE DRAGÃO BRANCO ★★★
(Bloodsport, EUA, 1987) Direção: Newt Arnold. Com Donald Gibb, Leah Ayres, Norman Burton, Forest Whitaker, Bolo Yeung. **América.**
Baseado na vida real do lutador Frank Dux, Van Damme encara o kumite — tipo de olimpíadas de full contact — o que rende boas cenas de lutas, com os tipos mais exóticos de lutadores do mundo todo. A sanguinolência mais emocionante é com Bolo Yeung. Aos 50 minutos de filme, as garotas podem se deleitar com um belo nú de costas do musculoso belga.

CONTATO MORTAL ★★
(Black Eagle, EUA, 1988) Direção: Eric Carson. Com Sho Kosugi, Doran Clark, Bruce French. **Paris.**
Dois mestres das artes marciais se encontram e haja físico para tanta porrada: Van Damme, como agente da KGB, desafia o ex-campeão de karatê japonês Sho Kosugi, agente da CIA. O embate não poderia deixar de ser melhor.

CYBORG — O DRAGÃO DO FUTURO ★★
(Cyborg, EUA, 1989) Direção: Albert Pyun. Com Deborah Richter, Dayle Haddon, Vincent Klyn. **América.**
Cópia deslavada de *Mad Max* que dá nomes de marcas de guitarra aos personagens: Gibson Rickenbaker (Van Damme) e Fender (Klyn). As falas não passam de grunhidos pós-apocalípticos. Mas o vídeo tem um toque de sadomasoquismo ao apresentar um Van Damme cruxificado com cara de quem está gostando. Para não variar, a melhor luta é a última.

KICKBOXER — O DESAFIO DO DRAGÃO ★★
(Kickboxer, EUA, 1989) Direção: Mark DiSalle e David Worth. Com Dennis Alexio, Haskell V. Anderson, Rochelle Ashana. **Top Tape.**
Van Damme coreografou e dirigiu todas as cenas de luta, as quais, junto com as que mostram o treinamento do ator, são o must do filme. De resto, nada diferente no script, que busca na vingança o seu mote.



GARANTIA DE MORTE ★★★
(Death Warrant, EUA, 1990) Direção: Deran Sarafian. Com Cynthia Gibb, Robert Guillaume, Art La Fleur, Patrick Kilpatrick, George Dickerson. **América.**
Tentativa bem-sucedida de Jean-Claude de partir para um gênero um pouco diferente dos filmes de artes marciais: ele faz um policial canadense que se infiltra numa penitenciária para descobrir o assassino de seu companheiro. Violento do início ao fim, tem também como atrativo um Van Damme romântico e namorador.

LEÃO BRANCO — O LUTADOR SEM LEI ★★★
(A.W.O.L., EUA, 1990) Direção: Sheldon Letich. Com Harrison Page, Deborah Rennard, Lisa Pelikan, Brian Thompson. **Paris.**
Recheado de socos e pontapés, este filme traz um Van Damme mais contido em relação às mulheres e ultraviolento com os homens. Soldado francês desertor da Legião Estrangeira, ele ganha a vida como lutador ilegal para sustentar a cunhada e a sobrinha. Outra vez Jean-Claude mostra os belos glúteos desnudos aos 47 minutos.

SEXO COMO SE FAZ

A loura escultural está montada sobre seu parceiro. Tonto de prazer, deitado de costas, o parceiro nem sequer esboça argumento quando ela amarra-lhe as mãos nos extremos da cabeceira da cama. Os dois vão gozar ao mesmo tempo.

A loura arqueia as costas para trás num movimento felino. Quando começa a gozar, ela estica o braço direito e mergulha a mão sob uma dobra da colcha. Quando a traz de volta à tona, a mão vem carregando um quebra-gelos, que habilmente crava no peito de seu amante. Uma, duas, três, quatro, muitas, sucessivas vezes. Até o casal ficar coberto por uma camada carmim de sangue. Até o amante morrer.

Assim começa o filme mais polêmico da atual temporada americana de cinema, *Instinto Selvagem*, o primeiro drama contemporâneo dirigido pelo holandês Paul Verhoeven — o mesmo de *Robocop* e *O Vingador do Futuro* — em Hollywood. A mistura de sexo e violência engendrada na trama que enreda o policial, alcoólatra e junkie, Nick Curran (Michael Douglas), e a ardilosa escritora bissexual Catherine Tramell (Sharon Stone) pode estar se provando extremamente popular — o filme rendeu 52 milhões de dólares em seus três primeiros fins de semana nas telas americanas —, mas foi alvo da ira de grupos de pressão opostos, ironicamente unidos por uma mesma causa. E tome porrada.

De um lado do ringue, a GLAAD — Gay and Lesbian Alliance Against Defamation — e a Queer Nation — organização gay militante — pressionaram a produção de *Instinto Selvagem* por considerar que o script era derrogatório em relação à comunidade gay ao colocar como personagem principal — e suspeita número um de assassinato — uma mulher aparentemente diabólica, que é claramente bissexual. De outro canto, a Motion Picture Association of America — a MPAA, o órgão da indústria de cinema que determina a categoria etária de público para cada filme lançado — exigiu cortes na montagem final do filme antes de retirar-lhe a denominação NC-17, que forçosamente condenaria *Instinto Selvagem* ao reduzido circuito de "cinemas de arte" e casas pornô. Por coincidência, *Instinto Selvagem* chegou à MPAA na mesma semana que o cardeal Roger M. Mahony, da Igreja Católica de Los Angeles, veio a público clamar pela volta do código Hays, um mecanismo de censura prévia usado por décadas à fio, a partir dos anos 30, para restringir na tela cenas de sexo, violência, nudez e palavrões. No meio do fogo cruzado, o filme e seus realizadores.

O roteirista Joe Eszterhas — que havia dado início ao falatório sobre o filme ao receber a soma recorde de três milhões de dólares pelo script — propôs a Verhoeven modificar o roteiro para apaziguar gays e lésbicas. Paul discordou, argumentando que o protesto era causado por pura paranóia, que nenhuma das organizações sequer havia lido o roteiro e que, no final das contas, o fato da personagem ser bissexual fortalecia o filme sem difamar, de fato, a comunidade gay. A MPAA, por sua vez, só deu a categoria R ao filme — menores de 17 anos só entram acompanhados pelos pais "ou por um guardião" — depois que Paul modificou 17 segundos (o diretor garante que não fez cortes, utilizando, na verdade, ângulos diferentes das mesmas cenas).

Havia até um boato de que Douglas e Stone chegaram às vias de fato em pleno set. "Fomos até onde um homem e um mulher podem ir", declarou Sharon. É lógico que a polêmica só ajudou na divulgação do filme — e os 52 milhões dos primeiros fins de semana são apenas a ponta de um iceberg que se anuncia prodigioso. E é lógico que o filme tornou-se *cause célebre* e assunto favorito de Hollywood, enquanto os *insiders* da indústria brigavam para ver quem assistia primeiro à versão "não-censurada" de *Instinto Selvagem*, a edição "européia" que será exibida fora dos Estados Unidos, fora da jurisdição da MPAA.

Mas, por mais provinciana e rastaqüera que possa parecer a discussão em torno de *Instinto Selvagem* — e a entrada em cena do cardeal Mahony dá contornos de telenovela mexicana a toda a prosódia, ajudando a transformar uma das nações mais desenvolvidas do planeta num vilarejo

SEXO COMO SE FAZ

obscurantista —, ela serve para ilustrar que: 1) Sexo perturba e 2) Sexo vende.

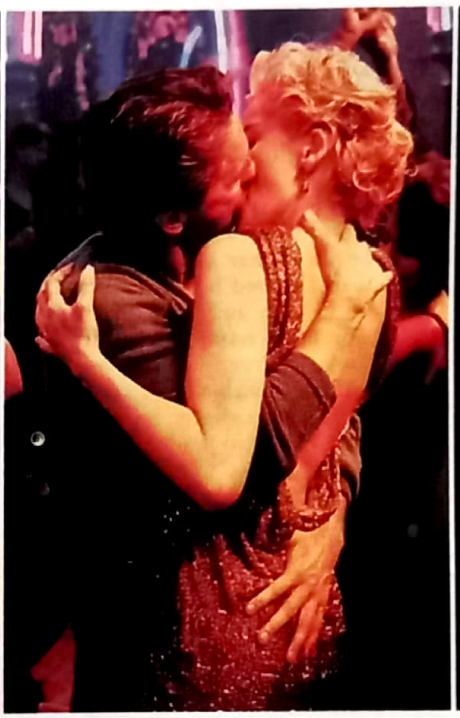
Seja lá qual for sua preferência sexual, são grandes as chances de que as cenas de sexo de um filme falem alto a seu coração e a outras partes menos interiorizadas da anatomia. Se vale a teoria de que o calor lá embaixo é provocado por estímulos enviados pelo cérebro e que este, por sua vez, reage ao que vemos, ouvimos, cheiramos e pegamos — principalmente ao que imaginamos —, então o cinema é um ótimo estimulante.

Desconsidere os vídeos pornô — mais uma exibição de atletismo do que erotismo, propriamente dito — e recorde que as melhores cenas de sexo num filme ocorrem quando já fomos devidamente apresentados aos protagonistas da trepada (ou intróito de uma): o que nos ajuda a mergulhar nas motivações pessoais dos amantes, no desejo de cada um, o voyeurismo absoluto.

Há vezes, portanto, em que um censor pode condenar um filme não pelo que viu, mas pelo que pensou ter visto. O caso clássico envolve a MPAA e a cena do chuveiro, em *Psicose*. Quando o filme foi exibido para a MPAA, em 1960, três censores acharam que Janet Leigh estava nua em pêlo. Dois acharam que não. O diretor Alfred Hitchcock enviou, então, "nova" cópia do filme aos censores — na verdade, uma cópia idêntica sem tirar nem pôr. Os três que haviam enxergado Janet nua passaram a ter certeza de que ela não estava despida, enquanto os outros dois ficaram crentes de que a atriz estava peladona.

Mas será que para os atores na tela a cena é tão gostosa quanto pode estar sendo para nós? Levando-se em consideração que a dupla está representando, às vezes diante de uma equipe grande — melhor broxante não há —, e que, em muitos dos casos, a dupla não se dá nada bem fora da tela, é de se considerar quase um milagre quando o resultado das cenas de sexo de um filme provocam algum tipo de emoção.

Veja o que aconteceu no "clássico" *9 1/2 Semanas de Amor*. Muita gente pode ter acordado numa poça de suor — para não mencionar outros fluidos — depois de ter assistido ao romance de Mickey Rourke e Kim Basinger na tela. Mas, na verdade, os dois se odiavam enquanto filmavam amassos mils. Rourke chegou a dizer ao diretor, Adrian Lynne, que considerava Kim feia, nada sexy (ele preferia Isabella Rossellini, testada para o mesmo papel, mas recusado por Adrian). Basinger, enquanto isso, exercitava seus músculos de não-fumante juramentada reclamando que beijar Mickey evocava a mesma sensação de levar um cinzeiro aos lábios. E chegou um momento da filmagem em que o casal nem andava junto mais no elevador.



Fotos Columbia Tri-Star

Curioso como algumas atrizes parecem ter o perfil exato para filmes "quentes". Como Ellen Barkin, Kim Basinger sempre volta a ocupar as telas com enredos carregados de eletricidade carnal. *Desejos* vem apenas confirmar essa tendência. A proeza de arrastar para o divã, não somente Kim, mas também Uma Thurman, é de Richard Gere. Enfrentar esses dois monumentos femininos é de acabar com o equilíbrio mental de qualquer cristão. Querer, ao mesmo tempo, tentar descobrir qual delas é a maluquinha de verdade e qual é a assassina, meu caro, não há analista no mundo que segure a peteca. Não é à toa que Richard Gere está de cabelos brancos.

No papel do dr. Barr, o analista retraidão que acaba se envolvendo romanticamente com a irmã (Kim) de uma de suas clientes (Uma), Gere é o protagonista de um thriller passado nas ruas de San Francisco. Além das tórridas cenas desfrutadas por Gere e Basinger, que já estiveram juntos em *Sem Perdão*, quem estará por trás do complô contra o analista, e por quê? O diretor Phil Janou -- conhecido pelo documentário *Rattle and Hum*, sobre o grupo de rock U2, e a comédia juvenil *Te Pego Lá Fora* -- é um ex-protegido de Steven Spielberg com uma bela fixação por Hitchcock. Cenas de *Desejos* (Final Analysis) parecem chupadinhas (ou serão "homenagens"?) diretas de clássicos como *Um Corpo Que Cai*. Mas *pecadillos* como esses não destroem por completo a construção e a excitação do filme. Sem a menor intenção de fazer trocadilhos, em última análise, o suspense é mantido até o finalzinho, com direito as uma surpresa final rigorosamente inesperada, o mínimo que se espera de um bom filme de suspense.

"É embaraçoso pedir a pessoas que são praticamente desconhecidas que façam coisas que não são fáceis nem para pessoas que são íntimas entre si", pondera o diretor Steven Soderbergh, o cérebro por detrás do filme *sexo, mentiras e videoteipe*. Ou seja, esqueça o romantismo: fazer sexo no cinema não é nada fácil.

Levemos em consideração o caso de Sharon Stone, a estrela de *Instinto Selvagem*. Ela pode ter sido a única a aceitar o papel de Catherine Tramell — comenta-se que pessoas como Geena Davis e Michelle Pfeifer foram algumas das muitas atrizes a ter devolvido o script a Verhoeven com a anotação *"not interested"* —, mas nem por isso o filme foi exatamente fácil para ela. Nos intervalos das cenas mais intensas, ela tinha sempre a seu lado sua melhor amiga e um balão de oxigênio. E garante que

Warner

Lençóis em chamas: Richard Gere e Kim Basinger dão um tempo no suspense de *Desejos*. Ao lado, em *Instinto Selvagem*, Sharon Stone e Michael Douglas gostam que se enroscam

só vemos sua *cicciolina* , numa cena de interrogatório em que Catherine revela aos policiais ao seu redor que não usa calcinhas, porque Paul Verhoeven a enganou. "Ele disse que aquela região estaria mal iluminada. Ele mentiu para mim."

Se ela e o diretor tivessem se entendido melhor antes da filmagem da cena, provavelmente se usaria um dublê de corpo. Há casos em que nem o corpo dos atores nós vemos. Não é Kevin Costner, por exemplo, que nada pelado numa cena de *Robin Hood — O Príncipe dos Ladrões*, mas, sim, um dublê. Em determinadas cenas de *Alta Tensão*, o *thriller*-comédia estrelado por Mel Gibson, também não é Goldie Hawn quem faz amor com o astro: o bumbum feminino que vemos é alheio. É broxante também saber que o belo corpo que seduz Richard Gere logo no início de *Uma Linda Mulher* não é o de Julia Roberts.

Não que Kevin seja um anjinho pudico. Quando ainda não havia sido eleito o Namoradinho da América, Costner esquentou o banco de trás de uma limusine do governo transando com a amante (Sean Young) do Secretário de Defesa dos Estados Unidos numa cena tórrida de *Sem Saída*. Mas não sem antes se desculpar com Sean, dizendo que ninguém é de ferro e que, mais cedo ou mais tarde na cena, ele acabaria olhando para partes íntimas do corpo dela.

Mel Gibson tem fama de extremamente gentil e atencioso com as atrizes que filmam cenas de sexo com ele. Durante os intervalos da filmagem de uma cena de sexo em *Conspiração Tequila* — executada numa jacuzzi fumegante, ele não largava a mão de sua co-estrela Michelle Pfeiffer, numa demonstração de apoio e simpatia diante do embaraço da situação. Nessas horas, ele sussurrava frases de solidariedade, do tipo "vamos caminhar juntos por essa floresta sombria".

Outro exemplo de como funciona a filmagem de um momento de sexo pode ser encontrado também em *Instinto Selvagem*, numa cena em que o policial Nick virtualmente curra sua namorada psicóloga (Jeanne Tripplehorn). É uma cena extremamente agressiva, em que Nick se atraca com a namorada, os dois rasgam as roupas um do outro, tromba-se muito com a parede, até que ele a domina sobre uma poltrona e a possui por trás. Para quebrar o nervosismo e desmistificar a cena, Michael ensaiou tudo com Jeanne como se fosse um balé, sussurrando instruções no ouvido de sua parceira enquanto executava a coreografia da cena: "beijo, beijo, beijo, perna para cima, de encontro à parede, mãos na minha nuca, beijo, beijo, beijo...", e assim por diante.

Nem todo mundo, porém, concorda em fazer cenas de sexo no cinema. Recentemente comentou-se que Sofia Coppola teria recusado participar da versão de *Drácula* que seu pai Francis Ford estava dirigindo ao constatar que o erotismo no filme seria mais intenso do que ela inicialmente supunha. Em seu lugar entrou Wynona Rider — de quem Sofia tomou o lugar em *O Poderoso Chefão III* —, vista numa cena do novo filme mordendo os mamilos de um Gary Oldman desnudo.

É tudo, afinal, uma questão de atitude. Keanu Reeves poderia ter quase desmaiado quando Glenn Close se ajoelhou diante dele e, sem aviso, cravou a boca em seu pênis, para ilustrar uma possível cena de *Ligações Perigosas* (era um ensaio). Mas, no fundo, Glenn estava tentando apenas demonstrar a validade de um argumento artístico seu.

Seja como for, não há preparação que desmonte 100% o mecanismo natural de defesa montado na hora em que se tenta praticar sexo na frente de estranhos. O set pode estar vazio, a equipe pode estar reduzida ao diretor e ao câmera, mas e o resto do mundo que verá o momento em que seu corpo é tocado pelo de outro estranho?

A atriz Lea Thompson — vista pela primeira vez ameaçando incesto com seu filho Marty MacFly em *De Volta para o Futuro* — tem uma posição filosófica em relação a isso. Ao comentar o que passou por sua cabeça durante a filmagem de uma cena de amor com Tom Cruise em *All the Right Moves*, Lea disse que primeiro pensou no pai — ou melhor, no que ele iria dizer —, depois lembrou-se dos milhões de pessoas que veriam o filme no cinema ou em casa, em videocassete. E aí relaxou. Pior do que isso, ela raciocinou, não poderia acontecer mais nada. Talvez se apoiasse também na certeza de quem sabe exatamente como a cena vai aparecer na tela. Seu contrato estipulava detalhadamente que partes de seu corpo apareceriam, e como.

José Emilio Rondeau, de Los Angeles

CALOR H

GRANDES MOMENTOS

SEXO COMO SE FAZ

O cinema europeu sempre teve menos pudor que Hollywood. Mas esta é uma outra história (... e uma outra matéria, aguardem!) Entre 1930 e 1966, o cinema americano teve de se submeter ao Código Hays — que só não proibia beijo na boca . O casal se abraça, começa o beijo e a câmera desvia para o abajur sobre o criado mudo. Na melhor das hipóteses, continuamos a ver o bicho de quatro braços (e quatro pernas) através de sua sombra projetada na parede.Há quem sinta saudade do Código. Para essas pessoas, Lauren Bacall acendendo um cigarro, Marylin em malhas e vestidos bem justinhos, e os duplos sentidos de Mae West carregam uma aura erótica muito mais intensa do que a pretensa "sensualidade" de caricaturas como *Henry e June* ou *Orquídea Selvagem*.Dá para entender perfeitamente essas pessoas. Quando caiu o Código Hays, muitos estrilaram com o progressivo desfile de seios e nádegas, mas "erotismo" não tem a nada a ver com cenas de nudez, pura e simples. A arte da antecipação, o desejo inchando numa nuvem negra e pesada até o limite do suportável, isto sempre deu Grande Cinema.Com filmes como *Garganta Profunda* e *Atrás da Porta Verde*, o comecinho dos 70 inaugurou um boom de sexo explícito nos EUA — uma "Praga Pornô", como exclamava uma capa da revista *Time* de 76. Hollywood não ficou muito atrás: o sexo implícito aflorou (hmmm), se espalhando de vez pelos 80 — a Era da Aids — numa profusão de cenas que, com certeza, enriqueceram a formação de milhões de pessoas que adolesciam então. Esta é apenas uma pequena seleção. (Todos os filmes estão disponíveis em vídeo.)

Columbia Tri-Star

Areias escaldantes: Burt Lancaster e Deborah Kerr em *A Um Passo da Eternidade (From Here To Eternity)*, dirigido por Fred Zinnemann, Oscar de Melhor Filme em 1953

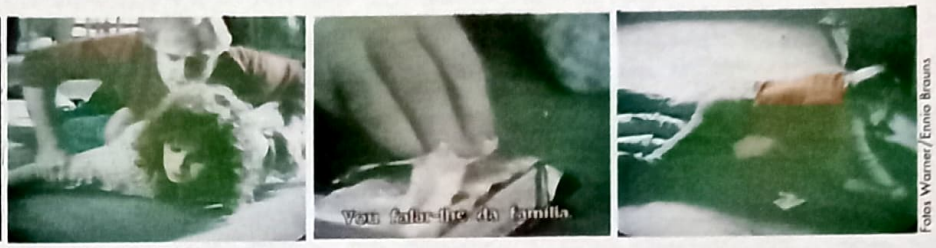
IUMANO

DO SEXO IMPLÍCITO

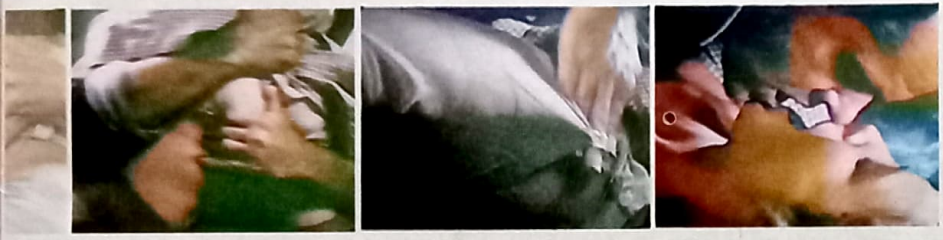
1971 Uma grande atuação de Dustin Hoffman. Um suspense sufocante, que combina sexo e violência ao limite do suportável. É uma cena de estupro (com Susan George) altamente perturbadora: provoca, ao mesmo tempo, excitação e repulsa. Sob O Domínio do Medo, de Sam Peckinpah, pode ser um grande thriller, mas não é indicado para estômagos fracos.

Fotos Transvideo / Ennio Brauns

1972 A cena em que Marlon Brando, Maria Schneider e um pacotinho de manteiga (no papel de lubrificante anal) celebram um ritual de comunhão contra Família, Igreja e Estado, tornou O Último Tango em Paris um dos assuntos mais quentes de todo o planeta em 72. No Brasil, só foi liberado em 79



Fotos Warner/Ennio Brauns



1981 Cenário: a cozinha do restaurante de um posto de gasolina, de beira de estrada. Sobre a mesa, o empregado (Jack Nicholson) e a mulher do patrão (Jessica Lange) começam a perdera noção do que é uma vida tranquila. Só esta cena de O Destino Bate À Sua Porta justifica a existência do botão de *rewind* nos aparelhos de vídeo-cassete.

Fotos Herbert Richers/Ennio Brauns

1981 Outro adultério de alta combustão, em Corpos Ardentes, coloca Kathleen Turner e William Hurt frente a frente (e em outras posições também). O clima de antecipação da primeira transa, um dos mais tórridos de Hollywood, faz quebrar uma vidraça parecer um dos atos mais naturais na vida cotidiana.

Fotos Warner/Ennio Brauns

1982 Perversão total! Não precisa ser um adepto do *bondage* (sexo com um dos parceiros amarrados) para estremecer ao ver a Felina Rainha Nastassja Kinski tendo suas patinhas atadas aos quatro cantos da cama, no final de A Marca da Pantera. Mais uma prova de que um mínimo de contato físico basta para uma máxima voltagem erótica

Fotos CIC/Ennio Brauns

SEXO COMO SE FAZ

1983 A pornografia e o poder da mídia eletrônica conspiramcontra a fragilidade humana em Videodrome, um dos pesadelos mais bizarros de David Cronenberg. Fãs da deusa new wave Debbie Harry e do Marquês de Sade jamais esquecerão o encontro entre James Woods, um alfinete e o lóbulo da orelha da moça.

1986 Quem está errado? Os pseudointelectuais que adoram falar mal do filme? O público que fez fila para ver e rever Mickey Rourke e Kim Basinger em O Filme Romântico Definitivo dos Anos 80? Os publicitários que chuparam sua estética de cabo a rabo? O fenômeno ainda está para ser explicado/analisado à altura ... (precisa dizer o nome da fita?)

1990 Nojo e tesão se confundem em doses concentradas quando Bobby Peru (William Dafoe) e Lula (Laura Dern) se encontram em Coração Selvagem, do Doutor Lynch, Ph.D. em psiques sombrias. Já as transas entre cigarros de Lula e Sailor (Nicholas Cage) falam às zonas erógenas sem embrulhar o estômago e curto-circuitar o cérebro.

Fotos CIC/Ennio Brauns

1984 Kathleen Turner (de novo!) é a dama de vida dupla em Crimes de Paixão: estilista muito bem paga de dia, prostituta muito bem paga `a noite. O diretor Ken Russell não é mesmo dado a sutilezas, e muita gente se chocou com as cenas que revelam a extrema versatilidade desta personagem que é uma profissional da perversão em todas suas modalidades.

Fotos LK-Tel Columbia

Fotos Abril Video/Ennio Brauns

1989 A principal concorrente de Kim Basinger e Kathleen Turner ao trono de Rainha do Sexo Implícito (Ma Non Troppo) tem cara de quem está com F-O-M-E!Além de encostar Al Pacino contra a parede em Vítimas de uma Paixão, Ellen Barkin faz de suas cenas com Dennis Quaid, em *Acerto de Contas*, uma aula sobre como agarrar um homem pelo baixo ventre

Fotos CIC/Ennio Brauns

Fotos Transvideo/Ennio Brauns

1990 Despretensioso, desprezado e deliciosamente despudorado, Loucos de Paixão explora o caminho entre a obsessão carnal e o amor perfeito com uma mistura rara de lirismo e... puro sexo! Com sua perícia oral e experiência de mulher madura, Susan Sarandon mostra ao jovem viúvo yuppie (James Spader) que nem só de grana e cultura vive o homem moderno

Fotos CIC/Ennio Brauns

PREFERÊNCIAS NACIONAIS

"De cara eu gosto muito das cenas entre Kim Basinger e Mickey Rourke em *9 1/2 Semanas de Amor*. Tanto que até brinquei com a e la em meu curta *No Escurinho do Cinema*. Além disso, tem a Annette Bening em *Os Imorais*, com um trabalho erótico interessante, e cenas de sexo muito bonitas. Um dos filmes mais tesudos que eu me lembro é *Corpos Ardentes*. E de cinema brasileiro, as tórridas cenas de Sônia Braga em *A Dama do Lotação*".

GUILHERME KARAN, ator e produtor

"Acho que o erotismo no cinema deve ser sutil, deve deixar uma margem de abstração para quem vê. Por isso prefiro *Zorba, O Grego*, *A Filha de Ryan* e *Veludo Azul*. Mas me lembro que quando fui ver *9 1/2 Semanas de Amor* saí do cinema com vontade de transar com todo mundo".

ENOLI LARA, atriz

"Sexo no cinema? *Calígula* é forte demais. Gosto mesmo é das cenas de *9 1/2 Semanas de Amor*; amei, vi o filme várias vezes".

RITA CADILLAC, cantora e ex-chacrete

"Todos os filmes atualmente tem cenas de sexo. São tantas que não me lembro de nenhuma marcante. Só não vejo cenas de sexo nos intervalos entre uma sessão e outra".

JÔ SOARES, apresentador e humorista

"Prefiro o erotismo sugerido, uma luz interessante, corpos suando... Caso contrário, corre-se o risco de se cair no banal. Não gosto do erotismo publicitário de, por exemplo, *9 1/2 Semanas de Amor*. Fico com *Vítimas de Uma Paixão* e *Totalmente Selvagem*; uma trepada em pé numa parede, ou num metrô, é mais erótica do que 'tudo bem, vamos para a cama brincar um pouco'. A paixão deve ser explosiva, e o sentimento bruto".

FLÁVIO COLATTRELO, diretor da novela *Perigosas Peruas*

"Como o erotismo é o que mais toca o ser humano, o que existe é uma tendência até hipócrita de sua utilização. Pessoalmente não gosto da explicitação sexual; um close, uma intenção, podem ser muito mais eróticos. O *Império dos Sentidos* transcende a estética erótica e pornográfica, apresenta uma verdade interna, uma autenticidade. Existe o bom e o mau erotismo, assim como a boa e a má pornografia".

WALTER HUGO KHOURI, diretor cinematográfico

"Prefiro as mortes de *Sexta-Feira — Parte VIII*, ou então aquele assassinato em *JFK*, mas me excito com todo filme que tenha a Kim Basinger, sou louco por ela".

JOÃO GORDO, vocalista do grupo Ratos de Porão

"O figurino bárbaro e a maquiagem perfeita de *Henry e June* dão o clima todo de erotismo que predomina no filme. *9 1/2 Semanas de Amor* para mim foi muito legal porque bateu no tempo certo, em que era legal ver aquelas cenas de sexo bem produzidas e quentes. E *A Força do Amor* já seria ótimo só por ter Richard Gere, mas as transas do filme, principalmente no quarto da garota, são bem marcantes".

CLAUDIA LIZ, modelo

"O filme que mais me excita é *Branca de Neve e os Sete Anões*, porque mexe muito com o lado onírico, e eu sou muito sonhador".

MARIO GOMES, ator

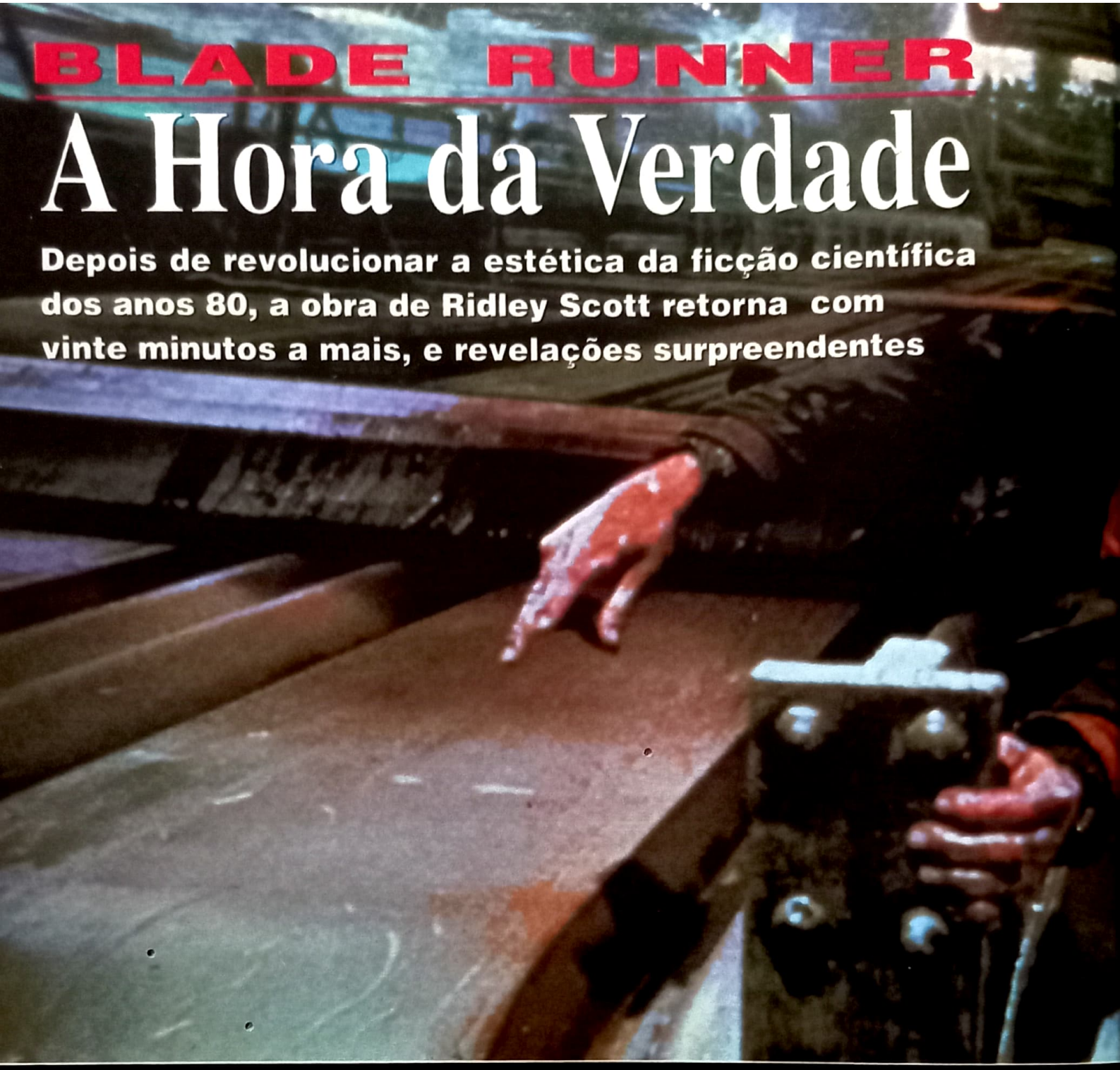
"Filmes na linha de *Corpos Ardentes* têm um grau de erotismo e cenas de sexo muito interessantes. *O Céu Que Nos Protege* também me atraiu por esse lado. Tem um clima de que sempre vai acontecer algo e as cenas de sexo nesse contexto ficam muito quentes. Já o clássico *O Império dos Sentidos* é uma aula para qualquer um. Mas *O Destino Bate à Sua Porta* é de tirar o fôlego".

MARIA PADILHA, atriz

BLADE RUNNER

A Hora da Verdade

Depois de revolucionar a estética da ficção científica dos anos 80, a obra de Ridley Scott retorna com vinte minutos a mais, e revelações surpreendentes



O filme *Blade Runner*, que todos viram em 1982, que influenciou levas de cineastas e escritores e que veio a se tornar um dos maiores sucessos cult de todos os tempos, não é o filme imaginado pelo diretor Ridley Scott.

É antes uma versão adulterada por ordem expressa do distribuidor, Warner Films, após uma série de exibições-teste para os executivos do estúdio, que consideraram o filme de Scott "sombrio demais", "deprimente" e "confuso".

O *Blade Runner* original, imaginado e filmado por Scott "durante o verão escaldante de 1981, nos abafados estúdios de Burbank, um subúrbio do nordeste de Los Angeles, com emissários do estúdio verificando cada gasto" (segundo o "diário de bordo" do diretor, citado em parte na versão em disco laser do filme), continha aproximadamente 20 minutos extras de imagens e diálogo, nenhuma narrativa em *off* e um final substancialmente diferente. Na verdade, era uma história bastante diversa da que chegou às telas: a história de Deckard, que suspeita ser um replicante, mas só tem certeza quando já é tarde demais. No filme original de Scott, a replicante Rachael (Sean Young) é bem mais que um simples "interesse amoroso", o policial Gaff (Edward James Olmos) é muito mais que um tira antipático. Rachael é o agente provocador de Deckard (Harrison Ford), sua sombra, sua consciência, a voz que questiona, insistentemente, sua "humanidade". A mais importante das seqüências eliminadas da versão original acontee imediatamente após a primeira visita de Rachael ao apartamento de Deckard, quando ele explica a ela o que são implantes de memória, e ela, aparentemente encurralada pela terrível revelação de que não é, afinal, um ser humano, pergunta ao policial: "Esse teste que você me aplicou, você mesmo já passou por ele?" A versão comercial de *Blade Runner* termina com a saída lacrimo-

A redefinição do personagem de Harrison Ford muda todo o sentido da história: Na versão de 1982, Deckard (Harrison Ford) é um humano calculista com a missão de exterminar replicantes. Na versão do diretor, ele também é um deles.

sa de Rachael após este diálogo. A versão original prossegue para uma longa bebedeira de Deckard, visivelmente abalado pelo encontro, e uma seqüência de sonho durante o qual o policial vê um unicórnio cavalgando pela floresta. Nos momentos finais do filme, Deckard verá, de novo, um unicórnio: numa dobradura deixada por Gaff em seu apartamento, como um sinal _ de que ele, Gaff, sabe que Deckard é um replicante, cujos implantes de memória são do conhecimento do alto escalão da polícia. Gaff, na visão original do filme, é o anjo exterminador, a outra sombra de Deckard, a sombra do seu destino: um dos finais filmados por Scott mas jamais incluídos no filme mostra Deckard e Rachael em fuga no automóvel do policial, com Gaff em seu encalço.

E, evidentemente, a versão original de B*lade Runner* não tem a horrenda narração em *off* que Harrison Ford executou à força, com tal má vontade que, julgava ele, os resultados por si mesmos obrigariam o estúdio a desistir da idéia. É óbvio que não desistiram, e o filme chegou às telas em 1982 com Ford resmungando "sushi, é assim que minha mulher me chamava: peixe frio" e coisas do gênero.

Lançado em junho de 1982 nos Estados Unidos, B*lade Runner* foi recebido com críticas pouco entusiásticas, que, com consistência irônica, recriminavam exatamente aquilo que a Warner havia mandado enxertar: a narrativa em *off*, o róseo final (executando com sobras das filmagens de *O Iluminado*, de Stanley Kubrick). A essa altura, tanto Scott quanto Ford haviam se desligado do filme, recusando-se a promovê-lo (Ford, na verdade, considerou-se "pessoalmente traído" por Scott, e passou quase dez anos sem falar com ele). *Blade Runner*, que havia custado a soma estratosférica (para a época) de 30 milhões de dólares, rendeu apenas 25 milhões na bilheteria americana, arrastando para a ruí-

na seu principal produtor, Alan Ladd Jr. Curiosamente, Ladd havia realizado *Blade Runner* com o prestígio adquirido com outro projeto de ficção científica no qual poucos levavam fé _ *Alien*, que originalmente deveria ser um filmeco "B" com efeitos especiais baratos e que Ladd transformou num projeto elegante e ambicioso, ao chamar o então promissor diretor inglês Ridley Scott e dar-lhe carta branca. Estrelado pela estreante Sigourney Weaver num papel que nem sequer existia no roteiro original, *Alien* tornou-se um dos maiores sucessos de bilheteria de 1980 e abriu as portas para Scott, Ladd Jr. e *Blade Runner*.

Com ironia encontrável apenas em Hollywood, o desastre que, na verdade, foi *Blade Runner* permaneceu limitado aos Estados Unidos e, principalmente, às cliques do *business*. Pelo mundo afora, a versão que Harrison Ford chamou de "uma caricatura, um pastiche" arrebanhou multidões, fez cabeças, influenciou filmes, videoclips, livros. E enquanto Ford e Scott tentavam distanciar-se do projeto e recusavam-se a falar sobre ele, a versão bastarda de seu filme entrava na psique americana, regurgitada periodicamente em mostras, ciclos de debates, sessões da meia-noite, conferência de fãs de ficção científica, enquanto a versão original, e cópias intermediárias dela, dormitavam nos arquivos da Warner, à espera de alguém com a teimosia e o sangue-frio de um... Deckard.

Em 1991, esse Deckard apareceu na pessoa de Josh Crendall, um estudante de 23 anos da UCLA, fã de *film noir* em geral e de *Blade Runner* em particular. Crendall, parte do comitê organizador da mostra cinematográfica "Perspectivas de Los Angeles", empenhou-se durante três meses numa busca que seus amigos consideravam "louca": a descoberta do *Blade Runner* original, cuja existência a boataria do *business* sempre afirmara. Sua teimosia "e alguns bons contatos, inclusive com a ajuda de Ridley, que foi fundamental", diz ele, levaram à descoberta, nos arquivos da Warner, de uma cópia que, a princípio, se julgou ser o *Blade Runner* original. Exibido primeiro em sessões fechadas e a seguir em limitado circuito de cinematecas, este original mostrou ser, na verdade, um estágio intermediário entre a versão original e a versão comercial lançada em 1982: as adulterações impostas pelo estúdio não estão lá, mas também não estão lá os 20 minutos adicionais de imagem (como a seqüência do unicórnio), que elucidam melhor o drama de consciência de Deckard/ Harrison Ford.

Em Los Angeles, esta cópia alternativa de *Blade Runner* quebrou todos os recordes de bilheteria do cineclube Nuart, arrecadando quase 300 mil dólares em 27 dias em cartaz numa temporada-teste (cujos ingressos só se conseguia comprar após uma espera de, no mínimo, duas horas na fila, em dia de semana, durante a tarde).

"Foi uma grata surpresa para nós", disse Daniel Fellman, vice-presidente de vendas da Warner (que acrescenta, rapidamente, ser "jovem demais" para ter trabalhado para a casa nos idos de 1982...). "Nós sabíamos que havia uma platéia cult para o filme, mas não imaginávamos que, hoje, depois de dez anos, ela seria tão grande."

O resultado dessa constatação é que, neste momento, Ridley Scott está trabalhando na restauração do que virá a ser, afinal, o seu *Blade Runner* original, com nova trilha sonora e, desta vez, com as cenas cortadas. Este novo/ velho *Blade Runner* será lançado, nos Estados Unidos, quando se comemoram dez anos do lançamento original.

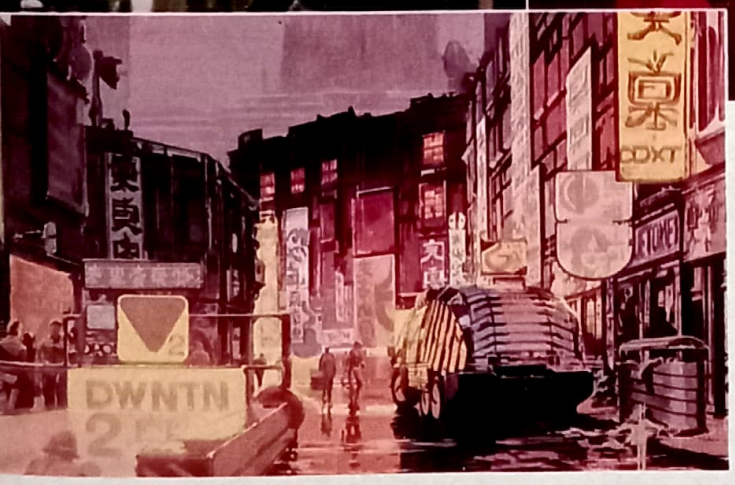
As dúvidas sobre o que realmente está na película imaginada por Scott são muitas, e o diretor está mantendo um suspense adequado ao tema. O sonho do unicórnio com certeza será incluído, mas veremos, por exemplo, Mary, a quinta replicante descrita no roteiro como "a mãe ideal", e cujas cenas não se sabe sequer se existem? Veremos as cenas adicionais de Holden, a vítima do primeiro replicante, na UTI de um hospital, sendo interrogado por Deckard? Mais diálogos e cenas de amor entre Deckard e Rachael? E qual final, dos três que foram filmados, Scott escolherá:

A concepção urbana futurista encomendada por Ridley Scott, ao designer Syd Mead, permanece em qualquer versão. Ao lado, o croquis do artista

Foto: Warner

Os replicantes (como Daryl Hannah) podem se confundir com bonecos e criar uma fantasia bizarra aterrorizante

A tecnologia de ponta, elemento de conflito entre humanos e replicantes, cativou as platéias no mundo inteiro



Rachael suicidando-se, Rachael sendo morta por Deckard, Rachael e Deckard em fuga, perseguidos por Gaff? Ou Scott ficará com o final da versão alternativa exibida ano passado: o negro profundo da porta do elevador se fechando, a gargalhada de Gaff no ar, como *background* da fuga de Deckard e Rachael?

"O maior suspense, na verdade, são os buracos que existem na própria saga desse filme", diz Ken Turan, crítico de cinema do *Los Angeles Times*. "Que cópia é essa que nós vimos ano passado? Onde Ridley Scott encontrou o material restante, se é que ele existe? E por que a Warner não se livrou das versões 'ilegítimas' do filme, quando era óbvio que a simples existência desse material iria ricochetear, em algum ponto do futuro, de encontro ao próprio estúdio? Mas afinal *Blade Runner* é um filme *noir*, e mistérios desse tipo caem bem com ele..." Daniel Fellman diz que é nessa "força instrínseca" que a Warner está apostando quando planeja um relançamento "em escala considerável" para o original. Em setembro/outubro, 100 cópias do filme restaurado serão lançadas nas principais cidades americanas. Numa etapa posterior, entrará "em circuito agressivamente comercial como um novo filme". Lançamentos internacionais, e em vídeo e discolaser, ocuparão o final do ano e o início de 1993. "É um planejamento lento, sim, mas também meticuloso", diz Fellman. "Queremos fazer tudo certo desta vez."

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Caçadores, Andróides, Unicórnios e Ovelhas

Existem, ao todo, cinco "Blade Runners":
O livro de Philip K. Dick , *Do Androids Dream of Electric Sheep?* ("Sonham Os Andróides com Ovelhas Elétricas?") lançado originalmente em 1968, editado no Brasil com o mesmo título do filme.
• A cópia lançada comercialmente em 1982.
• A versão "intermediária" encontrada na UCLA.
• A versão original de Ridley Scott, recusada pelos produtores.
• A nova versão que o diretor prepara, tendo como base a original.
Confira as alterações de uma versão para a outra:

No original de Scott, o teste aplicado no replicante Leon é mais extenso. (Cenas já cortadas na versão "intermediária" encontrada na UCLA.) No livro de K. Dick, a aplicação do "teste de empatia" no replicante só é mencionado a Deckard, quando seu chefe lhe passa a missão.

A primeira tomada com Deckard não é antecedida pela narração em *off*, apenas por um traveling de Los Angeles. Esta seqüência existe na versão "intermediária" No livro, a primeira aparição de Deckard é na cama, pela manhã, discutindo com a esposa.

O delegado Bryant relata a Deckard a existência de seis replicantes, um chamado Mary — a "mãe ideal", que escapa. As cenas com Mary não constam na versão "intermediária". No livro, Bryant relata a Deckard oito replicantes: dois mortos por Holden, e nehum tido por "mãe ideal".

Em *Blade Runner*, de 1982, o policial que interroga Leon, no início do filme, sobrevive ao ataque do replicante. Isto não aparece na versão "intermediária" da UCLA. No livro, Dave Holden realmente sobrevive ao ataque do replicante, que não se chama Leon, mas Polokov.

No original de Ridley Scott, Deckard interroga o colega Holden, restrito a um respirador artificial, em duas cenas. Estas cenas não aparecem na versão "intermediária". No livro, Deckard tenta, mas não consegue falar com Holden, por não ter autorização médica.

Após o primeiro encontro com Rachael, Deckard se embebeda e, à noite, sonha com um unicórnio na floresta — o sonho se repete. Os sonhos não estão na versão "intermediária". No livro, Deckard só bebe com Rachael quando eles transam, mas não há nenhum sonho com unicórnios.

Após matar Zhora , Deckard pega Leon. Depois, Bryant o lembra de que tem de pegar mais quatro replicantes. Este diálogo está na versão "intermediária". No livro, Zhora chama-se Luba. Deckard primeiro mata Polokov e depois Luba. Rachael não está na sua lista de eliminação.

Durante seu confronto com Leon, Deckard vê Rachael na rua, sai atrás dela e entra num bar com o rosto ferido. Deckard esconde Rachael de Bryant, quando há um dialogo amoroso entre os dois. Este segmento não existe na versão "intermediária", e também não aparece no livro.

No original de Ridley Scott, quando Roy mata Tyrrel, o assassinato é mais violento e longo do que na versão comercial. Esta sequência consta na versão "intermediária". No livro, Roy não mata o dono da companhia que o criou. Eles nem ao menos se encontram.

No original, a única fala em *off* de Deckard surge após a morte de Roy. Ela está na versão "intermediária" , e deve permanecer na nova edição de Scott. No livro, boa parte da ação protagonizada por Deckard é acompanhada de seus comentários.

Antes de fugir com Rachael, Deckard acha um unicórnio em origami. A cena não faz sentido sem o sonho com o animal, que sugere ser o próprio Deckard um replicante. Assim está na versão "intermediária". No livro, ele permanece com sua esposa. Não há nenhum origami.

Foram filmados cinco finais: a fuga de Deckard e Rachael (vista na versão de 82); uma outra fuga; Deckard matando Rachael; Rachael se suicidando, pulando de um prédio; e o da versão "intermediária", com a porta do elevador, que leva Deckard e Rachael, se fechando. O livro apresenta um final diferente.

Ilustrações: Luiz Gustavo

SUSAN SARANDON · GEENA DAVIS

UM FILME DE RIDLEY SCOTT.
CINCO INDICAÇÕES PARA O OSCAR.

THELMA & LOUISE

EM MAIO NA SUA LOCADORA

WARNER HOME VIDEO

MGM/UA HOME VIDEO

Mary Elizabeth Mastrantomo em *O Segredo do Abismo*

Fox

O SEGREDO DO ABISMO ★★

(The Abyss, EUA, 1989) Direção: James Cameron. Com Ed Harris, Mary Elizabeth Mastrantonio, Michael Biehn. Abril Vídeo.

"Equipe de uma plataforma de prospecção de petróleo encontra seres alienígenas num abismo submarino." O argumento foi bolado por James Cameron aos dezessete anos. Dá para notar... mas ele fez sua fama justamente com bobagens adolescentes como essa. Vide *Aliens* e *Exterminador Do Futuro*. Só que, em 1989, James andava brigando com sua mulher, a produtora Gale Ann Hurd. Por isso, minimizou o lado "heavy metal" em que é mestre e colocou em primeiro plano no filme o casamento problemático de Ed Harris/ Mastrantonio (que levam nota zero em charme sexual).

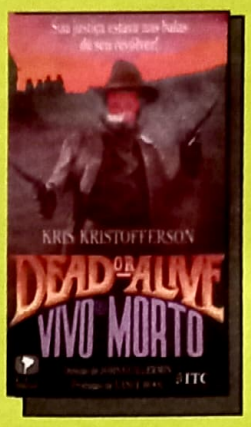
Essa marcada custou 50 milhões de dólares (boa parte gasta no protótipo do efeito especial *morph*, que estourou no novo *Terminator*) e resultou num filme sem amarração, nem objetivo. Não é romance, nem aventura, nem épico, nem nada. Só uma grandiosa matinê, um episódio esquizofrênico de *Viagem Ao Fundo Do Mar*. (E o casamento de Cameron? Foi para o buraco. Ele hoje está com Linda Hamilton, a loira do *Exterminador*, e Gale Ann Hurd casou com Brian de Palma.)

André Forastieri

PARA SEMPRE LULU ★★
(Forever Lulu, EUA, 1987) Direção: Amos Kollek. Com Hanna Schygulla, Deborah Harry, Alec Baldwin. LK-Tel/Vestron.
Apesar do trio central (Deborah cantando e Baldwin estreando), esta cópia de *Procura-se Susan Desesperadamente* não deu certo. A alemã Schygulla é uma escritora que se envolve em mistério real numa Nova York de drogas e assassinos.

AS CORREDEIRAS MALDITAS ★★
(Damned River, EUA, 1989) Direção: Michael Schroeder. Com Stephen Shellen, Lisa Aliff. VTI.
Imitação explícita de *Amargo Pesadelo*. Quatro americanos partem para uma viagem de rio no Zimbabwe e acabam lutando pela própria sobrevivência quando o guia passa a ameaçá-los.

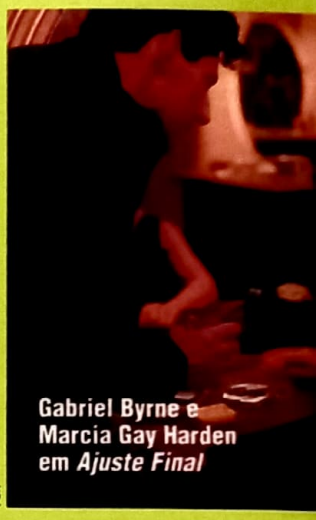
PUNHOS DE LUTADOR ★★
(First Fighter, EUA, 1991) Direção: Frank Zuniga. Com George Rivero, Edward Albert, Matthias Hues. América.
Obcecado por vingar a morte de um amigo, famoso pugilista vai a Rosário, no Chile, para enfrentar o assassino, um renomado lutador local.



VIVO OU MORTO ★★
(Dead or Alive/The Tracker, EUA, 1988) Direção: John Guillermin. Com Kris Kristofferson, Scott Wilson, Don Swayze. VTI.
O primeiro western do diretor de *Inferno na Torre*, feito para a TV a cabo, mas distribuído internacionalmente para os cinemas.

★ Ruim
★★ Regular
★★★ Bom
★★★★ Ótimo
★★★★★ Obra-prima

Acompanha rastreador que se junta a filhinho de papai para perseguir um fanático religioso.



Gabriel Byrne e Marcia Gay Harden em *Ajuste Final*

Fox

OS JOVENS PISTOLEIROS ★★★

(Young Guns, EUA, 1988) Direção: Chris-topher Cain. Com Emílio Estevez, Kiefer Suther-land, Charlie Sheen, Lou Diamond Philips. LK-Tel/ Vestron.

Os Jovens Pistoleiros rendeu, nos EUA, 19 milhões de dólares em duas semanas de exi-bição e chega agora ao vídeo com quatro anos de atraso e dois depois do lançamento de sua seqüência *Jovem Demais para Morrer*. Mistérios da indústria cinematográfica. Principalmente porque ele entrará nos cinemas brasileiros em junho. Quem assistiu ao western "brat pack" embalado ao som de Bon Jovi não deve ter entendido a história, pois a lenda de Billy, the Kid, começa a ser contada neste primeiro filme. Ao som de muito rock e com o uso de câmera lenta, Cain (diretor de *A Força da Inocência*, também com Estevez) realiza um faroeste apropriado para adolescentes que não suportam uma sessão "bang-bang".

Deborah Peleias

Kiefer Sutherland, Emilio Estevez, Charlie Sheen e Lou Diamond Philips em *Os Jovens Pistoleiros*

LK-Tel/Vestron

AJUSTE FINAL ★★★★

(Miller's Crossing, EUA, 1990) Direção: Joel Coen. Com Gabriel Byrne, Albert Finney, Marcia Gay Harden, John Turturro, Jon Polito. Abril Vídeo.
Os irmãos Coen desta vez recriam (ou melhor, rearranjam) os elementos dos filmes de gângster, após terem "brincado" com o *noir* em *Gosto de Sangue* e com a comédia de absurdos em *Arizona Nunca Mais*. Realizaram uma das obras mais sutis e bem orquestradas do cinema americano recente, tanto na impecável direção de arte como no espirituoso jogo de relações imaginado. Os Coen elaboram uma trama violenta e intrincada que parece apoiada na disputa pelo amor de bela mulher (Harden), mas que ironicamente acaba sendo reflexo de atos e desatinos de um triângulo homossexual. O código ético que conduz os personagens é importante para definir as covardias e traições que definem o desenrolar da trama que, a partir de um começo frio e expositivo, agarra o espectador de forma visceral. Afinal de contas, esta é a ópera mais sofisticada já composta pelos irmãos.

Christian Petermann

JULGAMENTO EM BERLIM ★★
(Judgment in Berlin, EUA, 1988) Direção: Leo Penn. Com Martin Sheen, Sam Wanamaker, Sean Penn, Max Gail. VIC.
Sean Penn é dirigido pelo pai e interpreta a única testemunha em intrincado caso político referente ao seqüestro de um avião movido por três poloneses, com o intuito de levá-lo até uma base americana na Alemanha.

MUITO ALÉM DO INFERNO ★
(Beyond the Call of Duty, EUA, 1991) Direção: Cirio H. Santiago. Com Jan-Michael Vincent, Eb Lottimer. Vídeo Arte.
Bobagem com muita ação sobre soldado que sobrevive no Vietnã, um vietnamita que o persegue e uma bela jornalista com interesse amoroso por ele.

MORTE EM VIDEO-CLIP ★★
(Final Embrace, EUA, 1991) Direção: Oley Sassone. Com Robert Rusler, Dick Van Patten, Nancy Valen. Vídeo Arte.
A morte de famosa cantora de rock é investigada por sua irmã e por um policial obcecado pelo seu mito. Trama com clipes, visual moderno e um pouco de pimenta.

O MERCADOR DE SHANGHAI ★★
(Man Against the Mob, EUA, 1988) Direção: Steven Hilliard Stern. Com George Peppard, Kathryn Harrold. Globo Vídeo.
Piloto de telessérie que só rendeu uma continuação. Detetive da Chicago de 1940 reúne os poucos policiais íntegros que conhece para combater a marginália. Óbvias tonalidades *noir*.

UM TIRA MUITO ESPECIAL ★★
(One Good Cop, EUA, 1991) Direção: Heywood Gould. Com Michael Keaton, Anthony LaPaglia, Rachel Ticotin. Abril Vídeo.
Mistura superficial e piegas de violência urbana e sentimentalismo familiar para mostrar como um policial nova-iorquino se auto-avalia quando descobre que vai ser pai.

Pandora

Annette Bening, John Cusack e Anjelica Huston em *Os Imorais*

BOCA DO LIXO ★★
(Brasil, 1990) Direção: Walter Avancini. Com Reginaldo Farias, Sílvia Pfeifer, Alexandre Frota. Globo Vídeo.
Condensação de minissérie com pretensões de *thriller noir*, escrita por Sílvio de Abreu, ambientado em São Paulo e no interior do estado.

O EXTERMINADOR DA MÁFIA ★★★
(Keeper of the City, EUA, 1991) Direção: Bobby Roth. Com Louis Gossett Jr., Anthony LaPaglia, Peter Coyotte. Vídeo Arte.
O diretor Roth costuma estilizar seus filmes, como fez em *Triângulo de Paixões*. Detetive de Chicago investiga uma série de mortes de chefes de quadrilha, precedidas por cartas anônimas enviadas a um importante jornalista.

OS IMORAIS ★★★

(The Grifters, EUA, 1991). Direção: Stephen Frears. Com Anjelica Huston, John Cusack, Annette Bening. Look.
O escritor americano Jim Thompson já fez as vezes de roteirista para Stanley Kubrick, em *O Grande Golpe* e *Glória Feita de Sangue*. Entre seus livros adaptados para o cinema, se destaca *Os Implacáveis*, de Sam Peckinpah.. Em *Os Imorais* (lançado no Brasil pela Editora Paulicéia), Frears valoriza o texto direto e incisivo de Thompson com uma segura direção de atores, mostrando um triângulo amoroso incestuoso com uma Jocasta nariguda, um pilantra carente e sua namoradinha sibilante. Anjelica foi esquecida pelo Oscar mas comprova sua classe num papel à beira do ridículo; a apatia de Cusack se encaixa no papel, e Annette seduz com humor sofisticado. Ainda que as explicações da vida de Lili/Anjelica pareçam confusas, o filme gruda na memória como um trauma de infância.

Cesar Garcia Lima

Muito erotismo e alguma tensão na história de um triângulo amoroso entre industrial, bela esposa e peão-de-obras.

POLICIAL • SUSPENSE

APARENTEMENTE INOCENTE ★★★
(Little Sweetheart, EUA, 1989) Direção: Anthony Simmons. Com John Hurt, Karen Young, Cassie Barasch. Mundial.
Thriller psicológico sobre garota de 9 anos que chantageia seu irmão, espiona os vizinhos e pensa em matar sua melhor amiga. As interpretações de Hurt e Barasch garantem.

EM DEFESA DA VERDADE ★★★
(Defence of the Real, Inglaterra, 1985) Direção: David Drury. Com Gabriel Byrne, Greta Scacchi, Denholm Elliott, Ian Bannen, Bill Patterson. VTI.
Thriller político no qual jornalista denuncia escândalo governamental, culminando em demissões e revelando ser apenas a ponta do *iceberg*.
Excelente elenco em filme que aborda seriamente a ética jornalística.

HITMAN – DISFARCE PERIGOSO ★
(The Hitman, EUA, 1991) Direção: Aaron Norris. Com Chuck Norris, Michael Parks. Warner.
O irmão de Chuck Norrislhe dá mais uma oportunidade "violenta" ao dirigi-lo. Norris é policial traído que é dado como morto em uma armadilha apenas para ser usado pelas autoridades federais no combate ao tráfico de drogas. Rotina.

EYE OF THE STORM ★★★
(EUA, 1991) Direção: Yuri Zeltser. Com Lara Flynn Boyle, Dennis Hopper. Vídeo Arte.
Jovem cuida de um posto de gasolina à beira do deserto de Mojave desde que seus pais foram mortos e seu irmão ficou cego. Todos aqueles que param no posto para reabastecer seus automóveis nunca mais são vistos. Bom elenco em filme intrigante.

INOCENTE OU CULPADO ★★
(Criminal Law, EUA, 1989) Direção: Martin Campbell. Com Gary Oldman, Kevin Bacon, Karen Young, Tess Harper. LK-Tel/Columbia.
Interessante mas exagerado e inverossímil suspense sobre advogado que não consegue compreender a natureza psicopata de joven abastado, supostamente autor de uma série violenta de crimes contra mulheres. As interpretações de Oldman e Bacon seguram o filme.

PENSAMENTOS MORTAIS ★★★
(Mortal Thoughts, EUA, 1991) Direção: Alan Rudolph. Com Demi Moore, Glenne Headly, Bruce Willis, Harvey Keitel. LK-Tel/Columbia.
Demi Moore co-produziu este filme, onde é interrogada sobre a estranha morte do marido de sua amiga (Bruce Willis). Trama bem construída, bons atores e um final surpreendente, mas ilógico.

COMÉDIA

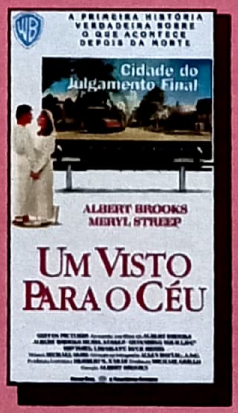
Leslie Nielsen em *Corra que a Polícia Vem Aí 2 ½*

NADINE — UM AMOR À PROVA DE BALAS ★★★
(Nadine, EUA, 1987) Direção: Robert Benton. Com Jeff Bridges, Kim Basinger. Abril Vídeo.
Apesar das limitações artísticas de Kim Basinger, o resultado deste longa é uma comédia de ação inofensiva. Kim é Nadine, uma cabeleireira que, em 1954, grávida e às vésperas de um divórcio, testemunha um assassinato. Depois disso, acontecem muitas correrias e confusões.

CORRA QUE A POLÍCIA VEM AÍ 2 1/2 ★★★★

(The Naked Gun 2 1/2: The Smell of Fear, EUA, 1991) Direção: David Zucker. Com Leslie Nielsen, Priscilla Presley, George Kennedy. CIC.
Tão engraçado quanto o primeiro, *Corra que a Polícia...* extrapola nas guagues. Diferente de outros trabalhos do ZAZ como *Apertem os Cintos, o Piloto Sumiu*, David Zucker mistura no imbroglio uma história com começo, meio e fim. Isso não atrapalha, contudo, o filme, e a platéia se molha de rir já na abertura: Nielsen enche de porrada a primeira-dama Barbara Bush. É bom lembrar que a terceira parte, *Naked Gun 33 1/3* já está a caminho.

Deborah Peleias



UM VISTO PARA O CÉU ★★★
(Defending Your Life, EUA, 1991) Direção: Albert Brooks. Com Brooks, Meryl Streep, Rip Torn, Lee Grant. Warner.
Comédia inspirada sobre homem falecido em acidente de carro que é julgado no purgatório, onde também encontra seu grande amor (Meryl Streep).

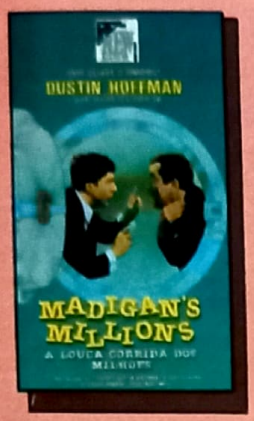
PORKY'S CONTRA-ATACA ★
(Porky's Revenge, EUA, 1985) Direção: James Komack. Com Dan Monahan, Wyatt Knight. Abril Vídeo.
O humor imbecil de *Porky's* encontra o fundo do poço neste último filme da trilogia, que gira em torno da dúvida se a turma de idiotas que protagonizou a série vai atrapalhar ou não um jogo decisivo de basquete estudantil.

NÃO SOMOS ANJOS ★★
(We're No Angels, EUA, 1990) Direção: Neil Jordan. Com Robert De Niro, Sean Penn, Demi Moore. CIC.
Apesar de co-produzido por De Niro e roteirizado por David Mamet, este único filme americano de Jordan *(Mona Lisa)* não dá certo. Em síntese, a trama é o seguinte: De Niro e Penn fogem da prisão e se disfarçam de padres em cidade limítrofe com o Canadá.

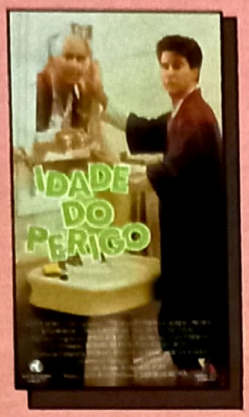
UM CASO MUITO SÉRIO ★★★
(No Small Affair, EUA, 1984) Direção: Jerry

Schatzberg. Com Jon Cryer, Demi Moore, Tim Robbins. LK-Tel/Columbia.
Comédia romântico-musical sobre jovem que fica obcecado por uma mulher "mais velha", uma cantora de rock (Moore, em um de seus primeiros papéis) que aguarda a sua grande chance.

Dustin Hoffman, Elsa Martinelli, Cesar Romero. New Line.
Relançamento de um dos primeiros e piores filmes de Hoffman. Ele é um agente do Tesouro enviado à Itália para recuperar fortuna roubada por gângster recentemente assassinado.



A LOUCA CORRIDA DOS MILHÕES ★
(Madigan's Million, EUA, 1968) Direção: Stanley Prager. Com



IDADE DO PERIGO ★★
(Age Isn't Everything, EUA, 1991) Direção: Douglas Katz. Com Jonathan Silverman, Robert Prosky, Rita

Steve Martin e Vitoria Tennant em *L.A. Story*

Columbia Tri Star

Moreno, Paul Sorvino. Vídeo Arte.
Comédia que pega a onda cinematográfica de "troca de corpos ou envelhecimento precoce" e traz um jovem que queria ser astronauta e acorda um dia com 84 anos. Seus sonhos, é lógico, vão a deriva.

O HOMEM DO SPUTINIK ★★★

(Brasil, 1959) Direção: Carlos Manga. Com Oscarito, Cyll Farney, Zezé Macedo, Neide Aparecida. Globo Vídeo.

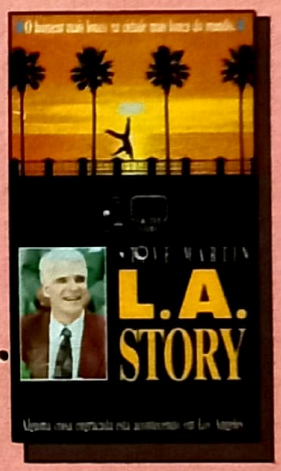
Certamente uma das melhores comédias cariocas do final dos anos 50, época de ouro da Atlântida. Nesta produção "chanchadeira", competente e inteligente, Carlos Manga explora os modismos americanos e brinca com os primórdios da cultura espacial, goza do senso de humor norte-americano mostra soviéticos escondendo vodka e Coca-Cola. Além disso, tem Norma Bengell estreando no cinema em ótima caracterização de Brigitte Bardot.

Christian Petermann

FANTASMAS ENDIABRADOS ★★★
(Waiting for the Light, EUA, 1990) Direção: Christopher Monger. Com Shirley MacLaine, Teri Garr, Clancy Brown. Mundial.
Shirley MacLaine se sente à vontade como uma ex-atriz de *vaudeville* que pratica mágicas para seus sobrinhos-netos no ano de 1962, em plena crise dos mísseis cubanos.

L.A. STORY ★★★

(EUA, 1991) Direção: Mick Jackson. Com Steve Martin, Victoria Tennant, Richard E. Grant, Sarah Jessica Parker. LK-Tel/Columbia.



Muita gente chamou *L.A. Story* de "a Manhattan de Steve Martin", uma referência ao clássico de Woody Allen em que a cidade do autor faz as vezes de musa. Procede a comparação: no roteiro de *L. A. Story*, Martin construiu uma canção de amor à cidade mais ridicularizada dos Estados Unidos, nos mostrando a poesia, o humor e até mesmo o romantismo que moram nos terremotos, nas *freeways* e no *faux* tudo de Los Angeles. Steve lidera o elenco como Harris Telemacher, setorista de meteorologia numa estação de TV que perde o emprego ao cair numa irônica arapuca do destino: certo de que o dia será mais uma longa lista de dias sem chuva na história da cidade, ele deixa gravada sua participação da noite logo quando a Grande Los Angeles sucumbe ao maior toró do ano. Ele precisa se decidir entre dois amores — a jovem SanDeE (Sarah Jessica Parker), cuja grafia do nome só é menos exuberante que ela mesma, e a jornalista inglesa (e mais velha) Sarah McDowell (Victoria Tennant, mulher de Martin na vida real).

José Emílio Rondeau

OLHOS NEGROS ★★★

(Oci Ciornie, Itália, 1987) Direção: Nikita Mikhalkov. Com Marcello Mastroianni, Silvana Mangano, Marthe Keller, Elena Sofonova. LK-Tel/Vestron.
Uma das raras produções internacionais de Mikhalkov (de *Peça Inacabada para Piano Mecânico*), irmão de Andrei Konchalovsky. Partindo de vários contos de Anton Tchekhov e do título de uma balada russa, a saga de um personagem submisso ao fatalismo é contada de forma brilhante pela interpretação de Mastroianni, premiado em Cannes com este filme como melhor ator. O resultado da obra de Mikhalkov é ao mesmo tempo belo, bucólico e bastante lento.

Christian Petermann

Marcello Mastroianni em *Olhos Negros*
Art Films

SANGUE E AREIA ★★
(Blood and Sand, Espanha/EUA, 1989) Direção: Javier Elorrieta. Com Christopher Rydell, Sharon Stone. Paris.
O personagem do toureiro de origem humilde que conhece a decadência ao trair sua esposa (do romance de Vincente Blasco Ibanez) já foi vivido por Rodolfo Valentino e Tyrone Power. Este tem ponta de Ana Torrent, a garotinha de *Cria Cuervos*.

UMA PESQUISA ROMÂNTICA ★
(Animal Behavior, EUA, 1989) Direção: H. Anne Riley. Com Karen Allen, Armand Assante, Holly Hunter. LK-Tel/Columbia.
Filme difícil de agüentar e que, talvez por isso, demorou a ser lançado nos EUA e cujos diretores (uma diretora e um produtor que finalizou o trabalho) se escondem atrás de um pseudônimo. Cientista que estuda macacos se apaixona por músico meio babaca.

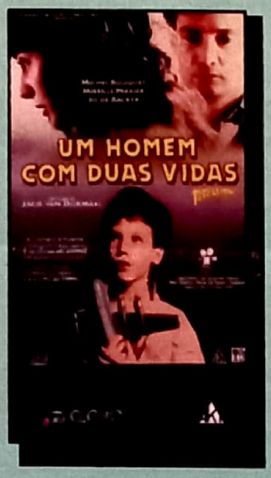
VIAJANTE SEM RUMO ★★★
(Made in USA, EUA, 1988) Direção: Ken Friedman. Com Christopher Penn, Lori Singer, Adrian Pasdar. VTI.
Dois jovens desiludidos com a vida na Pensilvânia roubam um carro e rumam ao Oeste americano. Filme *on the road* sombrio, com erotismo e drogas, que dividiu a crítica.

O VEREDICTO ★★★★
(The Veredict, EUA, 1982) Direção: Sidney Lumet. Com Paul Newman, Charlotte Rampling, Jack Warden, James Mason. Abril Vídeo.
O roteiro do agora diretor David Mamet (de *Homicídio*) é apenas um dos trunfos deste que é dos melhores filmes de tribunal já realizados. Newman arrasa como advogado de Boston que vê uma chance de sair da quase sarjeta com um caso de negligência médica.

AGONIA E ÊXTASE ★★★
(The Agony and the Ecstasy, EUA, 1965) Direção: Carol Reed. Com Charlton Heston, Rex Harrison, Diane Cilento. Abril Vídeo.
Espetáculo grandioso mas de certa forma antiquado sobre os conflitos entre Michelangelo e o papa Júlio II, em especial no que se referia à Capela Sistina. Um curta documental sobre a arte deste gênio precede o filme.

UM HOMEM COM DUAS VIDAS ★★★★

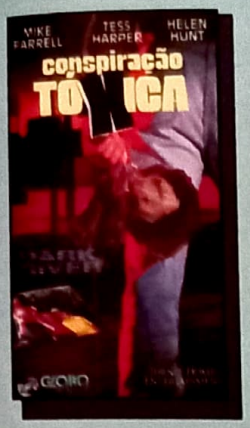
(Toto le Heros, Bélgica/França/Alemanha, 1990) Direção: Jaco van Dormael. Com Michael Bouquet, Jo De Backer, Thomas Godet. Globo Vídeo.



Premiada com a Câmera de Ouro no Festival de Cannes 91 (melhor obra estreante) e com o Cesar (o Oscar francês) de melhor filme estrangeiro do ano passado, esta é uma das obras mais instigantes dos últimos tempos. O filme pode ser resumido como uma fábula sobre um garoto que viveu toda a sua existência acreditando ter sido trocado na maternidade. Para isso, o diretor recorre a números musicais, pesadelos quase expressionistas e a objetos que se animam. O resultado é brilhante.

Christian Petermann

MEU QUERIDO INTRUSO ★★★
(Once Around, EUA, 1991) Direção: Lasse Hallstrom. Com Richard Dreyfuss, Holly Hunter, Danny Aiello, Gena Rowlands. CIC.
O diretor de *Minha Vida de Cachorro* estréia nos EUA, reunindo o casal de *Além da Eternidade*, em drama cômico sobre família que reluta em aceitar o marido da filha mais velha, um vendedor extrovertido e excêntrico. O filme cumpre o que promete.



CONSPIRAÇÃO TÓXICA ★★
(Incident at Dark River, EUA, 1989) Direção: Michael Pressman. Com Mike Farrell, Tess Harper, Hellen Hunt. Globo Vídeo.
Filme feito para a TV a cabo americana. Tocante, embora fique só na superfície, mostra trabalhador que se volta contra a usina na qual trabalha quando descobre que sua filha foi intoxicada com veneno nuclear.

MATOU A FAMÍLIA E FOI AO CINEMA ★
(Brasil, 1990) Direção: Neville D'Almeida. Com Cláudia Raia, Louise Cardoso, Alexandre Frota, Maria Gladys. Globo Vídeo.
O clássico marginal de Julio Bressane foi transformado em um grande pretexto para causar polêmica, em especial por causa das cenas sensuais entre Raia e Louise Cardoso. Bobagem com música-tema de Lobão que conseguiu alguns prêmios, como o de direção no Festival de Brasília de 91.

CONSCIÊNCIA SELVAGEM — A HISTÓRIA DE RUBY ROSE ★★★
(Ruby Rose, Austrália, 1987) Direção: Roger Scholes. Com Melita Jurisic, Chris Haywood. VIC.
Premiado em Veneza, este é o único filme de ficção rodado na Tasmânia, agora território protegido pela ONU. Narra a luta pela sobrevivência de família que se instala na região montanhosa nos idos anos 30.

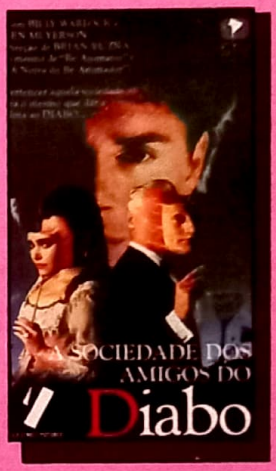
TRIBUTO À LIBERDADE ★★★
(The Perfect Tribute, EUA, 1991) Direção: Jack Bender. Com Jason Robards, Lukas Haas, Campbell Scott. Transvídeo.
Telefilme que fantasia um encontro de adolescente sulista, à procura do irmão — internado em um hospital confederado —, com Abraham Lincoln. Bons atores, sinceridade e patriotismo desbragado.

OS ELEITOS ★★★★

(The Right Stuff, EUA, 1983) Direção e roteiro: Philip Kaufman. Com Sam Shepard, Scott Glenn, Fred Ward, Ed Harris, Dennis Quaid, Barbara Hershey, Jeff Goldblum. Warner.
O cabeção diretor de *Henry & June* adaptando um livro do sarcástico Tom Wolfe para o cinema? A combinação é estranha, mas *Os Eleitos* — a história do início do programa espacial americano— é OK. Kaufman, um pseudo de primeira, deve o bom resultado a Wolfe. Em *The Right Stuff*, o autor de *Fogueira das Vaidades* fez uma reportagem primorosa, um panorama completo da América da virada dos anos 50 para 60. Entrevistou um monte de gente, descobriu todos os "causos" dos primeiros astronautas, e neles baseou sua narrativa. Ficou fácil para Kaufman: bastou amarrar os melhores episódios do livro e fazer o que sabe melhor, dirigir atores (esse mérito ele merece: até canastrões como Shepard e Quaid estão bem). Saiu um filmão, divertido e bonito como anúncio de Lucky Strike. O livro é melhor, claro, mas todo livro é.

André Forastieri

A SOCIEDADE DOS AMIGOS DO DIABO ★★★



(Society, EUA, 1990) Direção: Brian Yuzna. Com Billy Warlock, Ben Meyerson. VTI.
O diretor e produtor Brian Yuzna é uma espécie de Cronenberg eternamente B e adolescente. Em seus filmes não faltam sexo, violência e escatologia explícita. Tudo tão radical e obsessivo. Tudo tão radical que chega a virar o fio e se aproximar de uma espécie de humor negro e ao maquiavélico.
Dando um tempo entre uma adaptação e outra dos textos de H.P. Lovecraft – Brian Yuzna produziu *Reanimator* e *Do Além* em parceria com o diretor Stuart Gordon – ele estréia na direção com este *Sociedade dos Amigos do Diabo*. O ritmo inicial é bem diferente de suas produções anteriores e mais próximo do suspense. Mas neste filme, Yuzna acaba caindo em podreira geral e monstruosidades absurdas. A fotografia de Rick Fichter (*Caçadores da Arca Perdida, Top Gun*) é mais uma garantia de tensão e mistério.

Carlos Eduardo Miranda

LINK — O ANIMAL ASSASSINO ★★★
(Link, Inglaterra, 1986) Direção: Richard Fraklin. Com Elizabeth Shue. Terence Stamp. Paris.
Fantasia de terror dirigida com eficiência por Franklin *(Psicose 2)*. Estudante é contratada por cientista para cuidar de macacos-cobaias. O símio mais velho, como reflexo das experiências, passa a tramar maldades de forma inteligente.

TERROR • FICÇÃO

ESTAÇÃO 44 ★★
(Moon 44, EUA, 1990) Direção: Roland Emmerich. Com Michael Paré, Lisa Eichhorn, Malcolm McDowell. América.
O mesmo criador do esperado *Universal Soldiers*, com Van Damme e Lundgren, Emmerich, virou cult com essa ficção que trás Paré como um investigador que é enviado à Estação Moon 44 para descobrir por quê seus robôs estão sendo contrabandeados. É programa obrigatório para quem curte FC sem grandes pretensões.

OS SOLDADOS DO FUTURO ★★
(Captain Power and the Soldiers of the Future, EUA, 1989) Direção: Tim Dunigan, Peter MacNeil, Jessica Steen. Mundo Mágico.
Piloto da telessérie com Capitão Power. Nesta primeira aventura, ele lidera um grupo de resistência contra o Bio-Terror, a invasão mecanizada que a Terra está sofrendo.

ALPHAVILLE ★★★
(França, 1965) Direção: Jean-Luc Godard. Com Eddie Constantine, Anna Karina, Akim Tamiroff. Mundial.
Um dos filmes mais "assimiláveis" de Goddard e mesmo assim muito fiel à sua leitura da Nouvelle Vague. Detetive é enviado ao futuro, onde resgatará cientista preso em cidade dominada por um cérebro eletrônico.

EM ALGUM LUGAR DO FUTURO ★
(After Shock, EUA, 1990) Direção: Frank Harris. Com Richard Linch, James Lew. Paris.
Alienígena tenta salvar a Terra de uma possível total devastação e torna-se pivô da disputa de gangues rivais. Passatempo apenas para os tarados.

A PASSAGEM ★★
(Waxwork, EUA, 1988) Direção: Anthony Hickox. Com Zach Galligan, Deborah Foreman, David Warner. LK-Tel/Vestron.
Misto de horror e comédia sobre museu de cera administrado por mágico maligno que anima suas criaturas e provoca uma verdadeira guerra entre humanos e monstros famosos. Há uma passagem em preto-e-branco que vale a pena ser vista.

INFANTIL

A PRINCESA DOS CABELOS MÁGICOS — VOL. II ★★★
(Lady Lovely Locks, EUA, 1987) Direção: Bernard Deyries. Mundo Mágico.
As quatro primeiras histórias de série sobre princesa de um reino de sonho e magia que enfrenta as maldades de Negrura e dos Gnomos Pestes.

COELHO RICOCHETE — O XERIFE XERETA ★★★
(Ricochet Rabbit, EUA, 1989) Direção: William Hanna e Joseph Barbera. Vídeo Arte.
Quatorze desenhos curtos tendo como protagonista o coelho Ricochet, que enfrenta ladrões, resolve casos intrincados e até se apaixona.

GARFIELD DE ARRASAR ★★★
(Garfield and Friends 17 and 18, EUA, 1989) Direção: John Walker e Steve Clark. Vídeo Arte.
Desenhos pertencentes à telessérie de Garfield, que inclui os personagens da Fazenda do Orson. Há também vinhetas cômicas e números musicais.

PLIC, PLOC E CHUVISCO ★★
(Pixie and Dixie, EUA, 1989) Direção: William Hanna e Joseph Barbera. Vídeo Arte.
Série de desenhos com os ratinhos Plic e Ploc e com o gato Chuvisco. Acompanha o *Trivia Games*, jogo que testa a imaginação da criança espectadora.

DINO E JULIET ★★★
(Dino and Juliet _ Fred Flintstone Wos Again, EUA, 1989) Direção: William Hanna e Joseph Barbera. Vídeo Arte.
Dois desenhos de média-metragem da fase mais recente dos Flintstones. Ora ele organiza uma segunda lua-de-mel para reconquistar Wilma, ora ele usa Dino para defender sua honra. A fita vem com *Trivia Games*, uma série de jogos de erros e acertos que envolvem o espectador.

EU ACREDITO EM DUENDES ★★★
(The Gnome-Mobile, EUA, 1967) Direção: Robert Stevenson. Com Walter Brennan, Ed Wynn. Abril Vídeo.
Fantasia cômica sobre comerciante e sobrinhos que descobrem gnomos na floresta vizinha à sua casa. Eles os adotam e os protegem de empresários artísticos inescrupulosos. Filme dos estúdios Disney com bons efeitos.

DENNIS, O PIMENTINHA ★★

DENNIS, O PIMENTINHA 2 ★★

(Dennis The Menace, EUA, 1986) Direção: Michael Maliani. Screen Vídeo/ Mundo Mágico.
O pestinha do macacão vermelho aparece em produção barata (e recente) para a TV, como sempre infernizando a vida de seu rabugento vizinho, Sr. Wilson, enquanto é mimado e protegido descaradamente pela Sra. Wilson.
Na maioria das vezes, os roteiros fogem demais da criação original de Hank Ketcham para os quadrinhos — em vez de suas traquinagens e estripulias características, temos histórias "fantásticas" com um viking aqui, o monstro do lago Ness ali e até uma versão para O Pequeno Polegar protagonizada pelo Pequeno Pimenta. É sua personalidade e temperamento originais, porém, que salvam estas fitas das liberdades tomadas com os personagens (que tiveram nos anos 60 uma série com atores de carne e osso, infelizmente nunca reprisada aqui).

José Augusto Lemos

OS FLINTSTONES — PRIMEIROS DESENHOS ★★★★★

(First Episodes, EUA, 1989). Produção para TV do estúdio Hanna-Barbera. Vídeo Arte Kids.

"... Meet the Flintstones... the modern Stone Age family..." segue a clássica canção-tema deste clássico desenho, que estreou na rede norte-americana ABC em 1960.

Foi o mais estrondoso sucesso de Bill Hanna e Joe Barbera depois que a MGM — para quem dirigiam Tom & Jerry — fechou seu estúdio de animação em 57, e a dupla montou seu próprio estúdio com o objetivo de produzir desenhos de seis minutos por três mil dólares cada (um décimo do custo de um curta de Tom & Jerry com a mesma duração).

Conseguiram o milagre de compensar a perda de qualidade, inerente a um orçamento tão enxuto, com traços gráficos e expressivos, uma imaginação fértil — certas canções-tema, como a dos próprios Flintstones, tinham a letra escrita pela dupla — e, neste caso, o genial texto de Warren Foster.

Em seus roteiros, Fred — o pai pré-histórico de Homer Simpson — e seu amigo/vizinho Barney Rubble são vítimas de um humor mordaz. Tão implacável com os rituais da classe média (e suas desastradas incursões de alpinismo sócio-econômico) quanto o da família Simpson.

O gorducho amante de filés de dinossauro, eterno manipulador do amigo, a quem trata carinhosamente de "nanico", e a paciência de Barney, encontram seus pares em uma ruiva de sangue quente (Wiiilmaaa!!!) e uma morena conciliadora (Betty). Em contraponto, os impagáveis animais "eletrodomésticos" que tornaram-se a marca registrada da cidade de Bedrock.

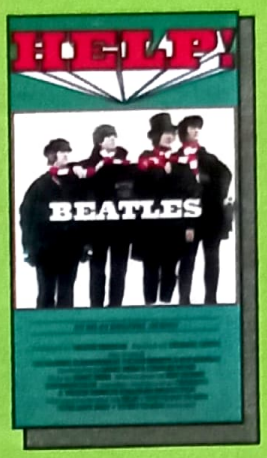
Difícil destacar um ou dois entre os quatro episódios reunidos nesta fita. Do primeiro, com seu cabaré que é um templo do hot jazz (e Fred atacando "When The Saints Come Marchin' In" com Barney na bateria) ao último (a primeira aparição do mascote Dino), é diversão e arte de satisfação garantida para todas as idades. Uma sessão dupla nota dez: alugue junto o longa-metragem *Agente Secreto Flintstone*, paródia de James Bond de rachar o bico, lançado no ano passado.

José Augusto Lemos

MANDA CHUVA – BECO SEM SAÍDA★★★

(T.C.'s Back in Town, EUA, 1992) Direção: Hanna Barbera. Vídeo Arte.

"Hei, chefe! Manda Chuva chegou!" É isso mesmo, o gato trapalhão, que não gosta de trabalhar e de quebra comanda uma gangue felina que adora a boa-vida estão disponíveis na locadora pertinho de sua casa. Nesta fita, Manda Chuva arruma um problema de um milhão de dólares e são alguns turistas que pagam o "pato". A turma dá uma de guia turístico e os turistas vão parar num beco e o Guarda Belo num programa de televisão. Manda Chuva, o rei da malandragem, pertence à galeria das animações de todos os tempos.



HELP! ★★★

(Inglaterra, 1965) Direção: Richard Lester. Com The Beatles, Leo McKern, Eleanor Bron. Sony Music Video.

THE BEATLES – THE FIRST U.S. VISIT ★★★

(EUA, 1964) Direção: Albert Maysles. Sony Music Video.

A Sony Music coloca no mercado dois momentos inesquecíveis dos Beatles: o filme *Help!* e esse documentário *The First U.S. Visit*. O longa-metragem contribuiu para fixar a imagem do grupo junto a seus fãs e sua fórmula *non sense* e despreocupada serviu de inspiração aos filmes de Roberto Faria com Roberto Carlos (vide *Roberto Carlos e o Diamante Cor-de-Rosa* e etc.).

O documentário traz os Beatles se apresentando no show de Ed Sullivan e vários outros lugares pela primeira vez nos EUA. Na verdade é considerado uma espécie de *Hard Day's Night*, também de Lester, e traz imagens inéditas, restauradas e remasterizadas digitalmente.

Walter de Silva

Sony Music

George Harrison, Ringo Star, Paul McCartney e John Lennon em *Help!*

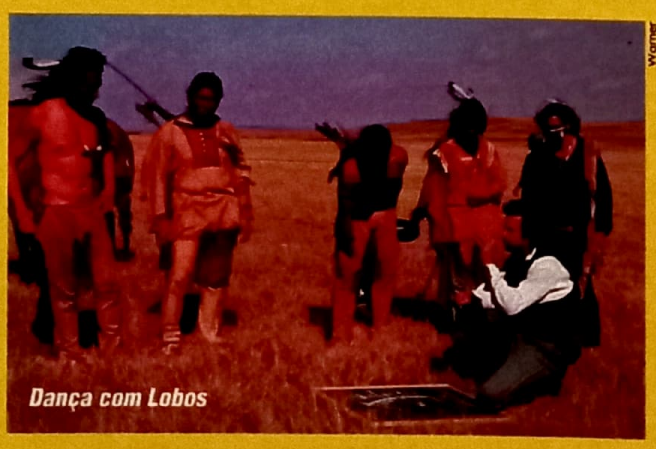
Os novos lançamentos em laser disc trazem entrevistas com diretores e *making of* das produções

TERMINATOR 2: THE JUDGMENT DAY *(O Exterminador do Futuro 2: O Julgamento Final, EUA, 1991) Direção: James Cameron. Com Arnold Schwarzenegger, Linda Hamilton, Robert Patrick.* Formato CAV (nove lados) e CLV (três lados), 139 min. Carolco/Pioneer.
Realmente, não há mais nada a acrescentar ao que já foi falado sobre este grande filme de Cameron, sem dúvida um dos melhores da safra de 91. O que se deve fazer é conferir os efeitos, o som e a maquiagem, categorias em que foi premiado na última festa do Oscar. A versão CAV contém um documentário de 31 minutos com entrevistas com o diretor, os atores e os técnicos responsáveis pelos efeitos especiais.

DANCES WITH WOLVES *(Dança com Lobos, EUA, 1990) Direção: Kevin Costner. Com Kevin Costner, Mary McDonnell, Graham Greene.* Formato CLV (quatro lados), 181 min. Orion/Image Entertainment.
Em sua estréia na direção, Costner mostra sua versão da história do massacre indígena nos Estados Unidos. Competente, o resultado final foi o grande vencedor do Oscar 91. A amplidão do filme é beneficiada na ótima reprodução do disco ótico.

READY STEADY GO! *(Inglaterra, 1965-1966) Direção: Michael Lindsay-Hogg, Rollo Gamble, Peter Croft.* Formato CLV (três discos), 57 min. cada disco. Pioneer.
Coletânea musical dividida em três momentos. O primeiro, *Volume Three*, mostra grupos ingleses em performances televisivas no meio da década de 60, como Beatles e Rolling Stones. As melhores atrações do disco são a entrevista com John Lehnon e o deboche de Mick Jagger desprezando suas fãs enquanto canta "Off the Hook". *The Sounds of Motown* traz o must do selo, com interpretações de Smokey Robinson and the Miracles, The Supremes, Stevie Wonder e Martha and the Vandellas and the Temptations. *Otis Redding Live!* mostra os bastidores de excursões dos cantores ingleses de soul Eric Burdon e Chris Farlowe em belas imagens em preto-e-branco.

TOOTSIE *(EUA, 1982) Direção: Sidney Pollack. Com Dustin Hoffman, Jessica Lange, Teri Garr, Bill Murray.* Formato CAV, 107 min. Criterion Collection/ Voyager
A Criterion Collection é um dos melhores catálogos do mercado de laser disc. Seus discos sempre trazem cópias restauradas e trilha sonora tratada. Nesta edição do clássico de Pollack há um suplemento informativo incluindo comentários *scene-by-scene* do diretor e um curta intitulado *The Making of Tootsie*



MARÇO

Os mais alugados no Brasil

1 O Silêncio dos Inocentes (LK-Tel/Columbia)
2 Dormindo com o Inimigo (Abril Vídeo)
3 Dirty Dancing — Ritmo Quente (LK-Tel/Vestron)
4 Fúria Mortal (Warner)
5 Culpado por Suspeita (Look)
6 Aprendiz de Feiticeiro (CIC)
7 Uma Loira em Minha Vida (Abril Vídeo)
8 Leão Branco — Lutador sem Lei (Paris)
9 Robin Hood — O Príncipe dos Ladrões (Warner)
10 A Casa da Rússia (América)

Fontes: Real Video, Hobby, Vídeo Factory (SP); Cabeça do Vídeo, Copa 6, Vídeo Shack (RJ); Canal Vídeo, Star, Cia do Vídeo (BH); Scorpius, Sygma, Star Vídeo (GO); Vídeo Gama, Back I (RS).

Os mais alugados nos EUA

1 Boys N the Hood (Columbia Tri-Star)
2 Dead Again (Paramount)
3 The Doctor (Touchstone)
4 Other People's Money (Warner)
5 The Hitman (Cannon)
6 Don't Tell Mom the Babysitter's Dead (HBO)
7 Regardin Henry (Paramount)
8 Thelma & Louise (MGM/UA)
9 Harley Davidson & the Marlboro Man (MCA/Universal)
10 The Rocketeer (Disney)

Fonte: *Variety*

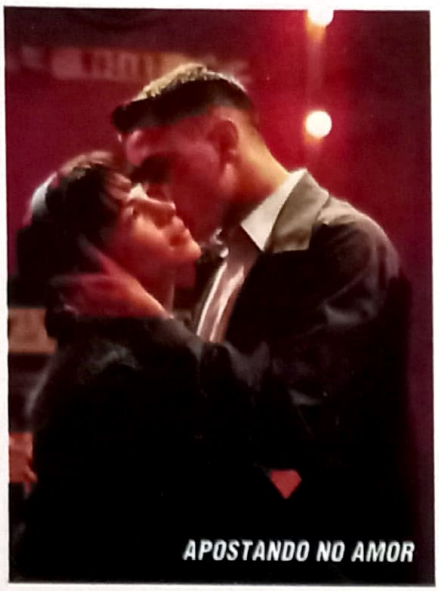
PREPARE-SE PARA VIVER UMA EMOÇÃO ATRÁS DA OUTRA

Se você tem espírito de aventura, paixão pela natureza e consciência ecológica, chegou a sua revista: OS CAMINHOS DA TERRA.
Os surpreendentes mistérios da natureza. As grandes reservas da vida selvagem. Reportagens sobre oceanos, desertos, ventos e vulcões. Expedições, façanhas e esportes mostrando os grandes desafios do homem em seu relacionamento com o meio ambiente. Tudo isso em fotos fantásticas e textos repletos de curiosidades.
Os CAMINHOS DA TERRA trazem ainda as PÁGINAS VERDES, para você ficar atualizado sobre o tema ecologia. Descubra OS CAMINHOS DA TERRA e viva uma emoção atrás da outra.

NAS BANCAS 24/04/92

AZUL

Warner



LK-Tel/Columbia

Video Arte

Inéditos n

Nada mais agradável do que ir até a locadora da esquina e escolher um filme que, por infelicidade, não se teve a chance de assistir no escurinho do cinema. Então, arme-se de pipoca, convide a turma e bom programa

por Christian Petermann

América

APOSTANDO NO AMOR
(Dogfight, EUA, 1991)
Direção: Nancy Savoca. Com River Phoenix, Lili Taylor. Warner.
Às vésperas de partir para o Vietnã, um soldado conhece garçonete e a leva para um concurso de feiúra que reunirá todos os seus colegas. Insultada, ela o achincalha de forma sincera a ponto de motivar um forte romance de (talvez) uma noite só. Com personagens verossímeis e excelente dupla de jovens atores (Phoenix e Lili), o filme se desenvolve de forma sensível, cheio de emoções puras. A trilha inclui Joan Baez, Woody Guthrie, Bob Dylan, Van Morrison e Muddy Waters.

Vídeo Arte

o Cinema

GRAND ISLE – O DESPERTAR
(Grande Isle, EUA, 1991) Direção: Mary Lambert. Com Kelly McGillis, Adrian Pasdar, Julian Sands, Glenne Headly, Ellen Burstyn. Vídeo Arte.
A diretora de *Marcas de uma Paixão* prova de vez sua simpatia pelo feminismo com esse filme produzido por Kelly McGillis. Bucólico e intimista, esse drama mostra o descobrimento da sensualidade e da auto-afirmação de uma mulher no começo deste século. Ótimo elenco em filme cuja força reside no insuspeito impacto de seqüências de irresistível plasticidade.

ROCHEDO DE GIBRALTAR
(Rocket Gibraltar, EUA, 1988) Direção: Daniel Petrie. Com Burt Lancater, Suzy Amis,John Glover, Bill Pullman, Macaulay Culkin. LK-Tel/Columbia.
Burt Lancaster é um patriarca que reúne a família para o que se sabe ser seu último aniversário. A única pessoa que o compreende é seu neto mais novo (Culkin, quem mais?). A conclusão do filme é de arrepiar qualquer sensibilidade desenfreada. E isso faz bem à alma.

INFERNO OU PARAÍSO
(Castaway, Inglaterra, 1987) Direção: Ken Russell. Com Oliver Reed, Amanda Donohoe. América.
Russell exercita seu prazer pela nudez nesta fantasia moderna de homem que contrata bela jovem para isolar-se (com ele) por meses em uma ilha tropical. O resultado desta obra de Russell é cheio de erotismo árido, muita encanação, violência psicológica, belíssimas tomadas da natureza e um embate de interpretações que transformam os personagens em verdadeiros animais se despindo de qualquer civilidade e se fundindo com o cenário paradisíaco.

O FILHO DA MÁFIA
(Spike of Bensonhurst, EUA, 1988) Direção: Paul Morrissey. Com Sasha Mitchell, Ernest Borgnine, Sylvia Miles, Talisa Soto. Paris.
Único filme de Morrissey, antigo colaborador fetichista de Andy Warhol, lançado em vídeo. Aqui ele desfila mais alguns jovens latinos (como em *Mixed Blood*, com Marília Pera), em especial o imberbe herói (Mitchell), candidato a boxeador que se intromete erradamente com a Máfia e vê ameaçado seu sonho de abandonar o Brooklyn e se mudar para a nobre Bensonhurst nova-iorquina. Humor sujo, debochado e caricato.

MATEWAN – A LUTA FINAL
(Matewan, EUA, 1987) Direção: John Sayles. Com Chris Cooper, Mary McDonnell, James Earl Jones, David Strathairn. Vídeo Arte.
Diretor e roteirista inédito no Brasil, John Sayles realiza aqui um de seus melhores trabalhos ao transformar uma situação política em um instigante estudo de caracteres que trata da gênese da consciência sindicalista nas minas de carvão do Sul americano nos anos 20. Sayles tem uma ponta como padre e compôs algumas das letras dos hinos trabalhistas que pontuam este filme belamente fotografado por Haskell Wexler. As músicas são interpretadas por Tata Vega.

PENN & TELLER – PERSEGUIDOS POR ACASO
(Penn & Teller Get Killed, EUA, 1989) Direção: Arthur Penn. Com Penn Jillette, Teller. Warner.
Uma das mais interessantes comédias de humor negro dos últimos anos. A dupla cômica Penn & Teller, da TV americana e inédita por aqui, brinca em um programa de entrevistas e afirma que gostaria de ter alguém anônimo ameaçando-a de morte. Essa brincadeira, no entanto, dá início a uma série crescente e insana de atentados e trotes que desemboca em um dos finais mais inusitados (e, se pensarmos bem, trágicos). Embora seja indicado para públicos específicos, vale a pena entrar no jogo da dupla.

ALTOS SONHOS DE CHEECH E CHONG
(Nice Dreams, EUA, 1981) Direção: Thomas Chong. Com Cheech e Chong, Stacy Keach. LK-Tel/20.20 Vision.
Talvez o melhor filme da dupla pós-contracultural, cultuadora das drogas e da liberdade. As referências alucinógenas são constantes, a começar pelos créditos, que aparecem em baforadas de maconha. O conteúdo desses "sonhos", porém, é "o maior barato", com grossuras, algumas *gags* impagáveis e pontas marcantes, como a de Pee-Wee Herman e a de Sandra Bernhard *(Hudson Hawk)*, amiga íntima de Madonna.

BYE BYE BLUES
(Canadá, 1989) Direção: Anne Wheeler. Com Rebecca Jenkins, Michael Ontkean, Stuart Margolin, Kate Reid. Transvídeo.
Bela narrativa que acompanha o processo de solidão de uma esposa, durante a Segunda Guerra, enquanto seu marido luta na Europa. A forma encontrada para não se entregar à tristeza é dedicar-se de corpo e alma como *crooner* de um grupo de blues e baladas. A diretora trabalha com conflitos morais e a responsabilidade social que daí decorrem, mas o faz com sutileza e maturidade.

ELO PERDIDO
(Missing Link, EUA, 1988) Direção: David Hughes, Carol Hughes. Com Peter Elliott. CIC.
O casal Hughes, que realiza documentários para a National Geographic Society, desenvolve uma "ficção" sobre um raro reminiscente dos homens-macacos fugindo da ameaça do *Homo Sapiens*. O drama do único protagonista é narrado por Michael Gambon (o *Ladrão* do filme de Peter Greenaway), mas o que impressiona são as tomadas da vida selvagem africana, mais exatamente da Namíbia, destalhistas e curiosas, muito bem inseridas na "ação".

OS DESAJUSTADOS
(Withnail & I, Inglaterra, 1987) Direção: Bruce Robinson. Com Richard E. Grant, Paul McGann. América.
Diretor e astro (Grant) do posterior *Como Fazer Carreira em Publicidade* criam uma delirante comédia dramática sobre dupla de amigos íntimos que vive os loucos anos 60 numa Londres complicada ou na propriedade rural de um tio homossexual. A história, produzida por George Harrison, traduz o caos e o humor involuntários dos filhos de 68.

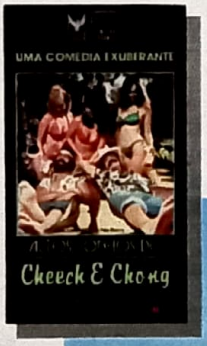
CAÇADA NA NOITE
(The Long Good Friday, Inglaterra, 1980) Direção: John Mackenzie. Com Bob Hoskins, Helen Mirren, Eddie Constantine, Pierce Brosnan. VTI.
Muitos críticos, em especial os ingleses, colocam *Caçada na Noite* como um dos melhores filmes da década de 80 e um dos melhores de gângster de todos os tempos. Mesmo que seu roteiro seja muitas vezes confuso, é uma narrativa tensa, explosiva e perplexa sobre a disputa pelo poder na criminalidade de Londres.
Bob Hoskins embasbaca, como sempre, como pequeno chefão estranhamente enroldilhado em uma série de mortes violentas.

O PRIMEIRO VERÃO DE AMOR
(Haunted Summer, Inglaterra/EUA, 1988) Direção: Ivan Passer. Com Phillip Anglim, Laura Dern, Alice Krige, Eric Stolz, Alex Winter.
América.
Adaptado da obra de Anne Edwards, romanceando um encontro entre Lord Byron, o casal Mary e Percy Shelley (ela, a mãe de Frankenstein) e outros amigos na Itália de 1816, o filme tem boas doses de sensualidade, além de mostrar as experiências alucinógenas de Byron e companhia.

UM MUNDO DIFERENTE
(En Verden til Forskel, Dinamarca, 1988) Direção: Leif Magnusson. Com Adam Koslowski, Boguslaw Linda. Look.
Na linha de filmes nórdicos com protagonistas infantis, como os consagrados *Pelle, o Conquistador* e *Minha Vida de Cachorro*, *Um Mundo Diferente* acompanha a saga de filho de pais divorciados que mora com o avô na Iugoslávia. Quando o avô

Sagres
INTRIGA NUCLEAR

Warner
O ELO PERDIDO



LK-Tel/Columbia

morre, o garoto é enviado para um orfanato, de onde foge para se encontrar com o pai na Dinamarca. Roteiro de Magnusson, ponta do diretor Lars von Trier *(Europa)* e trilha sonora que inclui The Byrds, Eric Burdon and the Animals e The Supremes.

JOBMAN – FÚRIA SILENCIOSA
(Jobman, África do Sul, 1989) Direção: Darriell Roodt. Com Kevin Smith, Tertius Meintjies, Lynn Gaines, Bill Curry. Paris.
Roodt, diretor africano mais conhecido em nível internacional e autor do ótimo suspense *Cidade de Sangue*, constrói uma teia de relações entre um negro mudo, a esposa que ele reivindica, seu sogro, que recrimina a situação, e um amigo branco de infância. Com o racismo como pano de fundo, o enredo mostra várias situações descontroladas que culminam na forte seqüência final.

INTRIGA NUCLEAR
(Bumerang-Bumerang, Alemanha, 1989) Direção: Hans W. Geissendörfer. Com Katja Studt, Jürgen Vogel. Sagres.
Filme político que mostra o terrorismo de forma sutil e sem rancor. Três jovens amigos seqüestram o responsável pelo programa nuclear a ser implantado em sua cidade e o plano se transforma em um bem desenvolvido jogo de gato e rato. O final entusiasmará o espectador que se interessar por esta opção alternativa, principalmente pela postura ecológica apresentada.

O DUELO
(Strangler vs. Strangler, Iugoslávia, 1983) Direção: Slobodan Sijan. Com Laslo Nacic, Sikola Simic. América.
Misto de *thriller* e melodrama, com toques de Fassbinder e do catalão Bigas Luna, diretor de *Angústia*. Adulto reprimido por mãe conservadora, com quem ainda mora, assassina todas as pessoas que desprezam os cravos que vende. Em sua homenagem, grupo de rock decide musicar suas peripécias, transformando esse suspense numa surpresa inusitada. O roteiro inteligente mistura narração documental em *off* com uma seriedade debochada.

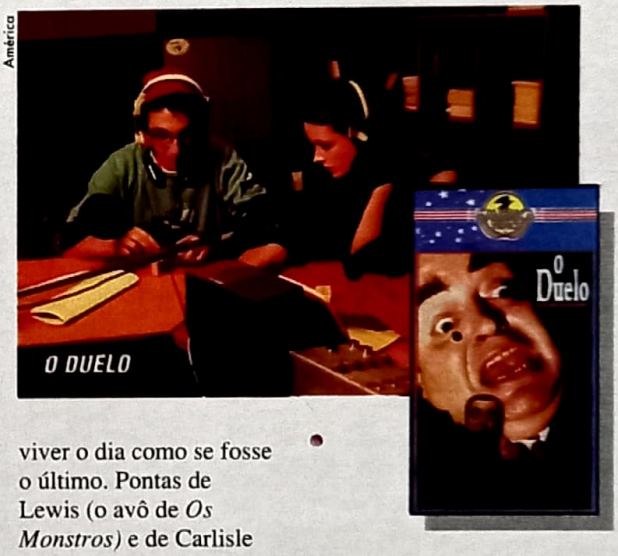
Mundial

KAMIKAZE
(França, 1986) Direção: Didier Grousset. Com Richard Bohringer, Michel Galabru, Dominique Lavanant, Etienne Chicot. Mundial.
Interessante fantasia tecnológica, passada no futuro imediato. Ao ser despedido, *expert* em informática (Galabru) isola-se na casa da filha e cria artefato capaz de matar qualquer pessoa com ondas elétricas de longa distância. Seu alvo principal são os apresentadores de TV, figuras desprezíveis segundo o "vilão". O cerco movido pelo policial Bohringer segue uma lógica curiosa.

Transvideo

BANDEIRA ZERO
(Bum Rup, EUA, 1989) Direção: Daniel Irom. Com Craig Wasson, Blanche Baker, Al Lewis, Anna Carlisle.
Transvídeo.
Com produção e roteiro de Irom, é um filme semi-experimental e bastante pessoal. O começo, em preto-e-branco, revela como um motorista de táxi de Nova York descobre que tem poucas horas de vida. Adormece na praia e acorda, em cores, para viver o dia como se fosse o último. Pontas de Lewis (o avô de *Os Monstros)* e de Carlisle (a louca de *Liquid Sky).* Filme dolorido, mas que vislumbra ânimo na fatalidade.

América



SEM LIMITES
(Starlight Hotel, Nova Zelândia, 1987) Direção: Sam Pillsbury. Com Peter Phelps, Greer Robson. Videoban.
A história pode lembrar *Viagem Insólita*, de Walt Disney, mas é mais amarga e muito mais bela. Garota foragida força a amizade com um veterano traumatizado pela Primeira Guerra enquanto os dois vagueiam pelas belíssimas planícies neo-zelandesas. Se a narrativa é mínima, mas com boa construção psicológica dos personagens, o encanto do filme reside na arrebatadora fotografia de Warrick Attewell, grandiosa detalhista, elevando todo o drama a uma magnitude universal de arrepiar.

Look

Na Cama com Laura Palmer

David Lynch realiza o longa *Twin Peaks* e conta tudo o que a série de TV não ousou mostrar

Depois que meio mundo bateu cabeça para descobrir quem matou Laura Palmer, em *Twin Peaks*, David Lynch dá mais uma cartada rumo ao suspense da série, por caminhos insuspeitáveis. Ele volta à pacata cidadezinha americana na fronteira com o Canadá em *Twin Peaks: Fire Walk with Me*, o longa-metragem que todos os fãs da série sempre esperavam. Isso pode redimir em parte a sua desastrosa exibição no Brasil, com dublagem e cortes que transformariam Lynch num gnomo, se soubesse do estrago.

Realizado com exteriores na região de Seattle, nos Estados Unidos, e interiores nos Studios City, em Van Nuys, próximo a Los Angeles, *Twin Peaks*, o filme, é um golpe de mestre no estilo de Lynch, com gás para atrair tanto os tietes de carteirinha da série quanto para aguçar a curiosidade de quem nunca soube da vida dupla de Laura. A novidade está no roteiro, que acrescenta novos dados à história, ao invés de simplesmente compilar o que já foi produzido para a TV. O subtítulo do filme é *Os Sete Últimos Dias de Laura Palmer*, como uma espécie de investigação ao contrário, já que o espectador sabe desde o início que a mocinha pervertida está marcada para morrer.

Um *flash* nas filmagens nos Studios City mostra que a alucinação no cinema promete ser ainda maior que a da série de TV. O sonho do agente Dale Cooper vai ganhar nova versão, e a câmera registra um anão disforme e corcunda, que se agita freneticamente. Um homem de boné preto ordena: "Mais ganidos", enquanto acompanha a cena por dois monitores. Pede, em seguida, que o homenzinho ria, e o resultado é uma massa sonora de risadas epilépticas. "Agora mais feliz, ganindo e estalando os dedos", dita a voz, um pouco mais exasperada a cada instrução.

Laura e Cooper na sequência intitulada "Sonho de Laura"

Depois de dirigir esta seqüência, designada como "o homem vindo de outro lugar", Lynch dá uma pausa para adular Laura Palmer/Sheryl Lee, que acaba de chegar, sensualmente vestida de veludo negro, em contraste com seu brilhante cabelo loiro. O cenário passa por pequenas modificações, mas o espaço é o mesmo, com cortinas púrpura e chão de listras pretas e brancas em ziguezague. Duas poltronas de veludo, uma estátua de mulher no estilo greco-romano e abajures de luz difusa ocupam a cena, criando um ambiente de mistério. No roteiro, a cena é assinalada como "Quarto vermelho. Interior. Sonho de Laura".

A esta altura surge Kyle MacLachlan já caracterizado como o agente do FBI: impecável terno preto, camisa branca com gravata e cabelo untado de gomalina. Enquanto o anão desaparece por trás da poltrona de Laura, a maquiadora retoca a maquiagem de MacLachlan. Lynch avisa pelo microfone que está pronto para começar, pedindo para ligarem a música. O tema, composto por Angelo Badalamenti e Lynch (como letrista) e cantado em tom sensual por Julee Cruise, toma conta do salão. Em meio a ruído de vidro quebrado e raios de luz, se ouve Lynch orientando o operador de câmera: *"Sonhadoramente..."* A máquina se eleva e se aproxima de Sheryl Lee, que recita seu texto ao contrário (isso mesmo), à medida que lágrimas vão saltando de seus olhos. "Was it you, was it me", canta Julee, enquanto MacLachlan permanece imóvel. Lynch se entusiasma: "Fantástico, absurdo", proclama ele depois da tomada. "Pelo menos essa não precisou ser repetida."

No último dia de filmagem, a relação entre Lynch e MacLachlan no *set*, no entanto, não inclui muita conversa: "Conheço o meu trabalho o suficiente para que precisemos conversar constantemente", conta MacLachlan. Lynch se limita a ditar-lhe algumas indicações técnicas e de postura em cena, o suficiente para realçar sua marca de diretor. Inicialmente, o ator não aceitou reviver o agente Cooper no cinema: "O roteiro não me satisfazia e eu estava muito decepcionado pelo texto da segunda parte da série", confidencia ele. Mas acabou se convencendo de que retomar a trama antes da morte de Laura poderia revitalizar os personagens. "O roteiro era escrito quase automaticamente", explica Lynch. "Nós voltamos no tempo, muitos elementos já estavam claros, outros não. O mais excitante para o co-roteirista Bob Engels e eu foi preencher estes vazios."

Além do elenco original, o filme tem David Bowie como agente do FBI

O que a equipe de *Fire Walk with Me* adianta sobre o roteiro é instigante. A história começa um ano antes da descoberta do corpo de Laura no lago de Twin Peaks, com o agente Cooper envolvido na investigação da morte de outra garota, Teresa Banks. Enquanto isso, podemos seguir os sete últimos dias de Laura num cotidiano de drogas e sexo, em que ela está completamente perdida, sem ser capaz de domar a presença maléfica que a arrasta para a destruição. Além de boa parte do elenco original – e apesar de ausências lamentáveis como a de Laura Flynn Boyle, que abandonou o projeto e deixou o papel de Donna (a melhor amiga de Laura) para Moira Kelly –, o filme traz novos personagens (vividos por Kiefer Sutherland, Harry Dean Stanton, Chris Isaak e David Bowie).

Um dos fatos mais surpreendentes de toda esta empreitada é que *Twin Peaks: Fire Walk with Me* é um filme produzido inteiramente com dinheiro francês. Razoável para os padrões americanos, Lynch é um diretor de forte apelo popular na Europa, principalmente na França, onde já abocanhou uma Palma de Ouro em Cannes, por *Coração Selvagem*. O magnata Francis Bouygues, por intermédio de sua nova produtora Ciby 2000, é o mecenas do projeto, avaliado em US$ 10 milhões. Lynch já está trabalhando em *Ronnie Rockie*, ficção científica também produzida pela Ciby 2000 e a Propaganda Films. Assistir a *Twin Peaks* no cinema já será uma sobremesa que saciará o apetite de qualquer fã de Lynch.

Cesar Garcia Lima

SET

Toras, Tortas e Café

Conheça a verdadeira Twin Peaks

A lanchonete, que servia tortas paradisíacas e café negro como a noite mais escura, ainda está lá, na mesma esquina em que o vento chega do Pacífico para balançar o sinal de trânsito que víamos toda vez que David Lynch desejava enfatizar a tensão de uma cena. Mas a lanchonete voltou a ter seu nome tradicional – Mar-T – e, ao invés do agente Cooper, as garçonetes (todas uniformizadas com jeans e camisetas de Twin Peaks) servem excursões de japoneses que vêm visitar Snoqualmie, a cidade que virou Twin Peaks especialmente para o seriado de TV. A série, ao que parece, só trouxe benefícios para Snoqualmie, cidade madeireira por excelência, a meia hora de Seattle, onde o único cinema exibe hoje *A Bela e a Fera*. E a bênção veio sob a forma de merchandising: lá compra-se desde o calendário oficial de Twin Peaks de 1992 até uma torinha de madeira igual à carregada pela Log Lady. E o hotel Salish Lodge, transformado no The Great Northern para o filme (e a locação da cachoeira usada em incontáveis cenas de transição) hoje pode se gabar de uma diária de "gente grande" (de 155 a 500 dólares), com direito a um mural de reportagens sobre Twin Peaks (em alemão! em espanhol!) enfeitando o lobby.

José Emílio Rondeau, de Los Angeles

Desejo de Faturar

Mel Gibson jurava que não faria o terceiro filme da série. Pois bem, aí está ele de volta como o doidão Martin Riggs

A impressão imediata, assim que se passa da luminosidade agressiva da manhã angelena para os meandros escuros do lestadio Fórum, é que, de fato, um jogo de hóquei está em andamento. Após alguns instantes, contudo, o visitante começa a notar alguns detalhes esquisitos: que diabo de jogo é esse que é jogado diante de arquibancadas vazias, ou quase? E como um jogo entre os Kings, o time residente de Los Angeles, e a seleção de Ontário, no Canadá (hóquei no Canadá é como futebol no Brasil, mania nacional), é capaz de atrair somente esse punhado de gatos pingados que se aglomera na seção central da arquibancada do Fórum? Aliás, pensando bem, que hora mais esquisita para um jogo, 10 da manhã de uma quarta- feira. E o que estavam fazendo lá fora aqueles caminhões gigantescos, aquelas tendas, aqueles geradores, aquele monte de fios? E... espera aí... não é Joe Pesci que vem descendo ali pelo meio das cadeiras especiais? E esse não é o Danny Glover do lado dele? E atrás dele... uau... vem Mel Gibson, senhoras e senhores! Não, o Fórum nunca viu um jogo de hóquei como este.

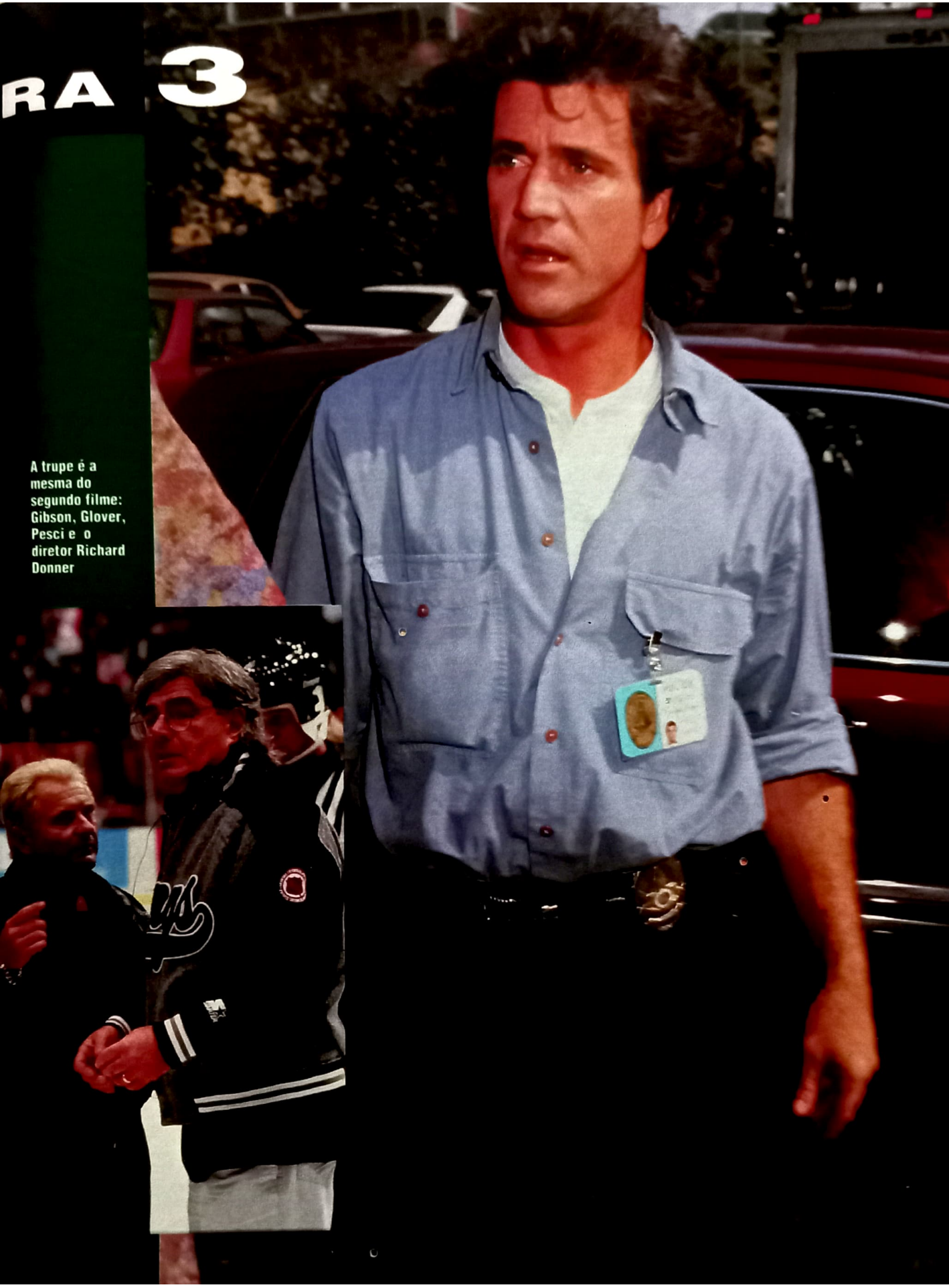
Nem verá outro tão cedo: o jogo de hóquei, encenado com dois times de jogadores profissionais – alguns deles pertencentes, de fato, aos Kings –, a bagatela de 60 mil dólares por dia (25 mil somente para o aluguel do Fórum ao banco Great Western, dono do estádio) é, na verdade, uma armação hollywoodiana, parte de uma outra armação ainda maior: o terceiro filme da série *Máquina Mortífera*. Estrelado mais uma vez por Mel Gibson e Danny Glover, nos papéis da disparatada dupla de policiais Martin Riggs e Roger Murtaugh, e tendo de novo, como improvisado "ajudante", o contador Leo Getz, agora transformado num corretor imobiliário de Beverly Hills, completo com peruca loura e jóias em profusão. "Isso foi idéia minha", diz Pesci, rindo, num intervalo da cena. "Eu via esses anúncios de imóveis em Beverly Hills que, no lugar de fotos das casas, tinham o retrato dos corretores, cada um mais glamouroso que o outro. Pensei: bom, isso é uma coisa que Leo Getz faria se quisesse subir na vida."

A cena do Fórum, razoavelmente simples se comparada com outras que o diretor Richard Donner e sua equipe já cometeram nesta mesma produção, como explodir um prédio de sete andares em Orlando, na Flórida, é um momento crucial no filme: na trilha de uma quadrilha de contrabandistas de armas (cujos fregueses preferenciais são as gangues das ruas de Los Angeles), Glover e Gibson são levados por Pesci a um de seus clientes, um milionário fã de hóquei que, eles suspeitam, é o chefão da quadrilha. No confronto que se segue em pleno jogo, os "espectadores" (duas centenas de figurantes, incluindo à revelia de todos, uma dúzia de jornalistas visitantes) verão muita correria e uma emocionante troca de tiros entre os heróis e os guarda-costas dos bandidos. "É divertido passar por tudo isso de novo", diz Mel Gibson de boca cheia, devorando um almoço de espaguete, rosbife e salada no restaurante do Fórum. "Fazer os filmes da série *Lethal Weapon* é como voltar a um time de futebol, um clube onde você conhece todo mundo que trabalha no projeto, conhece os personagens, tudo fica mais fácil."

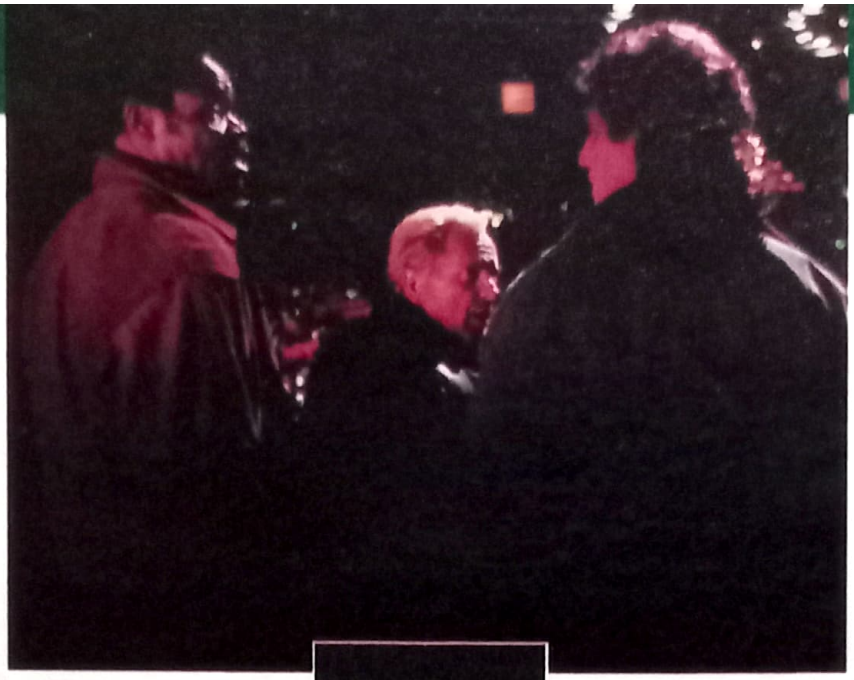
Ao custo aproximado de 35 milhões de dólares, *Máquina Mortífera 3* vem apontado para o coração do gordo mercado de verão nos Estados Unidos, onde ele terá de se bater com o *Batman Returns* de Tim Burton (que, por doce ironia, pertence ao

Fotos Warner

RA 3



A trupe é a mesma do segundo filme: Gibson, Glover, Pesci e o diretor Richard Donner



Com custo de 35 milhões de dólares, *Máquina Mortífera 3* chega aos cinemas de olho na gorda bilheteria do verão americano

mesmo estúdio, Warner Bros) e outra *sequel* de público cativo, o *Alien 3* da Fox. Talvez para calcar um pouco mais as possíveis incertezas, Donner e o produtor Joel Silver – o criador virtual da série, e especialista em filmes de ação ultraviolenta – escalaram um novo persona- gem para este filme: a policial Lorna Cole, vivida por Renee Russo de *Freejack*, e cujo papel é investigar e, por conseqüência, atazanar a vida de Martin Riggs/Mel Gibson. "Ela é durona e muito, muito inteligente, um desafio è altura do personagem de Mel", diz Russo. "Dureza para mim foi dividir com ele as cenas de ação.Tenho manchas roxas pelo corpo todo."

A presença de Russo, na verdade, é um interessante sinal de mudança: até bem pouco tempo atrás, Silver se vangloriava que, em seus filmes (que incluem, além da série *Máquina Mortífera*, a série *Duro de Matar*, *Predador*, *Comando*, os dois *48 Horas* e o recente par de fracassos de Bruce Willis, *Hudson Hawk* e *O Último Boy Scout*) as mulheres estavam "mortas ou na cama". A policial Lorna Cole, contudo, não faz nem uma coisa nem outra em *Máquina Mortífera 3*. Quem mudou mais, as platéias ou Silver? "De fato, as pessoas querem ver personagens femininos envolvidos na ação", Silver concede depois de muito meditar. "O sucesso de filmes recentes prova isso, mas, acredite ou não, essa personagem já existia no roteiro original deste filme. Ela é esperta e valente. É um grande personagem feminino."

Ana Maria Bahiana, de Los Angeles

A Vingança da Maternidade

Com um suspense *à la* Hitchcock, *A Mão Que Balança o Berço* mostra o charme europeu de Rebecca De Mornay à busca do ajuste final

Quem se assustou com as investidas violentas de Glenn Close para destruir a família de seu amante, Michael Douglas, e tê-lo só para si em *Atração Fatal* pode se preparar para cair da cadeira em *A Mão que Balança o Berço*, uma atualização mais amarga ainda do tema da mulher solitária que decide minar o que não consegue ter: uma família.

Dessa vez, a maternidade é adicionada à já explosiva mistura. A bela Peyton (Rebecca De Mornay) aborta o que iria ser seu primogênito depois que o marido ginecologista se mata ao ser acusado – justificadamente – de ter molestado sexualmente sua cliente Claire (Annabella Sciorra). Por vingança, Peyton se emprega como babá de Claire e passa a desestabilizar a família dela, colocando a filha mais velha do casal contra a mãe, criando antagonismo entre a patroa e a melhor amiga dela, e passando cantadas no marido de Claire (Matt McCoy).

O diretor Curtis Hanson (o mesmo de *Sob a Sombra do Mal* e *Uma Janela Suspeita*) mantém o suspense a um nível quase insuportável, mais que um elogio a alguém que não se reduz a um copista de mestres do gênero – do porte de Hitchcock, por exemplo. E Rebecca tem aqui seu melhor papel, e o que tem mais chances de transformá-la em superestrela desde que roubou o coração de Tom Cruise em *Negócio Arriscado*, sete anos atrás. Teremos já uma Veronica Lake para os anos 90?

José Emílio Rondeau

The Hand that Rocks the Cradle, EUA, 1991 Direção: Curtis Hanson Com Rebecca de Mornay, Annabella Sciorra, Matt McCoy, Ernie Hudson ROTEIRO: Amanda Silver FOTOGRAFIA: Robert Elswit MÚSICA: Graeme Revell PRODUÇÃO: David Madden para a Rock'n Cradle Productions DURAÇÃO: 110 min. DISTRIBUIÇÃO: Warner

Warner

Rebecca De Mornay revolta-se contra aquilo que lhe falta: crianças. Já Curtis Hanson, passeia orgulhoso com o símbolo da maternidade

Receita de Mestre

Um filme sobre mulheres, *Tomates Verdes Fritos* tem o sabor das antigas histórias contadas, e grandes interpretações

O início de uma grande amizade: Kathy Bates ouve com atenção a história de Jessica Tandy sobre duas mulheres determinadas a viver

Art Films

Nunca antes duas atrizes premiadas consecutivamente com o Oscar de melhor atriz estiveram juntas num filme. Jessica Tandy levou a estatueta em 1989 por sua atuação em *Conduzindo Miss Daisy*, e Kathy Bathes por *Louca Obsessão*, em 1990.

Algo a mais em comum entre elas é o fato de que ambas já foram descriminadas por Hollywoody: considerada "a primeira dama do Teatro americano", Tandy, depois da excelente interpretação como Blanche Dubois ao lado de Marlon Brando na peça *Um Bonde Chamado Desejo* (1948), teve de amargar a indicação de Vivien Leigh para o mesmo papel na transposição para o cinema em 1951; e Kathy Bates, que quando começou a filmar *Tomates Verdes Fritos* ainda não havia ganho o Oscar por *Louca Obsessão*, só conseguiu o papel em *Tomates* graças a insistência do diretor Jon Avnet, pois a Universal havia apresentado uma lista de nomes preferenciais para representar a personagem. Felizmente, Avnet conseguiu reunir o que ele carinhosamente chama de "as garotas".

As personagens da história contada por Jessica Tandy: Mary Stuart Masterson e Mary Louise Parker regalam-se por um instante no violento solo do Alabama

Art Films

Tomates Verdes Fritos pertence a rara categoria de filmes que reúne excelentes interpretações e uma história cativante muito bem amarrada. Evelyn (Kathy Bates) está entrando na menopausa, numa crise conjugal e de identidade. Casualmente, ela conhece Ninny (Jessica Tandy), uma octogenária que transborda felicidade e sabedoria de vida, e lhe conta epsódios de sua juventude na cidade racista de Whistle Stop, Alabama, no começo dos anos 30.

A história contada por Ninny é sobre a amizade entre duas mulheres, Idge (Mary Stuart Masterson), arredia mas com muita personalidade, e Ruth (Mary Louise Parker). Meiga e indefesa, Ruth é ajudada por Idge ao abandonar o marido, membro da Ku-Klux-Klan, que a espanca. Elas formam sociedade no Whistle Stop Cafe, um bar de estrada, onde a especialidade da casa são os tomates verdes fritos à milanesa com pimenta. O sabor do prato, assim como a vida das mulheres na região, é um tanto azedo mas muito apreciado. A história fica mais ácida quando o marido de Ruth, numa expedição da Klan, tenta sequestrar o próprio filho e é morto pelos amigos de Idge, levando-a a julgamento.

A história de Ninny vai, aos poucos, operando uma mudança radical na vida de Evelyn, e a amizade entre as duas torna-se tão profunda quanto a de Idge e Ruth. Dois relatos paralelos esquadrinham com extrema delicadeza e bom humor o universo feminino sem, contudo, levantar a bandeira feminista. Por que *Tomates Verdes Fritos*, que custou 13 milhões de dólares, foi lançado sem muita pretensão, faturou 62 milhões nos EUA em apenas 13 semanas, deixou as platéias encantadas e os executivos de Hollywoody boquiabertos? Simples: não há pirotecnia visual que substitua o prazer inigualável de se assistir uma boa história.

Walter de Silva

Fried Green Tomatoes at the Whistle Stop Cafe, EUA, 1991 DIREÇÃO: Jon Avnet Com Mary Stuart Masterson, Mary Louise Parker, Kathy Bates, Jessica Tandy, Cicely Tyson ROTEIRO: Fannie Flagg, a partir de seu romance Fried Green Tomatoes at the Wistle Stop Cafe FOTOGRAFIA: Geoffrey Simpson MÚSICA: Thomas Newman PRODUÇÃO: Jordan Kerner DURAÇÃO: 130 min. DISTRIBUIÇÃO: Art Films

Ambição de Woody Allen

Para filmar *Neblina e Sombras* ele saiu de Nova York e foi para a Europa dos anos 20, com um monte de gente e uma idéia incerta na cabeça

É o filme mais caro de toda a carreira de Woody Allen — 19 milhões de dólares —, e um dos mais ambiciosos. Nele, Allen transfere-se da Nova York contemporânea para um ponto da Europa nos anos 20. Em vez de investigar a neura de seres urbanos, ele prefere analisar um elenco de personagens particular e fantástico, composto de artistas de circo e de um "zé-mané" (como todos os que Woody faz em seus filmes) que é convocado para integrar um esquadrão da morte na caça de um estrangulador.

Os créditos do filme são um desfile de superestrelas: John Malkovich, Mia Farrow, Jodie Foster, Kathy Bates, Lily Tomlin, e até Madonna. A maioria deles, porém, perdida no filme. Woody parece ter ficado no meio do caminho, satisfeito com um rascunho quando poderia ter elaborado suas idéias bem mais. Ele chega a "se citar", provocando nos fãs um sentimento novo, em sua filmografia até agora: constrangimento.

Mas, entenda bem, ser constrangido por um filme de Woody Allen é mais que lucro.

José Emílio Rondeau

Shadows and Fogs, EUA, 1991 DIREÇÃO: Woody Allen Com Woody Allen, Kathy Bates, John Cusak, Mia Farrow, Jodie Foster, Madonna, Donald Pleasence, Lily Tomlin ROTEIRO: Wody Allen FOTOGRAFIA: Carlo Di Palma PRODUÇÃO: Robert Greenhut para a Orion Pictures DURAÇÃO: DISTRIBUIÇÃO: Columbia Tri-Star/Orion

Amazônia Vista por um Brasileiro

***Brincando nos Campos do Senhor* tem o encanto de *Dança com Lobos* e o melhor da direção e roteiro de Hector Babenco**

Passaram-se 25 anos até que o produtor Saul Zaentz (*Um Estranho no Ninho*, *Amadeus*) conseguisse transplantar para a tela o livro de Peter Matthiessen que havia lido em 1965, *Brincando nos Campos do Senhor*.

De lá para cá, muita coisa mudou. O assunto e a cenografia do livro, respectivamente a preservação da cultura indígena e a floresta amazônica, tornaram-se palpitantes, e, em muitos aspectos, "da moda". O projeto tomou proporções, digamos, amazônicas: o filme dura três horas. Mas, *Brincando nos Campos do Senhor* entretém tão completamente quanto seu parente temático e de tamanho, *Dança com Lobos*. Só a magistral fotografia da Amazônia, por Lauro Escorel, é suficiente para inebriar os sentidos e esquecer o relógio. O estofo do filme, porém, vai bem além da fotografia. Consegue-se uma raridade: um filme consideravelmente superior ao livro em que se baseia.

Babenco conseguiu — com a ajuda de Jean-Claude Carrière — contar bem o que resulta do encontro de personagens díspares numa cidade imaginária no meio da selva. É lá onde trombam-se os aventureiros Wolf (Tom Waits) e Lewis Moon (Tom Berenger) com os missionários Martin (Aidan Quinn) e Leslie (John Lithgow) e suas respectivas esposas, Hazel (Kathy Bates) e Andy (Daryl Hannah). Em troca do combustível de avião, os aventureiros fazem um trato com a autoridade militar (José Dumont) para espantar uma tribo indígena que mora sobre um veio de ouro. Mas Moon — com sangue Cheyenne nas veias — aborta a missão e torna-se, ele mesmo, um dos índios.

Apreciado pela crítica nos Estados Unidos, o filme foi um fracasso retumbante de público — rendeu menos que um milhão e meio de dólares na bilheteria. Pior para quem perder as atuações fulgurantes de Nelson Xavier (como o padre Xantes) e Stênio Garcia (o chefe indígena Boronai).

José Emílio Rondeau

At Play in The Field of The Lord, EUA, 1991 Direção: Hector Babenco Com Tom Berenger, Kathy Bates, John Lithgow, Daryl Hannah, Stênio Garcia, José Dumont, Nelson Xavier ROTEIRO: Jean-Claude Carrière e Hector Babenco, baseado no romance de Peter Matthiessen FOTOGRAFIA: Lauro Escorel MUSICA: Zbigniew Preisner PRODUÇÃO: Saul Zaentz para a Universal DURAÇÃO: 187 min. DISTRIBUIÇÃO: Condor Filmes

Advogado dos Diabos!

Como um caipirão formado em Direito, Joe Pesci comprova em *Meu Primo Vinny* que é um dos grandes atores do momento

Um roteirista comentou acertadamente que Joe Pesci estava herdando os papéis que Hollywood oferecia a Danny DeVito, antes desse baixinho hilariante ter virado diretor. É estranho imaginar Pesci — versátil e capaz de provocar emoções diferentes no público — restrito a papéis humorísticos; mas a participação dele em *Esqueceram de Mim*, *The Super*, e nesse *My Cousin Vinny*, assim nos leva a crer. Pesci é o primo Vinny do título, um ítalo-americano ignorante, recém-formado em Direito e sem experiência no ramo, que é chamado às pressas em Nova York para defender um parente (Ralph Macchio) acusado de assassinato numa cidadezinha do interior. Vinny precisa superar sua própria ignorância nos assuntos jurídicos e manter até o fim, para o juiz durão, a mentira de que é um superadvogado.

A situação exasperante de Vinny produz momentos memoráveis — como as argumentações que dá aos jurados e o palavreado urbano que usa.

José Emílio Rondeau

My Cousin Vinny, EUA, 1991 DIREÇÃO: Jonathan Lynn Com Joe Pesci, Ralph Macchio, Marisa Tomei, Mitchell Whitfield ROTEIRO: Dale Launer FOTOGRAFIA: Peter Deming MÚSICA: Randy Edelman PRODUÇÃO: Dale Launer e Paul Schiff DURAÇÃO: 119 min. DISTRIBUIÇÃO: Fox

Condor Filmes

O desajeitado Joe Pesci e sua namorada despachada, Marisa Tomei: feitos um para o outro

Natalie Wood

Com personagens fortes, a atriz representou uma década de rebeldia

Ela é do tempo em que os estúdios fabricavam "big loiras". Seu tipo físico era o oposto daquilo que o padrão hollywoodiano ditava como beleza ideal. Embora franzina e morena de belos olhos castanhos, Natalie Wood tornou-se o mito de uma geração de jovens rebeldes.

Natalie começou cedo no cinema. Com quinze anos já havia participado de duas dezenas de filmes e aos dezessete teve sua primeira indicação para o Oscar, por *Juventude Transviada*.

Filha de arquiteto russo e mãe bailarina, de ascendência francesa, a adolescente independente e liberal começou a escandalizar Hollywood com declarações picantes: Natalie dizia em entrevistas que saía com vários homens para poder escolher com qual ficaria.

Isso bastou para despertar a ira da conservadora colunista Hedda Hopper que aproveitou de sua posição e perpretou uma campanha, em suas colunas em jornais dos EUA, contra os hábitos da jovem atriz. Hedda foi apoiada por ligas de senhoras que, indignadas, enviaram cartas aos estúdios Universal (com o qual Natalie tinha contrato) em repúdio ao seu comportamento libertino.

A pequena garota Natasha Gurdin (nascida em 20 de julho de 1938, em San Francisco) estreou no cinema aos cinco anos pelas mãos do diretor Irving Pichel, no filme *Filho Pródigo*, de 1943. Três anos depois, Pichel a escolheu para o papel de filha adotiva de Orson Welles em *O Amanhã É Eterno*. O ritmo de trabalho da menina-prodígio, que nunca chegou a ser tão brilhante quanto Margaret O'Brien e Shirley Temple, continuou alucinante até atuar como filha de Bette Davis em *Lágrimas Amargas* (1952), quando entrou na primeira crise profissional. Seu salário foi reduzido pela metade e os convites para atuar escassearam..

Sem nenhum papel em vista, Natalie soube que Nicholas Ray estava iniciando um novo projeto: *Juventude Transviada*, com o novo ídolo de Hollywood James Dean. Então, deu um jeito de conseguir o roteiro e, ao lê-lo, se viu no papel da inconsequente Judy. Decidida a conseguilo, foi ao estúdio, entrou aos gritos e fez tanto estardalhaço que Ray lhe deu o papel.

Em seguida, John Ford a convidou para estrelar um de seus melhores trabalhos: *Rastros de Ódio*, de 1956. A carreira agora ia de vento em popa. Natalie conseguia personagens fortes, como Marjorie Morningstar de *Até o Último Alento* (1958), que culminaram em *Clamor do Sexo* (1961), de Elia Kazan, resultando em sua segunda indicação para o Oscar.

Os impagáveis momentos de Natalie encarnando a cantora porto-riquenha Maria no musical *Amor, Sublime Amor* (1961)

mostraram sua versatilidade. Versatilidade e ousadia foram seus dons maiores. Em 1962, voltou a escandalizar tirando a roupa no filme *Em Busca de um Sonho*.

A fama de colecionadora de homens — por sua cama passaram Nicholas Ray, Tab Hunter, Nick Adams, Raymond Burr, Robert Vaughn, Scott Marlowe — rendeu o primeiro casamento, em 1957, com Robert Wagner. Diz-se que o romance com Warren Beatty durante as filmagens de *Clamor do Sexo* teria sido a razão de sua separação, um ano depois, de Wagner. Em 1969, casou-se com o produtor inglês Richard Gregson, com quem teve a primeira filha, Natasha.

Natalie Wood começou os anos 70 com calmaria e voltou a se casar, em 1972, com Robert Wagner. A re-união do casal gerou a garotinha Courtney. Dedicada à vida familiar, Natalie se afastou das telas e as aparições em *O Golpe de Sorte* (1975) e *O Último Casal Casado* (1980) não chamaram a atenção e a levaram ao ostracismo.

Faltando apenas doze dias para o término das filmagens de *Projeto Brainstorm*, Natalie Wood pegou seu bote a motor, após uma séria discussão com o ciumento marido, e se dirigiu mar adentro para nunca mais ser vista. Seu corpo foi encontrado, no dia 29 de novembro de 1981, boiando a 200 metros da ilha de Catalina, na Califórnia, onde costumava passar o tempo livre.

Sua misteriosa e precoce morte aos 43 anos gerou uma onda de boatos sobre seu hábito alcoólatra e um provável caso com Christopher Walken. O certo é que Natalie Wood tinha mágoas de Hollywood e do modo como o cinema trata seus ídolos. Ironicamente, ela cumpriu o destino das meninas-prodígio das telas: desapareceu precocemente, deixando a sensação de um vazio que não precisava existir.

Fátima Gigliotti

SET

Fotos Warner

Natalie Wood se prepara para o papel de Gypsy Rose Lee, do musical *Gypsy*, de 1963. Ao lado, com Richard Beymer em *Amor, Sublime Amor*, de 1961

O Melhor de Natalie em Vídeo

JUVENTUDE TRANSVIADA
(Rebel Without a Cause, EUA, 1955) Direção: Nicholas Ray. Com James Dean, Jim Backus, Sal Mineo, Nick Adams. Warner.
Este filme se transformou na bandeira de uma geração por mostrar a rebeldia e o desencanto de jovens nascidos em berço de ouro. Conta a lenda que uma maldição foi responsável pela morte trágica de seus principais atores: Dean, acidente de carro; Sal Mineo, esfaqueamento; Nick Adams, overdose; e Natalie, afogamento.

CLAMOR DO SEXO
(Splendor in the Grass, EUA, 1961) Direção: Nicholas Ray. Com Warren Beatty, Pat Hingle, Audrey Christie. Warner.
Beatty debutou no cinema ao lado de Natalie e juntos vivem um amor tenso e depressivo. Este drama retrata a conservadora América dos anos 50, cujos dogmas levaram sua juventude ao fatalismo extremo. O belo casal Beatty/Natalie chega, por vezes, a soltar faíscas. Daí se entende o porquê dos boatos sobre o envolvimento amoroso.

RASTROS DE ÓDIO
(The Searches, EUA, 1956) Direção: John Ford. Com John Wayne, Jeffrey Hunter, Vera Miles. Warner.
Para muitos, a obra-prima máxima de John Ford, com locações em Monument Valley. Wayne interpreta Ethan, homem amargurado em busca dos índios que dizimaram sua família e raptaram a sobrinha, Natalie. Clássico do gênero western, com belíssima fotografia de Winton C. Koch.

AMOR, SUBLIME AMOR
(West Side Story, EUA, 1961) Direção: Robert Wise, Jerome Robbins. Com Richard Beymer, Russ Tamblyn, Rita Moreno. Warner.
Um dos últimos grandes musicais da história do cinema, premiado com dez Oscar, incluindo melhor filme e direção. Adaptado dos palcos da Broadway, da peça de Arthur Laurents e baseado em *Romeu e Julieta* de Shakespeare. Natalie e Richard foram dublados por Marnie Nixon e Jimmy Bryant. As danças e coreografias foram executadas pelos próprios atores.

BOB, TED, CAROL E ALICE
(Bob & Carol & Ted & Alice, EUA, 1969) Direção: Paul Mazursky. Com Robert Culp, Elliot Gould, Dyan Cannon. LK-Tel/ Columbia.
Estréia de Mazursky na direção, tratando de um tema polêmico: a liberação sexual concretizada na troca de casais. Natalie interpreta a esposa de Culp e juntos eles tentam modernizar a moral conservadora do casal de amigos Gould-Cannon propondo um swing. As normas de Hollywood não deixaram a história se concretizar na cama, mas a permissividade do tema entusiasmou o público da época.

PROJETO BRAINSTORM
(Brainstorm, EUA, 1983) Direção: Douglas Trumbull. Com Christopher Walken, Louise Fletcher, Cliff Robertson. Vídeo Arte.
A maior curiosidade do filme é ver a última atuação de Natalie, que faleceu 12 dias antes do final das filmagens e as cenas que faltava gravar foram feitas por um dublê.

Hiper-Multi-Mídia:

O CD-ROM surge para integrar-se ao laserdisc, ao computador e à sua velha TV, num novo conceito tecnológico. Você, antes relegado ao papel passivo de "espectador", agora atua, interfere, edita, dirige...

O mundo, quem diria, foi parar num compact disc. Pelo menos é isso que nos querem fazer crer os fabricantes do produto mais badalado dos últimos dois anos, o CD-ROM.

As palavras-chave para se entender todas as implicações do produto são as senhas mais quentes em todo meio profissional relacionado às conexões entre tecnologia e *entertainment*.: "multimídia" e "hipermídia".

Abreviatura para *Compact Disc-Read Only Memory*, o disco CD-ROM – idêntico, na aparência, ao CD comum – é capaz de integrar som, imagem, animação, texto e vídeo em qualquer combinação. Estes "múltiplos meios" (em latim, *multimedia*) de linguagem e comunicação se cruzam sob o comando de um computador – controlado pelo usuário como qualquer software. Aí entra a chamada "hipermídia": por ser uma tecnologia interativa, o CD-ROM oferece não apenas um banco de dados portátil e generoso, mas um instrumento para aprendizado, estudos, pesquisas e DIVERSÃO, que permite à pessoa interferir, em vez de ser mera espectadora. O termo, nas internas, é "navegar" – o usuário passeia pelo "mar" de informação, seguindo seus próprios interesses e associações.

Em um único CD, cabem 680 megabytes – ou 250 mil páginas de texto ou 72 minutos de animação computadorizada ou 19 horas de som. Uma enciclopédia "animada", ou os últimos dez anos de seu jornal diário favorito ou as obras completas de Shakespeare ou um dicionário de 180 mil verbetes e três mil ilustrações em cores.

Para se ter uma pálida idéia do mundo de possibilidades aberto pelo CD-ROM, basta passar os olhos em lançamentos recentes para alimentar o hardware – na verdade, uma caixinha do tamanho de um CD-player portátil, vendida por cerca de 500 dólares. Títulos como os lançados pela Voyager, uma companhia de laserdiscs e software para CD-ROM de longe a mais prolífica do ramo: *Poetry In Motion*, recitais de poesia que reúnem filmetes com os autores recitando (tomando proveito da última inovação da tecnologia de computares Apple Macintosh, o Quick Time, que permite a inserção de sinais de vídeo entre as imagens mostradas num monitor de computadores); reportagens completas com som, imagem, ilustrações e texto a respeito da Guerra do Golfo, produzidas pela revista *Time;* uma "excursão" pelo Museu do Louvre, com absolutamente todas as peças em exposição permanente; para crianças pequenas, *A Silly Noisy House*, uma brincadeira com uma casa, onde tudo que o cursor toca faz um barulho peculiar; para os fãs de música clássica, os CD *companions*, elaborados estudos e análises de peças musicais famosas, como a *Sinfonia nº 9*, de Beethoven (clique aqui e veja na tela a partitura do trecho que se ouve. Clique de novo e estude tudo sobre o instrumento de cordas que executa aquele determinado solo), e *O Rito da Primavera*, de Stravinski; quem quiser estudar a língua, a história e os costumes do Japão existe *Exotic Japan*, um curso interativo com mais de 150 lições diferentes, todas ricamente ilustradas.

A Voyager, porém, não está sozinha: por causa da democracia da informática – as "ferramentas de criação", os assim chamados *authoring tools*, estão à disposição de quem tiver alguns poucos milhares de dólares para investir – quase todo mundo que tem a ver com som, imagem, edição de livros e revistas e computadores está se envolvendo com a multimídia interativa. De independentes sortudos – como a dupla Joe Sparks e Mike Saenz, de Chicago, autores do game em CD-ROM best-seller *Spaceship Warlock* – a mega-empresas para lá de estabelecidas – como a LucasArts Entertainment, de George Lucas, que está desenvolvendo uma série de produtos do gênero, a começar do programa educacional baseado na recém-lançada série de TV *The Young Indiana Jones Chronicles*. (veja *Takes* nesta edição).

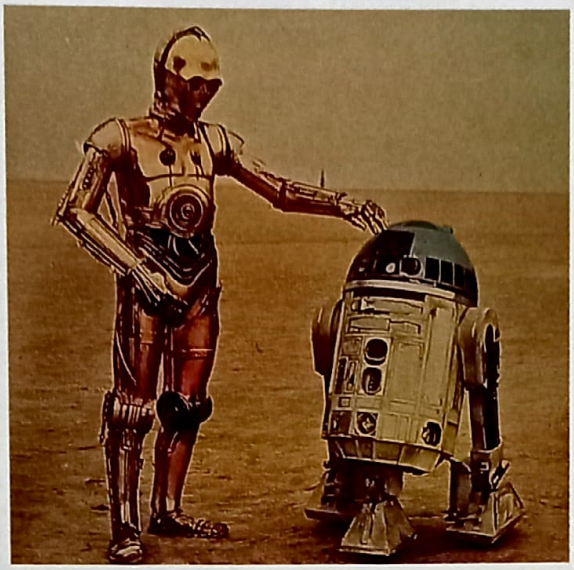
O interessante é que, no momento, consegue-se vislumbrar apenas a ponta do iceberg potencialmente prodigioso que espera-se que o CD-ROM seja. Como acontece toda vez que se desenvolve uma nova tecnologia destinada ao público consumidor, o CD-ROM é, na verdade, um dentre diferentes formatos de multimídia interativa que se excluem mutuamente pela incompatibilidade absoluta. Além dele,

Dois modelos de drive para CD-ROM, disponíveis no mercado americano. Acima, o poderoso Allegro da Optical Access Int. Ao lado, a alternativa mais barata: o portátil CDR-36M da NEC, que também toca compact discs musicais

O Futuro Já Começou

existem, também, a CDTV – uma tecnologia desenvolvida para computadores Commodore – e a CDI – da Philips.

Um estudo realizado pela firma nova-iorquina de pesquisas Frost & Sullivan constatou vendas de somente 350 mil CD-ROM players (volume respeitável, mas bem menos de um por cento das vendas de laserdisc players, que já são uma percentagem das vendas de VCR's), mas estima que o número suba para 5,4 milhões até 1996, quando a indústria passará a faturar 3,1 bilhões de dólares, o que configuraria um sucesso considerável.



Abril Vídeo

Para os amantes do cinema, a melhor opção em multimídia interativa, hoje, é um sistema integrado de CD-ROM, laserdisc, uma TV e um computador Macintosh. Você coloca o disco da trilogia *Guerra nas Estrelas*, lançada com cenas inéditas. Através dos comandos do computador, escolhe como quer assistir: os três filmes, como foram exibidos no cinema? Ou só as cenas que ficaram de fora? Ou um dos filmes, com estas cenas já inseridas em sua posição correta?

Teoricamente, nada impede que você faça até sua própria edição das aventuras de Luke Skywalker – se quiser, dublando com sua própria trilha sonora... As possibilidades são infinitas. Dá até para imaginar joguinhos em CD-ROM em que atores (Humphrey Bogart, Marilyn, Mickey Mouse?) e cenários (a Babilônia de *Intolerância*?) para você criar seu próprio filme...

Se o preço ainda é salgado de doer – o sistema integrado descrito acima sairia entre sete e oito mil dólares *nos EUA* – tudo é uma questão de tempo. E das malditas leis de informática e importação neste país chamado Brasil.

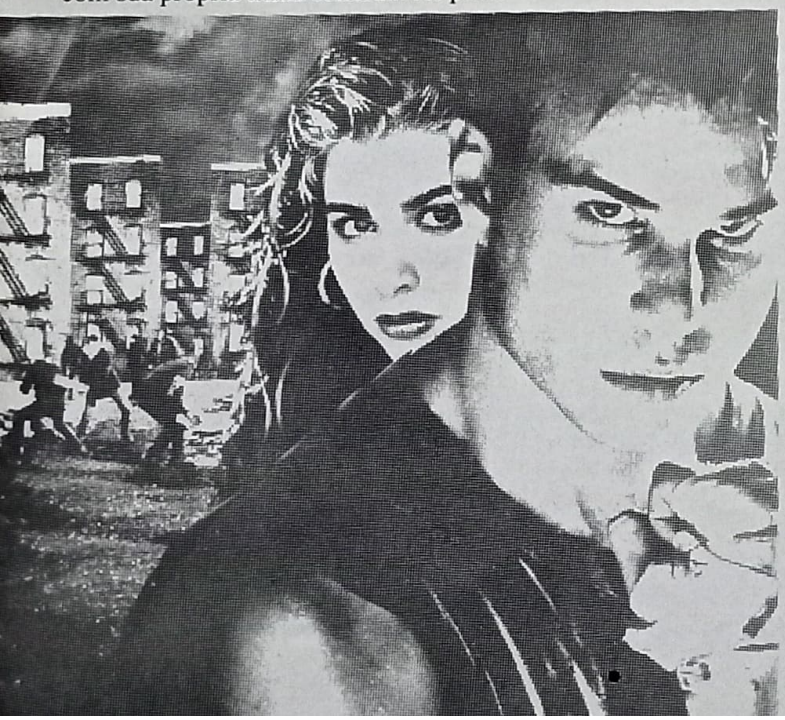
José Emilio Rondeau/José Augusto Lemos

SET

CINEMA CIBERNÉTICO NO CONFORTO DO LAR

Objeto do desejo de todo cinéfilo que se preze: o laserdisc interativo de *Cidadão Kane*, editado pela Criterion

O maior catálogo de CD-ROM pertence à Voyager, também detentora do selo Criterion – especializado em laserdiscs de filmes "interativos". Na versão da Criterion para *Taxi Driver*, por exemplo, a tela pode se dividir para que o diretor (Scorsese) e o roteirista (Paul Schrader) intervenham com comentários relativos à cena que se está assistindo. Gostou? No de *Caça-Fantasmas*, você pode ver as cenas com e sem efeitos especiais. A maioria dos discos laser da Criterion é enriquecida por "suplementos multimídia": roteiros (original e definitivo), storyboards, stills, material utilizado em pré-produção, cenas inéditas no cinema e o escambau. Cada um deles custa 99 dólares.



As ruas o tornaram um lutador.
O submundo o transformou num "Gladiator".
Sua única saída: Vencer ou morrer.

Gladiator
O DESAFIO

COLUMBIA PICTURES Apresenta Uma Produção PRICE ENTERTAINMENT/STEVE ROTH Um Filme de ROWDY HERRINGTON "GLADIATOR" CUBA GOODING, JR. JAMES MARSHALL ROBERT LOGGIA OSSIE DAVIS e BRIAN DENNEHY como "Horn" Produtor Executivo Musical BUDDO CARR Música de BRAD FIEDEL Co-Produtor KENNETH UTT Roteiro de PETER ZINNER, A.C.E. Supervisão de Produção GREGG FONSECA Diretor de Fotografia TAK FUJIMOTO Música de DJORDJE MILICEVIC e ROBERT KAMEN Baseado em LYLE KESSLER e ROBERT KAMEN Produzido por FRANK PRICE e STEVE ROTH Dirigido por ROWDY HERRINGTON

LANÇAMENTO NACIONAL
EM MAIO

UM LANÇAMENTO COLUMBIA PICTURES

Ah, que Saudades!

Tenho saudades dos bons tempos em que SET tinha muito mais páginas e Matérias de Capa grandes e interessantes. Porém, com a edição nºs 2, ano 6, pude sentir que nem tudo é escuridão. Parece estar havendo um feliz retorno à "velha" e boa SET. As matérias sobre *Star Trek VI*, *Hook* e *Um Estranho no Ninho* são provas de que se pode escrever com conteúdo. Continuem assim e vocês voltarão a fazer a melhor revista de cinema e vídeo do país.
Denilson V. Crispim
(Taubaté — SP)

Capas de SET

As capas de SET das edições nºs 2 e 3, ano 6, estão entre as melhores da história da revista. Por favor, deixem de lado as "colagens" horrorosas das edições anteriores.
Vitor Luiz de Andrade
(Belo Horizonte — MG)

•

Acho que só a capa da edição nº 3, ano 6, vale seu preço. Ela está maravilhosa.
Charleston Antônio Oliveira
(Bom Despacho — MG)

Dirty Dancing

Como uma das milhares de fãs de *Dirty Dancing* adorei ver publicada uma reportagem especial sobre o filme.
Mirella Trindade
(Teresina — PI)

Parabenizo SET e Fátima Gigliotti pelo comentário do filme *Dirty Dancing* (nº 3, ano 6). Apesar dele ter sido duramente criticado por José Emílio Rondeau quando foi lançado nos cinemas (edição nº 8, ano 1), com palavras como "bomba", "reprimido", "ingênuo", "tacanho" etc., a articulista nos fez esquecer do mau humor do sr. Rondeau.
Ivson Farias
(Recife — PE)

Tamanho É Documento

No ensaio Tamanho É Documento publicado em SET nº 2, ano 6, o autor do texto cita o seguinte: "Quem sabe, se no caso de um *O Pestinha 3*, os produtores arranjem mais um pestinha, somando-se três em progressão geométrica, de acordo com as continuações". Tal ensaísta quis passar por engraçado, mas acabou passando por desinformado, pois a sequência a que ele se refere (1,2,3) é uma progressão aritmética de razão 1. Pode parecer uma bobagem escrever para reclamar disso, já que o assunto não está relacionado com cinema e sim com matemática.
Ricardo Araújo Cozer
(Olinda — PE)

O texto do ensaio Tamanho É Documento (nº 2, ano 6) é uma sequência de pequenos resumos de filmes estrelados por crianças, (mal) remendados a comentários infelizes. De onde o autor tirou que depois da saída de Salvatore Cascio de *Cinema Paradiso* "o filme perde a graça"? No segundo parágrafo ele chama o cinema de "pouco original".

Fox

Francamente, desprovido de criatividade e originalidade é esse ensaísta que escreve no final do texto: "A platéia aplaude e ainda pede bis, a platéia só deseja ser feliz". É demais!
Henrique Rodrigues da Cunha
(Sorocaba — SP)

Tapas e Beijos

Realmente está cada vez mais difícil "ler" SET. Depois que mudou seu visual, parece que as matérias, críticas e comentários também pioraram. Entre as decepções mais recentes enumero dois exemplos da edição nº 2, ano 6: 1) a matéria sobre *Cabo do Medo*, refilmagem de um grande filme de 1962 dirigido por John Lee Thompson, não se dignou a citar o nome de Thompson; 2) o ensaio Tamanho É Documento simplesmente ignorou a carreira do então astro infantil Roddy McDowall em fitas imortais como *Como Era Verde meu Vale* (1941) e *A Força do Coração* (1942), ao lado de Elizabeth Taylor. Nesta edição salvaram-se matérias sobre *Hook*, as nossas intocáveis fichas de cine&vídeo e a foto de Kim Hunter nos bastidores de *O Planeta dos Macacos*.
Luiz Saulo Adami
(Brusque — SC)

Alvorada

Como leitor assíduo que sou de SET, parabenizo-os pela excelente edição nº 2, ano 6. A revista está ótima, com uma capa lindíssima, cujo destaque é a reportagem sobre *Hook*, complementada pela entrevista com os "quatro" responsáveis pela obra. Interessante também a matéria com o filme de Hector Babenco, *Brincando nos Campos do Senhor*, o qual nos fala de um assunto importantíssimo, a Floresta Amazônica.
Cláudio Ferreira Melo
(Bonito — PE)

Respeito ao Leitor

É com prazer que percebo que SET respeita a opinião de seus leitores, aceitando, na edição nº 3, ano 6, o apelo saudosista e retorna com a ótima seção Mito.
Lindalva dos Santos
(São Vicente — SP)

Morte Certa

Meus pêsames à SET, a qual cada vez se afunda mais na lama, caminhando para a morte certa. A edição nº 3, ano 6, para variar estava péssima e merece algumas observações. Primeiro, o filme *JFK* foi lançado no Brasil há muitos meses e só agora SET se prontifica a falar sobre ele. Quando todos falavam da polêmica levantada por Oliver Stone, SET preferiu colocar o filme *Hook*, que seria lançado dois meses depois.
Marcelo Leandro Bonaldo
(São José do Rio Preto SP)

Oscar 92

Os leitores Maria Lucimar Pereira (Três Marias — MG); Marisa Baldo (Lages — SC); Reginaldo Marcelo Moreira (São José — SC); Erik Galordi (São Paulo — SP); Elson Dias de Melo (São Paulo — SP); Osmar Rodrigues de Mattos (São Paulo — SP); Flávio Figueiredo (São Paulo — SP); Adilson Aparecido Faboci (São Bernardo do Campo — SP); Eduardo Simeão Duarte (Rio de Janeiro — RJ); e André Henrique Dick (Hamburgo — RS) ficaram indignados com os erros da matéria sobre o Oscar 92 (edição nº 3, ano 6), e com razão. Infelizmente, nós da redação de SET, nada pudemos fazer para consertar os lamentáveis enganos, principalmente pelo o que chamamos de "prazo de gráfica". Quando a lista dos "indicados" foi divulgada pela Academia já tínhamos a matéria de Los Angeles pronta (inclusive em fotolito) e só tivemos tempo de incluir a tabela com as indicações. Prometemos uma matéria correta para próximo ano.

Errata

O leitor Marcelo Yassaki Fernandes (de Cáceres — MT) nos escreveu reclamando da qualidade gráfica das fichas de cine&vídeo e corrigir um erro na ficha de *Na Cama com Madonna*. Ele diz o seguinte: "vocês dizem que o verdadeiro nome de Madonna é Louise Veronica Ciccone. Todo mundo sabe que o verdadeiro nome original de Madonna é... Madonna Louise Veronica Ciccone. Entendido?"
Ok, Marcelo.

UM FILME DE GANGSTERS FASCINANTE E VIOLENTO

LANÇAMENTO

GABRIEL BYRNE

ALBERT FINNEY

JOHN TURTURRO

UM FILME DE JOEL E ETHAN COEN
OS AUTORES DE ARIZONA NUNCA MAIS

AJUSTE FINAL

(MILLER'S CROSSING)

abril vídeo

1992 FoxVideo Inc. Todos Os Direitos Reservados FoxVideo™ e Twentieth Century Fox™ e seus logos são marcas registradas da Twentieth Century Fox Film Corporation.

FOX VIDEO

R397

INTELLIGENT MOVIE.

A Primeira Câmera VHS Compacta com Iluminação Automática.

Enquanto a nova câmera G200 Panasonic trabalha, você se diverte. Com o ultra-rápido Auto Focus Digital AI (Artificial Intelligence), e uma iluminação incorporada que funciona automaticamente. E mais: 8X Power Zoom com controle na ponta dos seus dedos. "Intelligent Movie" Panasonic - para dia e noite.

VHS
NV-S200PN

VHS
NV-G200PN

Panasonic

Patrocinador Mundial dos Jogos Olímpicos de 1992

À venda na Zona Franca de Manaus.